

MARIA CHRISTINA DE LIMA FÉLIX SANTOS

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO MUSEAL EM CAMPO GRANDE -
MS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO LOCAL**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2019**

MARIA CHRISTINA DE LIMA FÉLIX SANTOS

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO MUSEAL EM CAMPO GRANDE -
MS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO CONTEXTO DO
DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Profª Drª Maria Augusta de Castilho.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

S237p Santos, Maria Christina de Lima Félix
Patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS: perspectivas
e desafios no contexto do desenvolvimento local / Maria Christina de
Lima Félix Santos, sob orientação da Profª Drª Maria Augusta de
Castilho.-- Campo Grande, MS: 2019.
168p.

Tese (doutorado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo
Grande, 2019

1. Patrimônio histórico - Mato Grosso do Sul. 2. Museus - Campo
Grande (MS). I. Castilho, Maria Augusta de. II. Título

CDD: Ed. 21 -- 363.69098171

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS: perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local

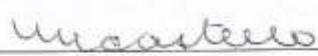
Área de concentração: Desenvolvimento Local em Contexto de Territorialidades

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade Dinâmica Territorial

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Local.

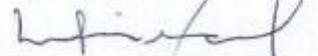
Exame de Tese aprovado em: 16 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA


Prof.º Dr.º Maria Augusta de Castilho
Universidade Católica Dom Bosco


Prof.ª Dr.ª Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco


Prof. Dr. Heitor Romero Marques
Universidade Católica Dom Bosco


Prof.ª Dr.ª Maria Geralda de Miranda
Centro Universitário Augusto Motta/RJ


Prof.ª Dr.ª Adrianna Cristina Lopes Setemy
Fundação Getúlio Vargas/RJ

Dedico aos professores e educadores museais, profissionais que oportunizam por meio de ações educativas, o acesso democrático aos bens culturais, fazendo das visitas aos museus momentos inesquecíveis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre em primeiro lugar, por ter me dado sabedoria para vencer as adversidades e alcançar novas conquistas.

A minha orientadora e amiga, Prof^a Dr^a Maria Augusta de Castilho, pessoa maravilhosa, por acreditar na minha pesquisa, por sua precisão, firmeza, e, carinho nos momentos de orientação. E acima de tudo por me orientar cotidianamente com o seu exemplo de integridade e de profissional comprometida com a educação. Obrigada pela demonstração de sabedoria e principalmente humildade (características dos sábios). “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes” (Cora Coralina - 1889-1985).

A todos os professores do Programa de Doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, grandes mestres que me mostraram o caminho a percorrer e, em especial, à Prof^a Dr^a Arlinda Cantero Dorsa coordenadora do Programa pelo incentivo e colaboração na pesquisa, e por tantas sugestões assertivas durante o período do doutorado.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa/CNPq, Cultura religiosidade e saberes locais, pois nossas reuniões, momentos de leitura e discussões em busca do conhecimento contribuíram sobremaneira na construção do referencial teórico desta pesquisa. Gratidão a todos e a cada um de vocês em especial.

À minha amiga Janete Miranda de Mello pela colaboração na formatação da pesquisação que propiciou maior tempo para minha dedicação ao trabalho, suavizando a carga do pesquisador, mas acima de tudo por sua amizade e carinho.

Em especial, e, em destaque ao meu amor Wagner Reis Santos Filho, meu marido, pelo apoio incondicional e incentivo, durante todo o período do Doutorado, pois sem o apoio familiar nada seria possível. Obrigada, meu amor, por estar comigo nos momentos difíceis e me incentivar, mostrando-me que poderia vencer os desafios. Sou grata por sua atenção, carinho, paciência, sugestões e principalmente, por me substituir tantas vezes na educação de nossa filha Nathália Christina, que por ser autista, requer atenção redobrada.

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e incluições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes.

(IBRAM, 2010)

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. **O patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS: perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local.** 2019. 168 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019.

RESUMO

A tese aborda a análise histórica da concepção dos museus no mundo, com destaque para o Brasil, Mato Grosso do Sul e Campo Grande/MS, apresentando os marcos conceituais que subsidiaram o estudo dessa temática, estabelecendo uma análise da realidade - o fazer museal do município de Campo Grande e aquilo que, na teoria, é entendido como boas práticas educativas museais. Nesse contexto contribuíram com a base teórica do trabalho, autores como: Michel Foucault (1984), Pierre Bourdieu (1990), Edgar Morin (1991), Paulo Freire (1997) e Stuart Hall (2014). Evidencia-se também, uma conexão entre a prática dos museus no Brasil e os estudos dos teóricos: Howard Gardner (1994), Hugues de Varine (2013), John H. Falk e Lynn D. Dierking (2018). O estudo assinala o marco legal de museus, correlacionando-os didaticamente com exemplos de boas práticas museais em Campo Grande - MS. O problema investigado na pesquisa volta-se a falta de planejamento para desenvolvimento de ações voltadas para a gestão dos museus e o baixo fluxo de visitantes. A hipótese levantada foi a necessidade da efetivação de uma política pública voltada para a questão museal em Campo Grande - MS, com base nos preceitos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. A pesquisa foi pautada no método indutivo/dedutivo com uma abordagem sistêmica, apoiando-se em material impresso (livros, teses, jornais, artigos, imagens, documentos) e em trabalhos de campo (questionários, entrevistas e observações *in loco*), objetivando uma melhor compreensão da temática proposta. Vale ressaltar que há uma vertente focalizando os museus enquanto instrumentos de transformação social e a relação destes com o desenvolvimento local, por intermédio de práticas de preservação do meio ambiente e sustentabilidade, incluindo o turismo na economia. Demonstram-se no conteúdo do trabalho, os museus e projetos para a preservação da história e da memória, contemplando ações de governança, associada ao cidadão no processo de salvaguarda patrimonial e de desenvolvimento sustentável. A contribuição desta pesquisa incide na manutenção da história e da cultura campo-grandense por meio de políticas públicas e estratégias institucionais que possibilitem a preservação do patrimônio museal.

Palavras-chave: Museu. Escola. Memória. Patrimônio. Identidade.

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. **The museum issue in Campo Grande-MS: perspectives and challenges in local development context.** 2019. 168 f. Thesis (PhD. in Local Development) - Don Bosco Catholic University, Campo Grande, 2019.

RESUMO

This thesis is based on a historical analysis of the conception of the museums of the world, focusing on Brazil, Mato Grosso do Sul and the city of Campo Grande/MS by presenting the concepts which entailed the development of this study, establishing an analysis of the museum-making reality of the city and of that which in theory is acknowledged as coherent educational purposes of the museum. In this context, the basic theory was settled on authors such as: Michel Foucault (1984), Pierre Bourdieu (1990), Edgar Morin (1991), Paulo Freire (1997) and Stuart Hall (2014). It is also put into evidence a connection between the practices in Brazilian museums and the works of Howard Gardner (1994), Hugues de Varine (2013), John H. Falk and Lynn D. Dierking (2018). The study mentions the legal framework of museums linking them to the practices aforementioned. The issue addressed by this research is the lack of planning to develop actions directed towards museum management and low popular attendance. The hypothesis of the text was the settling of a public policy in order to deal with these issues in Campo Grande - MS, with the law number 11.904, from January 14, 2009 as a basis; law which institutes the Museums Statute and other arrangements. The research followed the inductive/deductive method with a systemic approach, being supported by printed material (books, theses, newspapers, papers, images and documents) and by field work (questionnaires, interviews and observation *in loco*) aiming a more accurate understanding of the proposed theme. It is important to highlight that there is a theoretical part focusing on museums as a means of social transformation and their relation to the local development through sustainable and eco-friendly practices, including tourism in economy. Throughout this work, it is possible to notice the perspective of museums and projects as a way to preserve both history and memory, encompassing government actions associated with the population in the process of patrimonial protection and sustainable development. This thesis contributes to the discussions regarding historical and cultural maintenance in and of Campo Grande through public policies and institutional strategies that enable the preservation of the patrimony in the museums.

Keywords: Museum. School. Memory. Patrimony. Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Biblioteca de Alexandria	50
Figura 2	- Gabinete de curiosidades	52
Figura 3	- Ida Laura Pfeifer	54
Figura 4	- Johann Natterer	55
Figura 5	- Fachada do Museu Nacional - RJ - Comparativo pós-incêndio	62
Figura 6	- Museus históricos por regiões urbanas - Campo Grande - MS	68
Figura 7	- Logomarca do ICOM	73
Figura 8	- Logomarca MARCO / MS	85
Figura 9	- Vista parcial do MARCO / MS	86
Figura 10	- Entrada principal do MARCO/MS	88
Figura 11	- Oficina de Circo / Expressão Corporal	90
Figura 12	- Oficina de desenho Mangá	90
Figura 13	- Atividades educativas desenvolvidas no MARCO/MS	92
Figura 14	- Logomarca do MuArq/UFMS	94
Figura 15	- Espaço de educação patrimonial	95
Figura 16	- Educação patrimonial MuArq/UFMS	96
Figura 17	- Ações Educativas no MuArq/UFMS	97
Figura 18	- Logomarca do Museu MCDB	98
Figura 19	- Guia Didático MCDB	99
Figura 20	- Expografia Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul	101
Figura 21	- <i>Layout</i> da sala de exposição de cultura indígena do MCDB	102
Figura 22	- Atividades de ações educativas realizadas no MCDB	103
Figura 23	- As múltiplas inteligências de Gardner	105
Figura 24	- Objetos museais do Museu José Antônio Pereira	109
Figura 25	- Acadêmicos do Tucuruvi - SP	117
Figura 26	- Imperatriz Leopoldinense - RJ	117
Figura 27	- Alunos da Escola Municipal Oliva Enciso em visita ao MCDB	133
Figura 28	- Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental no Laboratório de Tecnologia	134
Figura 29	- Renan E. Barbosa	135
Figura 30	- Daniely R. Martinez	135
Figura 31	- Alunos da Associação Juliano Varela em visita ao MuArq/UFMS	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos participantes da pesquisa	123
Gráfico 2 - Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa	124
Gráfico 3 - Profissão ou atividade que desempenha atualmente	125
Gráfico 4 - Zona da cidade de Campo Grande - MS em que habita	126
Gráfico 5 - Local que frequenta, em momentos de lazer	127
Gráfico 6 - Conhece algum museu em Campo Grande - MS	128
Gráfico 7 - Objetivo da visita realizada no museu	128
Gráfico 8 - Visita realizada aos museus em Campo Grande	129
Gráfico 9 - Sabe da existência de dois museus no prédio da Fundação de Cultura de MS	130
Gráfico 10 - Importância de se levar uma criança para conhecer um museu	131
Gráfico 11 - É a primeira vez que você visita o Museu	136
Gráfico 12 - Satisfeito com a visita que realizou	137
Gráfico 13 - Pretende retornar ao Museu nos próximos doze meses	138
Gráfico 14 - Aprendeu algo que se relaciona ao conteúdo ministrado na escola	138
Gráfico 15 - Conhece algum outro Museu em Campo Grande ou Centro Cultural	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mitologia grega: As nove musas	24
Quadro 2 - Museus mais famosos e visitados do mundo	57
Quadro 3 - Museus mais visitados no Brasil	60
Quadro 4 - Museus em Mato Grosso do Sul	66
Quadro 5 - Cronologia da museologia brasileira - 1818 - 2010	72
Quadro 6 - Relação museu-escola	78
Quadro 7 - Educação Museal - Múltiplos modelos	106

LISTA DE ABREVIATURAS

BNDS	- Banco Nacional do Desenvolvimento
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EFNOB/RFFSA	- Estrada de Ferro Noroeste do Brasil/Rede Ferroviária Federal S.A.
FCMS	- Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul
IBRAM	- Instituto Brasileiro de Museus
ICOM -LAC	- Comitê regional para a América Latina e Caribe
ICOM	- <i>International Council of Museums</i>
ICOM-BR	- Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus
ICOM-SUR	- Comitê regional dos países do Mercosul
ICPO	- Organização Internacional de Polícia Criminal
IES	- Instituição de Ensino Superior
INTERPOL	- <i>International Criminal Police Organization</i>
IPHAN	- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LPA/UFMS	- Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
MARCO	- Museu de Arte Contemporânea
MCDB	- Museu das Culturas Dom Bosco
MS	- Mato Grosso do Sul
MuArq	- Museu de Arqueologia
OMA	- Organização Mundial de Alfândegas
OMPI	- Organização Mundial de Propriedade Intelectual
OMT	- Organização Mundial do Turismo
ONG's	- Organizações não governamentais
PcD's	- Pessoas com Deficiências
PCN's	- Parâmetros Curriculares Nacionais
REME	- Rede Municipal de Ensino
SIEM-MS	- Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso do Sul
TICs	- Tecnologias de Informações e Comunicações
UCDB	- Universidade Católica Dom Bosco
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA	- Universidade Federal do Pará
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	- Universidade de Brasília
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIRIO	- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 METODOLOGIA.....	18
3 MARCOS CONCEITUAIS	22
3.1 Cultura, identidade e memória	26
3.2 Patrimônio cultural e museu	31
3.3 Comunidade e capital social	38
3.4 Território e territorialidade	42
3.5 Museu e turismo: diálogos com o desenvolvimento local	44
4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA	49
4.1 Museus e história.....	49
4.2 Museus no Brasil	59
4.3 Museus em Mato Grosso do Sul e em Campo Grande	64
5 MUSEUS NA PERSPECTIVA DE BOAS PRÁTICAS.....	70
5.1 Mediações educativas nos museus e a educação formal e não formal.....	76
5.2 O Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso do Sul - SIEM-MS	82
5.3 Os casos exitosos de educação patrimonial em Campo Grande - MS	85
5.3.1 Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul (MARCO/MS)	85
5.3.2 Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – (MuArq/UFMS).....	93
5.2.3 Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB).....	98
6 O MUSEU COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	104
6.1 Museu, patrimônio: a função do objeto museal	107
6.2 Museus e escolas: parceria na efetivação de ações culturais para a formação de público consumidor de cultura	109
6.3 O museu e o carnaval: encontros e confrontos da cultura popular e erudita.....	112
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	120
7.1 Percepção da comunidade local sobre os museus de Campo Grande - MS.....	121
7.2 Visita guiada dos alunos da Escola Municipal Professora Oliva Enciso ao Museu das Culturas Dom Bosco - MCDB	132

7.3 Perspectivas e desafios dos dirigentes dos museus de Campo Grande - MS pesquisados, no contexto do desenvolvimento local	139
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES	164

1 INTRODUÇÃO

Una educación desde la cuna hasta la tumba, inconforme y reflexiva, que nos inspire un nuevo modo de pensar y nos incite a descubrir quiénes somos en una sociedad que se quiera más a si misma [...] (Gabriel García Márquez, 1927-2014).

A escolha do objeto da pesquisa o patrimônio museal de Campo Grande - MS foi investigada sob a perspectiva da educação e do desenvolvimento local. A temática abordada relaciona-se à minha história de vida (valores e ideologias), que construí ao longo do fazer profissional¹.

Assim, no decorrer deste trabalho, por força da minha atuação no âmbito da educação patrimonial, sou levada a relatar a minha experiência no campo da implantação e coordenação de projetos na área. Minha formação em Pedagogia e o mestrado em Desenvolvimento Local me propiciaram uma trajetória profissional ligada à educação patrimonial, e um olhar social, acreditando que a educação é capaz de impulsionar o desenvolvimento. De 2004 até 2014 implantei e coordenei programas de educação patrimonial, no município de Campo Grande e em outros municípios do Estado de Mato Grosso do Sul. O primeiro projeto desenvolvido de 2004 até 2008 foi intitulado de “Projeto de Educação Patrimonial” (parceria com a Fundação Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação, de Campo Grande - MS) e o segundo “Educar para Proteger” abrangeu escolas públicas e privadas, de 2009 até 2014. Tal experiência representou um avanço no sentido de valorizar o conhecimento, como instrumento de preservação, enfatizando a cultura local como um caminho possível para a construção de um currículo comprometido com a transformação social. Ambos contaram com o apoio técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - 18^a Superintendência Regional de Mato Grosso do Sul.

Minha trajetória profissional inclui ainda a elaboração de pesquisas, oferecimento de cursos, oficinas, formação sobre museus a docentes e discentes, atuando em museus e espaços culturais, das mais diferentes tipologias em Campo Grande - MS: o Museu Lídia Bais, o Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul e o Museu José Antônio Pereira.

¹ A introdução está na primeira pessoa por se tratar da trajetória profissional e experiência da pesquisadora na educação patrimonial.

O patrimônio cultural confronta-se com as questões relacionadas à identidade, memória, coletividade e herança material ou imaterial. Portanto, com base nessa premissa, destaca-se a importância de repassar, pedagogicamente, conceitos de preservação, por intermédio de projetos de educação patrimonial. Ações educativo-culturais podem sensibilizar a sociedade para uma mudança de atitude: de espectador da proteção do patrimônio, para atores desse processo.

Por trabalhar na área de cultura há mais de 20 anos, e na área de educação há 33 anos procurei pesquisar os museus de Campo Grande - MS sob a ótica da educação patrimonial, inclusive, com pesquisa de campo, realizada na área do desenvolvimento dos referidos projetos. Um fator que contribuiu para delimitação do foco do estudo foi o desconhecimento e até a não preocupação por parte de alguns gestores museais de Campo Grande - MS, da definição e papel social deste espaço cultural - museu. Conforme dados do relatório do Plano Estadual de Cultura, da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, há grande carência de adequação na infraestrutura e nos instrumentos dos museus, bem como a capacitação ineficiente de servidores em suas respectivas áreas de atuação, destacando inclusive a inexistência de adaptação relativa à acessibilidade na maioria dos prédios museais (FCMS, 2013).

Os museus, por meio da educação patrimonial, permitem a criação de uma identidade cultural assumindo o patrimônio como um instrumento especial, para marcar as reminiscências, utilizando-se dos objetos para revelar histórias e o cotidiano das sociedades com alternativas viáveis para o futuro. A Educação Patrimonial é muito propagada como um instrumento para a preservação do patrimônio cultural, considerando que por meio de conhecimento e integração com a cultura local, o indivíduo amplia sua visão de mundo. As experiências realizadas em Mato Grosso do Sul demonstraram a viabilidade de se difundir e desenvolver atividades educativas com alunos de qualquer faixa etária.

Aliando-se o museu à escola, espaço formal de transmissão do conhecimento, deve-se considerar a cultura como meio essencial, reconhecendo que a educação e a cultura possuem práticas interdependentes e complementares. É importante estimular professores em atividades curriculares diferenciadas, para compor um projeto de educação patrimonial, com possibilidade de o professor adaptar esse tema transversal ao seu conteúdo programático. Neste caso, tal educação tem caráter interdisciplinar, quando programas e projetos educativos podem contemplar ações concretas, como, por exemplo, uma visita planejada a um museu podendo oportunizar múltiplas aprendizagens aos observadores do espaço. Todavia, poucos museus campo-grandenses podem ser considerados locais a serviço da sociedade, enquanto

instâncias fundamentais para o aprimoramento da democracia, da inclusão social, da construção da identidade, do conhecimento, da percepção crítica da realidade.

A presente pesquisa investigou casos exitosos de Educação Patrimonial em museus como: o Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq /UFMS) e o Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO/MS).

O estudo propõe uma reflexão acerca dos museus, sob o ponto de vista de uma cultura democrática que preserva e divulga seus bens patrimoniais, visando encontrar novas possibilidades de apropriação da herança artístico-cultural, por meio dos recursos disponíveis que possam justificar um plano de educação patrimonial eficaz. A intenção deste estudo é estimular a análise de práticas sistemáticas, culminando em projeto educativo não formal, fomentando os professores das escolas como agentes de desenvolvimento de ações culturais.

O problema investigado na pesquisa é a falta de planejamento para desenvolvimento de ações voltadas para a gestão dos museus e o baixo fluxo de visitantes. A hipótese levantada foi a necessidade da efetivação de uma política pública voltada para a questão museal em Campo Grande - MS, com base nos preceitos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, bem como, desenvolver políticas públicas e privadas que estimulem a visitação museal.

O trabalho em tela tem como objetivo geral - identificar os museus que foram instituídos e/ou que obedecem aos preceitos da Lei nº 11.904, de janeiro de 2009, em Campo Grande - MS. Quanto aos objetivos específicos destacam-se: a) elencar e analisar os museus em Campo Grande - MS, conforme os critérios institucionais, evidenciando a tipologia do museu, acervo e arquitetônico, estabelecendo novos desafios e perspectivas ao objeto de estudo (museus); b) identificar as ações educativas desenvolvidas nos museus; c) verificar a adequação, ou não, dessas instituições aos marcos legais que visam a salvaguarda do patrimônio arquitetônico, na perspectiva do desenvolvimento sustentável.

A pesquisa lança, para estudiosos em Museologia e Patrimônio, um olhar inédito acerca da realidade do patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS, com perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local.

O estudo está estruturado em sete tópicos, que discutem a trajetória da instituição museal, suas especificidades, enfatizando os museus como instrumento de transformação social. Tal estrutura compõe-se de: 1- Introdução - que assinala a proposta do estudo, seus objetivos e desafios sobre a realidade patrimonial da capital sul-mato-grossense; no item 2- apresenta-se a metodologia, com vertentes voltadas para: o método, mapeamento da área de

estudo, bem como as etapas do desenvolvimento do trabalho. No item 3- são identificados os marcos conceituais, com a interlocução da pesquisadora para se estabelecer uma conexão entre os principais aportes teóricos, tais como: cultura, identidade, memória, patrimônio cultural, museu, educação patrimonial, comunidade, capital social, território, territorialidade, turismo e desenvolvimento local. Com relação ao item 4- enfatizam-se os aspectos históricos da instituição museal, contemplando a percepção de que a história dos museus na atualidade está sendo estudada no Brasil de modo multidisciplinar. Os museus na perspectiva de boas práticas são discutidos no item 5- destacando o marco legal, bem como, as discussões atuais acerca da importância dos Planos Museológicos, expondo as orientações museais, do global ao local. Também, assinala-se neste item o museu como instrumento de transformação social que trata da parceria entre museus e escolas para a formação de público consumidor de cultura, evidenciando-se o papel do objeto nos museus, na construção da história, com a intencionalidade de lidar com o tempo pretérito, conferindo e experienciando intensidade e levando a participação no presente e planejamento para o futuro. Apresenta ainda, no item 6- o museu como fonte de saber e mostra que o museu vivo, precisa inter-relacionar-se com os saberes locais e a cultura popular, assinalando nesse percurso o carnaval e os encontros e confrontos da cultura popular e a erudita. No item 7- são apresentados os resultados e discussões, ocasião em que o estudo se volta para duas pesquisas de campo: visitação e conhecimento da população alvo sobre os principais Museus de Campo Grande - MS e de uma visita de alunos do Ensino Fundamental no Museu das Culturas Dom Bosco. As considerações finais, item 8- abordam toda a trajetória do estudo e suas relações com a educação patrimonial em Campo Grande - MS, seguida de referências, apêndices e anexos.

Deste modo, a pesquisa foi aprazada em um trabalho científico, contexto em que se realizou uma investigação voltada para as percepções dos sujeitos, utilizando-se técnicas observacionais centradas em abordagem quantitativa dos usuários dos museus e suas concepções, acerca do conhecimento, preservação e conservação do patrimônio cultural em Campo Grande - MS. Tal científicidade pautou-se em teóricos com enfoque aos conceitos de museologia e patrimônio, lançando-se um olhar original em relação a realidade do patrimônio cultural museal, com perspectivas e desafios no âmbito do desenvolvimento local.

2 METODOLOGIA

[...] para estar inteiramente a serviço da comunidade [...] o museu não pode abdicar de seu papel como instrumento crítico de recuperação, acesso e entendimento da extraordinária diversidade da experiência humana e do mundo em que vivemos (MENESES, 2002, p. 7).

Os aspectos metodológicos da pesquisa assinalam os procedimentos utilizados, a abordagem e a natureza, apresentando a técnica de coleta de informações, a forma de análise, interpretação de dados e as percepções dos entrevistados acerca da temática museal.

O método escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi o indutivo com aspectos dedutivos, uma vez que o método como um conjunto das normas básicas que devem ser seguidas para a produção de conhecimentos tem o rigor da ciência, ou seja, é um método usado para a pesquisa e comprovação de um determinado conteúdo, resultante da observação sistemática de fatos, seguido da realização de experiências, das deduções lógicas e da comprovação científica dos resultados obtidos. Reforça essa concepção Lakatos e Marconi (1986, p. 83) ao afirmarem que:

A indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. O objetivo dos argumentos indutivos é direcionar o raciocínio a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

De acordo com Soares (1995, p. 47) “a indução parte de dados particulares, premissas particulares para se chegar a uma conclusão geral. O processo indutivo busca a verdade, partindo de dados particulares, conhecidos como princípios de ordem geral desconhecidos. É um raciocínio que parte do efeito para a causa”.

Por outro lado, a dedução na ótica de Martins (2004, p. 27) “parte da premissa antecedente (valor universal) e chega ao consequente (conhecimento particular), exigindo o uso de recursos lógico-discursivos”.

O estudo em tela teve uma abordagem quali-quantitativa, uma vez que na ótica de Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, procurando entender os fenômenos em termos dos significados, que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos,

aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Esse tipo de estudo preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

Na ótica de Gibbs (2009, p. 19) “uma das funções da análise qualitativa é encontrar padrões e reproduzir explicações. Há duas lógicas contrastantes de explicação, a indução e a dedução”.

Identifica-se que há necessidade de se estabelecer em um trabalho científico o entendimento das percepções dos sujeitos, utilizando-se técnicas observacionais centradas em contagens quantitativas dos usuários dos museus e suas concepções, acerca do conhecimento, preservação e conservação do patrimônio cultural em tela.

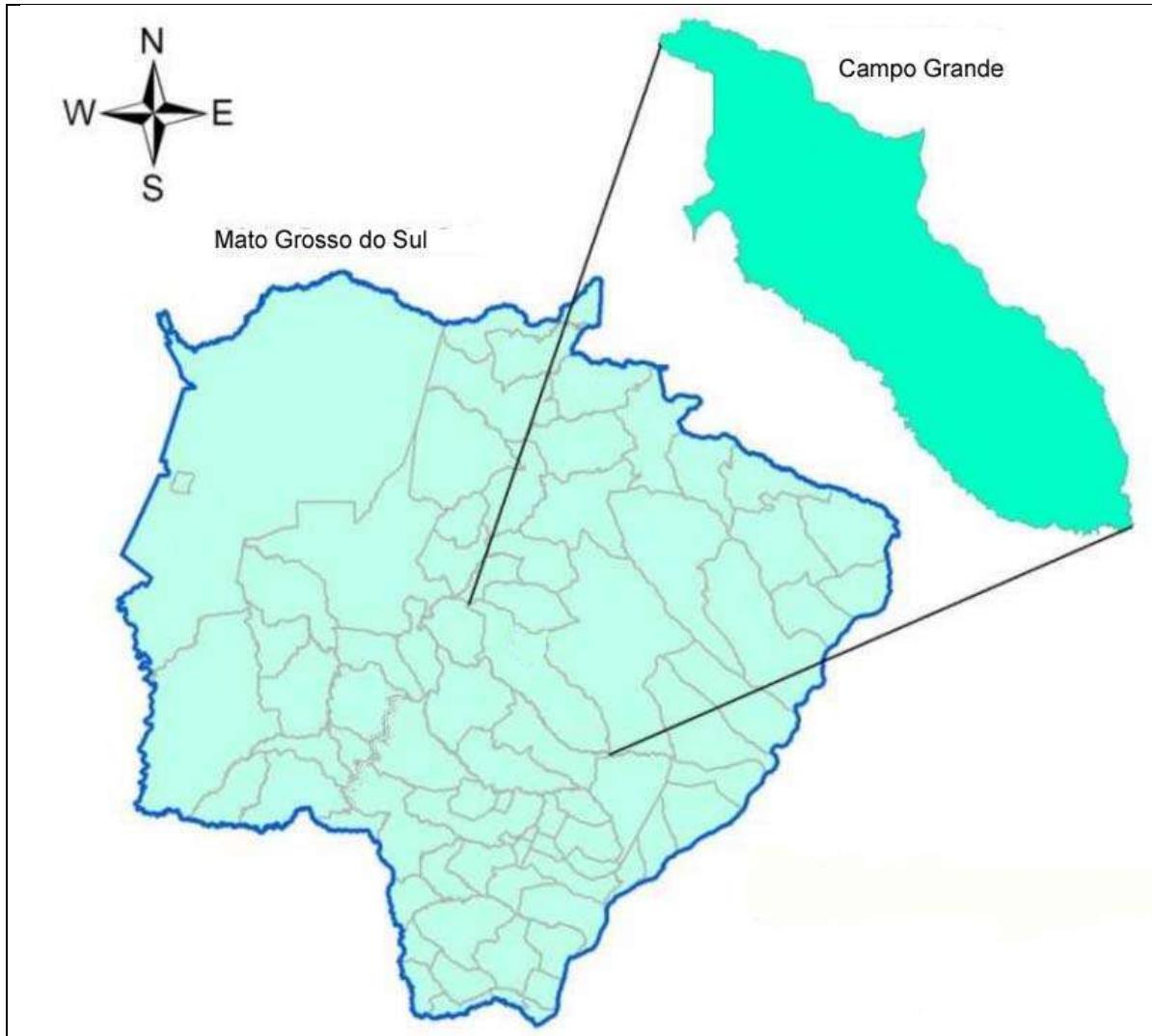
Minayo (2014, p. 47) conceitua a pesquisa como “atividade básica das ciências na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta atividade de ensino [...] pesquisa, é uma prática constante de buscar”.

Ainda Minayo (2001), assinala que todo pesquisador opera escolhas (mesmo sem ter a percepção clara disto), tendo como horizontes sua posição social e a mentalidade de um momento histórico concreto, cabendo à dimensão científica de um projeto de pesquisa estar integrada ao conhecimento prévio do pesquisador, ou seja, respeitar que o conhecimento empírico possibilita novas interpretações. O método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto um objeto do conhecimento, por meio de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico.

Após um longo período de observação, se desenvolveu a etapa de coleta e análise de dados; nesta etapa, a pesquisadora mostra os detalhes e gráficos dos resultados obtidos, para alcançar as respostas às indagações e elucidar a hipótese levantada, associando pesquisador às respostas adquiridas ao seu conhecimento teórico, apontando um amplo significado e decodificando as respostas obtidas com os entrevistados.

O estudo teve como área geográfica a cidade de Campo Grande - MS (Mapa 1).

Mapa 1 - Mapa de Mato Grosso do Sul - município Campo Grande



A pesquisa de campo foi desenvolvida em etapas distintas; compreendendo três grupos de entrevistados, todos os participantes autorizaram a utilização de seus relatos e imagem à pesquisadora, quanto aos alunos, por se tratarem de menores, tiveram a autorização dos pais ou responsáveis. O primeiro grupo foi composto por membros da comunidade campo-grandense, contando com a participação de 200 respondentes, sendo profissionais de diversas áreas que responderam ao questionário (Apêndice A) disponibilizado na plataforma *Google Forms*, nos meses de agosto e setembro de 2018. O segundo foi formado por alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professora Oliva Enciso, totalizando 59 estudantes que responderam ao questionário (via *Google Forms*) na sala de tecnologia da escola, após visita guiada ao Museu das Culturas Dom Bosco, realizada no dia 18 de setembro (Apêndice B). Objetivando colher as impressões destes alunos do ensino fundamental em seu

primeiro contato com um museu e, também, ressaltar a importância do trabalho em conjunto escola-família para a construção do conhecimento. O terceiro grupo de entrevistados abrangeu os dirigentes dos museus pesquisados: Museu de Arte Contemporânea (MARCO/MS), Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq) ocorrendo nos meses de junho e julho de 2019 (Apêndice C). Para esta fase de pesquisa de campo, o objetivo primordial foi entender como os dirigentes de museus locais veem a realidade de Campo Grande - MS e também ressaltar as ações educativas priorizadas por estes museus. A pesquisa de campo teve por finalidade verificar o contexto dos museus em relação à teoria de Educação Patrimonial; a coleta de informações suscitou um caminho para ações educativas em museus e ressaltou a real situação dos museus investigados quanto ao fluxo de visitantes. Por ser uma entrevista semiestruturada, foi pautada em duas questões: 1) A situação dos museus de Campo Grande - MS em linhas gerais e 2) Como se dá a educação patrimonial neste espaço cultural (museu). Esta fase da pesquisa proporcionou a análise da interação entre os entrevistados, levando à pesquisadora a percepção das similitudes entre os museus universitários Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Museu das Culturas Dom Bosco e as práticas do Museu de Arte Contemporânea de MS.

Os dados coletados foram demonstrados por meio de gráficos, que foram analisados e interpretados pela pesquisadora, fundamentado em autores que estão contemplados nos marcos conceituais da tese.

3 MARCOS CONCEITUAIS

O verdadeiro museu não ensina repetir o passado, porém a tirar dele tudo quanto ele nos dá dinamicamente para avançar em cultura dentro de nós, e em transformação dentro do progresso social (Mário de Andrade - IPHAN, 2002, p. 188).

A presente tese tem por base os estudos dos teóricos: Edgar Morin (1921) Stuart Hall (1932-2014), Pierre Bourdieu (1930-2002), Paulo Freire (1921-1997) e Michel Foucault (1926-1984).

Edgar Morin é considerado um dos principais pensadores sobre a complexidade. Entre as obras deste autor destacam-se - O método e a introdução ao pensamento complexo publicado originalmente, em 1990 e “Os sete saberes necessários para a educação no futuro”, publicado em 2000. Na Conferência de abertura do Seminário Internacional de Educação e Cultura, realizado em 2002, o autor destacou que: “a humanidade é ao mesmo tempo uma e múltipla. Sua riqueza está na diversidade das culturas, mas podemos e devemos nos comunicar dentro da mesma identidade cultural, ao nos convertermos em cidadãos do mundo, pois nos tornamos vigilantes e respeitadores das heranças culturais” (MORIN, 2002, p. 1). O autor acredita na interdisciplinaridade para mudar o rumo da educação, afirmando que “o professor deve ter consciência da importância de sua disciplina, mas precisa perceber que com a iluminação de outros olhares tudo vai ficar mais interessante” (MORIN, 2006, p. 1).

Com relação à obra: “O método e a introdução ao pensamento complexo” é importante evidenciar que seu grande desafio é que a partir do pensamento complexo busca-se estabelecer uma articulação entre os diferentes campos de pesquisas e disciplinas. Não pode fugir do desafio do completo, ou seja, de um modo de pensar, capaz de responder ao desafio da complexidade. Na mesma obra, o autor enfatiza que a complexidade faz parte da ciência e da vida cotidiana, pois são nelas que os indivíduos utilizam suas diversas identidades, seus papéis sociais. Ainda traz a discussão da função da ação como estratégia, prevendo assim diferentes ações que podem e devem ser alteradas em função de novas informações ou reações. No tocante a obra “Os sete saberes necessários para a educação no futuro” o grande desafio é entender a forma de a sociedade contemporânea agir, com relação à transmissão de conhecimento, de como lidar com os novos saberes com um olhar na formação mais humana e na afetividade para o fortalecimento do conhecimento.

Stuart Hall teórico cultural e sociólogo jamaicano, que atuou no Reino Unido a partir de 1951, quando criou a Escola de Estudos Culturais, onde a cultura mais do que um conjunto

de referências estéticas ou históricas de determinado grupo humano, é ponto crítico da ação e intervenção social, no qual relações de poder são estabelecidas e potencialmente desestabilizadas. Firmou dessa forma, a hegemonia da cultura numa concepção marxista². O autor trouxe grande contribuição aos estudos culturais propondo o estabelecimento de hierarquias, entre formas e práticas culturais.

Pierre Bourdieu (2002) destacou em seu trabalho a análise de como agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo em que a produzem, legitimam e reproduzem. Empreendeu uma investigação sociológica do conhecimento, na qual detectou um jogo de dominação e reprodução de valores; o autor vislumbra a escola como um espaço de reprodução de estruturas sociais. Bourdieu afirma que as práticas culturais são determinantes pelas trajetórias educativas e socializadoras dos agentes, ressaltando que o gosto cultural é fruto de um processo educativo ambientado na escola e na família e não fruto de uma sensibilidade inata dos agentes sociais. Nessas práticas, as relações de força são alicerçadas nas instituições transmissoras de cultura da sociedade capitalista. Para o autor, as instituições família e escola são responsáveis pelas competências culturais ou gostos culturais. Todavia, nas sociedades modernas ao lado dessas duas instituições, tem-se o poder das mídias sociais, que influenciam na construção da bagagem cultural.

Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial. Na obra “Pedagogia do oprimido” é importante ressaltar o pensar e o problematizar, que devem estar presentes na produção do conhecimento. O educando precisa ter a capacidade de se compreender como um ser social, e buscar a igualdade por meio do diálogo com educadores. Este aprende enquanto ensina: esta ação transformadora é uma ação pedagógica, da qual emerge novas possibilidades de renovação social. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 58). O autor acredita que uma pedagogia crítica contribuiu com uma filosofia da educação decorrente de pensadores clássicos como Platão, sendo marxista e anticolonialista moderno. “Nenhuma pedagogia que seja verdadeiramente libertadora pode permanecer distante do oprimido. Os oprimidos devem ser o seu próprio exemplo na luta pela sua redenção” (FREIRE, 1987, p. 21).

De acordo Michel Foucault na obra “A arqueologia do saber” (2012), o discurso é uma reprodução cultural construída pela realidade, acreditando que o conhecimento é construído de forma reguladora sobre o que é possível ou não de se falar; define o sujeito

² Cultura vista na sua autonomia relativa, ou seja, não é dependente das relações econômicas nem seu reflexo, mas tem influências e sofre as consequências das relações político-econômicas.

posicionando quem é ele e a importância de um conjunto de enunciados, como meio de formação discursiva.

Foucault enfatiza um conceito de que há uma rede de significados na formação do discurso, ressaltando que ocorrem diversas interpretações numa única fala. “Todo sistema de educação é maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (PEREIRA, 2003, p. 25).

Baseando-se em pesquisa bibliográfica salienta-se que museu, palavra de origem latina provém do termo *museum*, que deriva de *mouseion*, do grego, fazendo referência às nove musas gregas, filhas de Mnemosine (memória) e Zeus. De acordo com Henriques (2014), ao se trabalhar a história e a memória na construção do fazer museal, torna-se importante destacar algumas musas que influenciaram a construção do presente estudo. Para esta autora, essa inspiração está pautada em: Clio (musa da história), Urania (musa das ciências), Euterpe (musa do prazer). Clio, Urania e Euterpe estimularam a interpretar a questão circundante aos museus de Campo Grande, na maior parte formado de: coleções obsoletas; inexistência de projetos educativos; pouca ou quase nenhuma divulgação das exposições. Outra musa destacada foi Thalia (musa da comédia e alegria), que poderia servir de motivação para suscitar projetos instigantes aos moradores, visitantes, estudantes, educadores e turistas, motivando-os a conhecer na essência a importância que um museu traz para a construção patrimonial de um território (Quadro 1).

Quadro 1 - Mitologia grega: As nove musas

Musa	Significado do nome	Arte ou Ciência	Representação (Atributo)	Ilustração
Calíope	Bela voz	Eloquência; poesia épica	Tabuleta e buril (estilete), pergaminho, coroa de ouro	
Clio	A Proclamadora	História e fama	Pergaminho parcialmente aberto, clarim heroico, trombeta e clepsidra	

Musa	Significado do nome	Arte ou Ciência	Representação (Atributo)	Ilustração
Erato	Amor, desperta desejo	Poesia lírica, erótica	Pequena lira e arco	
Euterpe	A doadora de prazeres	Música	Flauta	
Melpômene	A poetisa, a cantora	Tragédia	Uma máscara trágica, uma grinalda (folhas de videira) clava	
Polímnia	Hinos	Música ceremonial e poesia sacra	Figura velada, gesto sério	
Tália	A festiva, que faz brotar flores	Comédia	Máscara cômica, coroa de hera ou bastão	
Terpsícore	A rodopiante	Dança e canto coral, “mãe das sereias”	Lira e plectro	
Urânia	A celestial	Astronomia, astrologia e matemática	Globo celestial e compasso	

Fonte: Imagens de BRANDÃO (2002). Adaptação de Maria Christina de Lima Félix Santos/2018.

O *mouseion*, ou casa das musas era um local privilegiado, mistura de templo e instituição científica, onde a mente repousava e o pensamento ficava liberado de interferências, problemas e ações corriqueiras deixando a alma livre para criar (SUANO, 1986).

O museu na contemporaneidade é um meio para a construção do conhecimento, para a permanência da memória e para a preservação do patrimônio cultural valorizando o capital social para sua inserção na história. Enfatizando o museu como elo entre o indivíduo e a história, integrando o passado, o presente o futuro.

3.1 Cultura, identidade e memória

Em uma visão contemporânea, cultura é essencialmente uma característica humana, pois somente o homem tem a capacidade de desenvolver culturas (destacando-se dos animais e vegetais). A cultura de cada grupo social é repassada aos seus descendentes, reforçando a ideia de cultura ser um elemento social. Assim, seu conceito pode ser empregado, tanto nas comunidades desenvolvidas do ponto de vista técnico ou econômico, quanto nas sociedades mais primitivas, que se organizaram de forma essencialmente primária.

Para se iniciar a reflexão acerca de cultura destaca-se a contribuição de Tylor (1871) de que a “cultura é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade”. Tylor foi o precursor do conceito de cultura com enfoque antropológico, do modo como é utilizado atualmente, na verdade, ele formalizou uma ideia que vinha se estabelecendo desde o Iluminismo. John Locke, em 1690, atestou que a mente humana era uma caixa vazia no nascimento, dotada de capacidade ilimitada de obter conhecimento, por meio do que hoje se chama de endoculturação, enquanto Tylor salientou a ideia do aprendizado no seu conceito de cultura.

Atualmente, entende-se cultura como um processo acumulativo. O ser humano recebe conhecimentos e experiências das gerações que o antecederam que, por sua vez, serão associadas no decorrer dos anos e transformadas com suas novas experiências para serem repassadas às gerações futuras. Assim, se as informações agrupadas forem adequadas e criativamente manipuladas, permitirão inovações e invenções. Essas não são o produto de acontecimentos isolados e pontuais, mas a mobilização de toda a sociedade.

A concepção de cultura para Stuart Hall (2015) é vista como um conjunto de significados partilhados, e além de serem entendidas como referências estéticas ou históricas

representando sempre relações de poder, produto de inter-relações humanas. Na conceituação de Geertz (1996), a cultura é tida como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções/programas para controlar o comportamento. Para este autor, o ser humano está preparado para recepcionar esse programa, ou seja, para se adaptar à cultura. Ainda sob a ótica de Geertz (1996), o conceito de cultura é essencialmente semiótico, que vem ao encontro do pensamento de Max Weber (*apud* GEERTZ, 2003, p. 34), quando afirma “[...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Geertz (1996) concebe a cultura como uma “teia de significados” que o homem tece ao seu redor e que o amarra, ressaltando que o termo cultura deriva de uma análise do sistema simbólico, claramente possível pelo isolamento histórico de comunidades, revelando as suas relações essenciais, repassadas aos descendentes por hereditariedade, evoluindo para a criação de um conjunto de ações coletivas, marcadas por uma ideologia própria, crenças, modos peculiares de se posicionar frente à sociedade. Assim, a cultura nunca é individual, particular, mas pública e coletiva.

A ideia de Geertz (1996), a respeito de cultura difere da teoria de Tylor que conceitua cultura como sendo um fenômeno natural e reforça o fato de cultura ser algo social, todavia podem-se considerar esses dois enfoques antropológicos para a formulação do termo cultura. Para Geertz (1996) a cultura é uma ciência interpretativa, à procura de significado e deveras oportuna, pois considerando cultura um termo análogo, diversos enfoques são necessários e complementares para a construção e a re-construção de um conceito contemporâneo bastante abrangente, em que se considere a visão da sociologia, da antropologia, da história e da arte em geral, para a composição de definições particulares. De acordo com o conceito de Johnson (1997 *apud* ÁVILA, 2006, p. 12):

Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele de uma sociedade inteira ou de uma família. Juntamente com estrutura social, população e ecologia, constituem-se em um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

Ao correlacionar o termo cultura a partir de diferentes dimensões, pode-se assinalar que enfoques diferentes são às vezes complementares: a dimensão da cultura de massa é um espelho do sistema industrial em desenvolvimento e pauta-se nas relações de consumo. Outra dimensão é a da cultura popular, que articula uma concepção do mundo em contraposição aos esquemas oficiais. Quanto à cultura erudita, ressalta-se que é transmitida de modo formal e, na maioria das vezes, articula-se na escola, sendo amparada pelas instituições formalizadas.

Esses enfoques perpassam todos os aspectos da composição da cultura nacional, que é essencialmente plural, tendo em vista a formação original do povo brasileiro.

De acordo com a UNESCO (2003), a cultura é compreendida como um conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social - engloba modos de vida, direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores e tradições e crenças. Percebe-se que a divulgação maior dessa cultura está no patrimônio material; por exemplo, com relação à cultura de Mato Grosso do Sul, nos postos de vendas de produtos turísticos são encontrados cartões postais, com imagens de exemplares da arquitetura de MS ou imagens simbólicas de artefatos indígenas com matéria-prima proveniente da fauna e da flora local.

Segundo Kashimoto, Marinho e Russef (2002, p. 36), “a cultura é caracterizada como um conjunto de atividades e crenças que a comunidade adota para enfrentar os problemas impostos pelo meio ambiente”. Considerando-se esse enfoque, a cultura contempla os diferentes aspectos da vida: conhecimentos técnicos, costumes relativos a roupas, alimentos, religião, mentalidades, valores, língua, símbolos, comportamento sociopolítico e econômico, formas autóctones de tomar decisões e de exercer o poder, atividades produtoras e relações econômicas, entre outros.

No aporte de Laraia (2006, p. 50), a “cultura é um processo acumulativo, resultante de toda experiência histórica das gerações anteriores”, desenvolvendo-se por intermédio da comunicação oral e da evolução humana na ocupação racional de seu próprio território, assim, a cultura seria um meio para favorecer ao homem a vida em sociedade.

De um modo sintético e objetivo tem-se cultura como a identidade, a essência de um grupo humano, as práticas sociais e movimentos conforme um padrão adequado àquele espaço e tempo em que estão localizados. A cultura está sempre enraizada em uma base territorial, proveniente da integração do homem com a comunidade e com o espaço, adaptando-se, portanto, às diversidades locais para construir sua própria identidade.

A identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade.

Para Da Matta (1986), a identidade do povo brasileiro reflete-se na maneira pela qual os indivíduos se inter-relacionam. Assim, os diversos fluxos migratórios acrescentam marcas de culturas distintas em Mato Grosso do Sul (MS) e encontram, na questão geográfica fronteiriça, terreno propício para o seu desenvolvimento, estando, pois, no inconsciente coletivo, ou seja, na identidade sul-mato-grossense referencial do ambiente pantaneiro.

Tönnies (1973) ao enfocar o sentimento de pertença, estabelece que o fundamento de uma comunidade tenha laços pessoais de reconhecimento mútuo e de adesão aos princípios e visões de mundo comum, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um território comum.

Freire (2000, p. 67) sinaliza que, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda, neste contexto [...]”, tem-se a educação patrimonial como um instrumento de alfabetização cultural, possibilitando ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido.

Preconiza Bourdin (2001, p. 222), que “a gestão local deve se preocupar em coordenar, organizar a oferta de serviços e os dispositivos que possibilitem a livre expressão da comunidade”. É uma maneira mais prática e mensurável de participação por meio da educação para a cooperação.

Bonnemaïsson (2002, p. 91) menciona que “a correspondência entre o homem e o lugar, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”.

Castells (1999) evidencia que as identidades são formadas culturalmente, assim, se edificam em torno de um conjunto específico de valores, cujo significado e uso compartilhado são marcados por códigos específicos de autoidentificação.

Para se enfocar as concepções de identidade, Hall (2015) propõe três concepções: inicialmente, a do sujeito do Iluminismo, baseada no indivíduo totalmente centrado, unificado e dotado da razão; posteriormente, a do sujeito sociológico que reflete a ideia de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, porém, composto por suas relações sociais e, finalmente, a do sujeito pós-moderno, as quais espelham mudanças estruturais e institucionais que tornam o processo de identificação instável, provisório e inconstante.

Identidade e memória são conceitos interligados, ao mesmo tempo em que a memória nos forma, pode-se também moldá-la, considerando-se a dialética memória-identidade, pois essas se conjugam e se retroalimentam, se apoiam uma na outra para construir uma trajetória de vida social.

Com relação à memória, Todorov (2002, p. 141), ressalta que “a memória é a vida do passado no presente”, ou seja, é a memória que nos permite conhecer as permanências e compreender as transformações.

Fernandes (2009) reforça que a preservação da memória cultural visa à continuidade das manifestações culturais de uma determinada comunidade e é, essa a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais.

Todas essas lembranças, histórias e memórias são relatadas aos mais novos por meio da história oral, e quando se aborda a história oral verifica-se um processo de recordação construtivo e que depende da situação presente, pois “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar as imagens de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Aliando a história oral à formação da memória, Von Simson (2000) relata que a história oral possibilita que indivíduos pertencentes a categorias geralmente excluídas da história oficial possam ser ouvidos, deixando registradas para análise futura sua própria visão de mundo do grupo social ao qual pertencem. Portanto, possibilita que se reavivando a memória daqueles que fizeram a história, e por meio desse mecanismo, a preservação está garantida. A salvaguarda da memória significa o meio pelo qual se produz a continuidade temporal e a memória pode ter duas grandes classificações: individual e coletiva.

Para Halbwachs (1990, p. 82), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, mudando o foco conforme o lado ocupado. “A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em conjunto”.

No aporte de Kessel (2010), a memória coletiva serve de referência para a construção do sentimento de pertença local, subsidiando a estruturação da memória individual nos campos histórico e simbólico. Ainda para o autor, a relação da memória com o ambiente e o lugar pode moldar fatos pré-ocorridos, auxiliando na estruturação da memória, assim como, a oralidade é a base para a construção da memória individual.

Para sustentar recortes resgatados via memória, alguns preceitos são importantes como: o personagem que compõe a história oral, os dados contados e/ou narrados e a figura do narrador.

Thompson (1992, p. 197) esclarece que “toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade”. Quanto à relação da memória com a narratividade, é imprescindível saber que o fato de registrar na memória e gravar, para a posteridade, dados importantes para a sociedade vindoura. Sobre esse assunto, Bosi (1994, p. 90) apresenta a seguinte reflexão:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos experimentadas no trabalho fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma sua matéria, a vida humana.

As narrativas contribuem para a composição de imagens da história passada àqueles que não viveram os fatos. Nesse enfoque, Fonseca (1997, p. 34), destaca que “o registro das histórias permite uma compreensão do modo de ser do indivíduo e do contexto social, de sua profissão, não como realmente existiu, mas como estes próprios sujeitos reconstroem suas experiências passadas”. Dessa forma a memória precisa ser conservada (BOSI, 1994).

Refletindo a respeito da afirmação de Bosi, é possível crer que, por meio da memória (não importando seu caráter individual ou coletivo), é possível a uma comunidade proteger sua história, conhecendo o passado para constantemente reconstruir o presente com base nas experiências pregressas.

3.2 Patrimônio cultural e museu

Patrimônio pode ser conceituado como a herança de uma sociedade no conjunto das realizações construídas ao longo de sua história, no que se refere à sua cultura.

O termo patrimônio, seguindo Houaiss (2009), são bens de família, herança, posses. Em suma, patrimônio na perspectiva cultural refere-se aos bens materiais e imateriais que compõem a memória coletiva de um povo. Todavia, signos materiais ou imateriais (objetos, construções, costumes, vestimentas) só podem ser considerados patrimônio se a comunidade ou alguém lhes conferir valor. Atualmente, discorrer sobre patrimônio é algo bastante complexo, pois envolve tudo o que constrói a cultura de um povo. Em uma visão etnológica, patrimônio origina-se do grego *pater*, que significa pai ou paterno, o qual se entrelaça sempre com a hereditariedade, sendo um conjunto de bens materiais ou imateriais ligados à identidade, à cultura e à história de uma coletividade.

A visão comunitária do termo patrimônio passou a ganhar força no século XIX, após a Revolução Francesa, quando os cidadãos elegeram edificações, monumentos e 19 símbolos para reforçar os acontecimentos históricos. Assim, os monumentos passaram a expressar, a partir de então, fatos de natureza ímpar ou feitos grandiosos. Funari e Pelegrini (2006, p. 19) discorrem sobre nacionalismo e patrimônio:

Em plena Revolução Francesa, em meio às violências e lutas civis, criava-se uma comissão encarregada da preservação dos monumentos nacionais. O objetivo era proteger os monumentos que representavam a incipiente nação francesa e sua cultura.

Ainda para os autores, inicialmente o conceito de patrimônio material representava a concretização da identidade nacional, sempre esteve atrelado a um conjunto de símbolos estéticos e artísticos, objetos de valor simbólico para a nação. Dessa forma, as produções artísticas e culturais que poderiam evocar a identidade e o passado das classes populares ficavam excluídas e se enaltecia o patrimônio material. Também se ressaltava como patrimônio material monumentos, edifício e objetos de grande enlevo artístico, o belo, o exemplar fazendo com que, após as guerras mundiais, houvesse por parte de alguns países, apropriação indevida de patrimônio proveniente de outros povos. Inclusive países democráticos se apropriavam do patrimônio de grandes civilizações, que passou ser considerado patrimônio nacional. Felizmente, na atualidade, muitas obras de arte que estavam em exposições e em museus fora de seu local de origem, foram devolvidas aos povos legítimos (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

O patrimônio cultural de uma nação, que compreende principalmente o artístico, estético, histórico, turístico e arqueológico, é importante para sua própria sobrevivência, de forma que deve ser protegido por seus cidadãos, os quais têm a obrigação de conhecê-lo, para saber a forma ideal de protegê-lo. Funari e Pelegrini (2006, p. 55) asseveram que:

Há muito por fazer, mas podemos afirmar que a experiência patrimonial no Brasil tem sido assimilada no seu sentido mais completo, em sintonia com a coletividade e a partir de conhecimentos antropológicos, sociológicos, históricos, artísticos e arqueológicos orientados por especialistas. A implantação de cursos de educação patrimonial, a organização de oficinas-escola e serviços em mutirão constituem em ações de importância fundamental no processo de envolvimento da população. Esse esforço, articulado com o estímulo à responsabilidade coletiva, contribuirá para consolidar políticas de inclusão social, reabilitação e sustentabilidade do patrimônio em nosso país.

O patrimônio cultural brasileiro está constituído não apenas pelas obras do passado, mas também por uma cultura viva e variada (IPHAN, 1994). O patrimônio histórico-cultural de Mato Grosso do Sul representa a sua cultura, pois são realizações de trabalho e criatividade de todos, que obviamente o de outras regiões. A identificação desse patrimônio e a análise se

fazem necessárias nesta contemporaneidade, conforme descrito por Lody (1998, p. 47), no II Seminário de Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul³, quando aponta o seguinte:

Num mundo cada vez mais globalizado, interativo, *on line*, os valores pessoais, individuais, ganham destaque e persegue-se, ao mesmo tempo, um verdadeiro ideal de singuralidade. Pode-se, inicialmente, unir os conceitos de singular, peculiar, próprio, com o de identidade, identidades. Planos de expressão do homem, do seu grupo, da sua coletividade.

A Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-MS) vem atuando em muitas atividades, que englobam o patrimônio do Estado de Mato Grosso do Sul, tendo os seguintes bens tombados, em âmbito federal: a) O Forte de Coimbra, em Corumbá; b) As Grutas do Lago Azul e de Nossa Senhora Aparecida, em Bonito; c) O Conjunto Histórico, Arquitetônico e Paisagístico do Casario do Porto, em Corumbá; d) O Complexo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil/Rede Ferroviária Federal S.A. - EFNOB/RFFSA, em Campo Grande; e) O Forte Junqueira, Muralhas do 6º Distrito Naval ou Base Fluvial de Ladário; f) Ponte Eurico Gaspar Dutra, Corumbá.

Envolvendo a questão do patrimônio ferroviário, o IPHAN-MS identifica que o inventário de toda a extensão da malha ferroviária no Estado está concluído, apresentando um espólio importante para a reconstrução da história da colonização do então Estado de Mato Grosso.

No contexto do patrimônio imaterial, encontra-se inscrito no âmbito federal, no Livro de Registro dos Saberes, desde 2005, o Modo de Fazer da Viola-de-Cochô⁴.

Todo trabalho do IPHAN em Mato Grosso do Sul segue os preceitos dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal Brasileira (1988). Destacam-se em seus projetos as ações de educação patrimonial, tais como a oficina-escola de ladrilho hidráulico em Corumbá, repassando a tradição dos mestres ladrilheiros corumbaenses e o Projeto Educar para Proteger, nos municípios de Campo Grande, Terenos, Aquidauana, Miranda e Dois Irmãos do Buriti.

De acordo com Lima (2007, p. 5), atual superintendente da 18^a SR IPHAN: a relevância cultural de Mato Grosso do Sul não se inicia com a criação do Estado em 1977,

³ O II Seminário de Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul: cultura, desenvolvimento e preservação foi realizado pela Universidade Católica Dom Bosco e Secretaria de Estado de Cultura e Esportes, no período de 8 a 10 de julho de 1998 em Campo Grande - MS.

⁴ Viola-de-Cochô -é um instrumento musical encontrado nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, no centro-oeste brasileiro. Recebe esse nome por ser confeccionada em tronco de madeira inteiriço, esculpido no formato de uma viola e escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Esse instrumento é feito da mesma maneira como se faz um cocho, objeto lavrado em um tronco maciço de árvore usado para colocar alimentos para animais na zona rural. Nesse “cocho” é afixado um tampo e as partes que caracterizam o instrumento, como o cavalete, o espelho, o rastilho e as cravelhas. A Viola-de-Cochô foi reconhecida como patrimônio nacional, registrada no Livro dos Saberes do patrimônio imaterial brasileiro.

mas se revela desde os primórdios da ocupação de terras que, segundo estudos arqueológicos comprovados por processos científicos de datação, de aproximadamente 11 mil anos atrás. É a partir daí que a herança cultural começou a ser construída, fundindo caracteres portugueses, espanhóis e indígenas que geraram cultura, fortemente caracterizada por essa miscigenação e pela influência desses povos, o que definiu, ao longo dos tempos, a peculiar identidade cultural de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A diversidade cultural é um traço determinante na formação do patrimônio cultural sul-mato-grossense, pois Mato Grosso do Sul faz fronteira com dois países: Bolívia e Paraguai e, com os Estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, possuindo na sua essência identitária a convivência com a segunda maior população indígena do país.

Essas influências estabelecem um processo de permanente diálogo multicultural e traçam a cultura local como a construção histórica de um produto coletivo da vida humana.

O papel do museu na contemporaneidade e sua relação com o patrimônio cultural reafirma que ambos desempenham o processo de desenvolvimento humano. Varine (2013) é enfático em assinalar que é a partir da compreensão de patrimônio comunitário que se planeja o desenvolvimento sustentável, para que ele seja durável e não se fragilize. O patrimônio serve para a tomada de consciência daquilo que a comunidade possui, portanto, é preciso classificar, proteger e conservá-lo, identificando e utilizando-o como material disponível, dele fazendo seu objeto.

Os museus são importantes meios de preservação da memória cultural de um povo, e responsáveis por seu patrimônio material ou imaterial. No início, sua finalidade era apenas de salvaguardar e não de disseminar as informações culturais. Ampliando esse pensamento, Hellwig (2008) ressalta que os museus são especialistas na recordação da memória, que estabelece um papel primordial na construção do imaginário e da identidade de uma sociedade.

A formação dos museus é também influenciada pela relação da humanidade com a memória e a história. Neste prisma, Castilho e Ferreira (2012, p. 31-32) afirmam que:

O museu retém o saber que os olhos deixam de observar no cotidiano, faz com que se possa lembrar o que está adormecido nas mentes e ainda nos devolve o cotidiano de povos que não existem mais, mas foram os construtores do presente e por isso não devem ser esquecidos.

Para Hellwig (2008), os museus são especialistas na recordação da memória, que estabelece um papel primordial na construção do imaginário e da identidade de uma sociedade.

De acordo com o I BRAM (2010, p. 34-5), Walter Benjamin (2006) acreditava nos museus como casas e “espaços que suscitam sonhos”, André Malraux (2000), considerava os museus, locais que “proporcionam a mais elevada ideia do homem”. De um modo e de outro, torna-se evidente a dimensão de humanidade dos museus: eles não são apenas casas que conservam e preservam vestígios e sobejos do passado; também são fontes de sonho e de criatividade e pontes que nos conectam com o futuro - um futuro que muitas vezes desperta no passado. Atualmente, diversos teóricos vêm expandindo e enfatizando as múltiplas capacidades e possibilidades dos museus para um enriquecimento geral no conhecimento, na qualidade de vida, na formação da consciência política e social da população.

O museu no enfoque da cultura reveste-se de diferentes funções bastantes evolutivas. Os museus possuem poder de sedução ao visitante, por aguçarem suas memórias, oportunizando que o visitante faça uma conexão entre o antigo e o contemporâneo. A museologia pode ser compreendida como uma prática a serviço da vida.

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos, iluminando valores essenciais para o ser humano. Espaço onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha (IBRAM, *site*, 2018).

Por meio dos museus, as comunidades locais recuperam a dimensão humana, evidenciando a identidade e a memória. Desse modo cada visitante acolhido por um museu acaba por saber mais de sua história e se sensibiliza ao pertencimento. Museu enquanto espaço e reconhecimento do patrimônio cultural e de preservação da memória e da diversidade. De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, p. 1).

Pode-se destacar ainda, na Lei nº 11.904, Art. 2º, os princípios fundamentais dos museus, quais sejam:

- I - A valorização da dignidade humana;
- II - A promoção da cidadania;
- III - O cumprimento da função social;
- IV - A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- V - A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- VI - A intercâmbio institucional.

Desde os tempos mais remotos o ser humano dedica-se a colecionar objetos, pelos mais diferentes motivos. Identifica-se geralmente o museu como espaço de conservação do patrimônio, recorte de memória do ponto de vista da história e da identidade nacional e cultural da nação ou por guardarem coleções capazes de subsidiar o conhecimento científico, compor a história natural. Museus são bens culturais de uso público que precisam ser mantidos, organizados e preservados em ação conjunta com a sociedade e o governo. Como espaços culturais são depositários da memória de um povo, ambientes encarregados de preservar obras produzidas pela humanidade, com suas histórias. Logo, ações de educação patrimonial em museus são atos facilitadores e provedores de um processo prazeroso de ensino-aprendizagem, inseridos dentro de uma ação cultural mais ampla, valorizando a cultura e a história.

A educação patrimonial apresenta-se como possibilidade de construção da identidade, participação, democracia e cidadania. Por meio da metodologia da educação patrimonial, inicialmente utilizada para desenvolver programas didáticos em museus é possível preservar, manter vivos os conhecimentos, mesmo que adaptados a novas realidades. Insere-se o conceito de alfabetização na construção dos conhecimentos patrimonial, tal a importância de se compreender os conceitos de educação patrimonial, para a formalização do conceito de desenvolvimento local. Interpretando o pensamento de Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6), ressalta-se que a:

Educação patrimonial trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

Na inter-relação do desenvolvimento local e da educação patrimonial, compreendem-se as cinco dimensões do conceito de Desenvolvimento Local: 1- a inclusão social, 2- o fortalecimento e a diversificação da economia local, 3- a inovação na gestão local, 4- a proteção ambiental e o uso racional de recursos naturais, 5- mobilização social (DOWBOR, 2002). Assim, pelo intermédio de práticas pedagógicas há a possibilidade do fortalecimento das ações de empoderamento social a população, a começar pelos educandos solidifica a construção da sua identidade, da sua história, por meio da preservação dos fatos do passado, chegando dessa forma a compreensão da realidade circundante. Itaqui (1998, p. 20) esclarece que:

A educação patrimonial possibilita uma relação do aprendiz com o objeto cultural em estudo, onde a realidade do educando passa a ser base para a aprendizagem. O desenvolvimento local e a educação patrimonial se integram, reflexões dessa natureza subsidiam a intervenção dos atores sociais e da governança na solução de questões pontuais que às vezes dificultam a compreensão do contexto.

As práticas de educação patrimonial comprovam a construção da educação continuada, integrando o conhecimento científico ao conhecimento tácito/local.

A participação comunitária na formação do acervo museal, desenvolve o sentimento de pertença, demonstrando que é primordial que a comunidade preserve a sua memória. Neste prisma, Dorsa (2010) ressalta que a sociedade representa um conjunto de grupos sociais que se organizam a partir de marcos de cognição social, que constroem no grupo social um conjunto de avaliações representativas do mundo e ele é decorrente do ponto de vista pelo qual este grupo observa, vê o mundo com seus objetivos, interesses e propósitos; esta diversidade, no entanto, apresenta uma unidade que resulta da memória social de uma nação.

É importante a sociedade perceber a educação patrimonial como um suporte no desenvolvimento da capacidade de participação na gestão do patrimônio, com análise crítica e

participação democrática levando o visitante de um museu ao fortalecimento dos sentimentos de identidade e de cidadania. A educação patrimonial deve ser considerada ainda uma prática de desenvolvimento local, compreendida como um conjunto organizado de procedimentos e ações que tem como principal objetivo a valorização dos indivíduos, das comunidades e de toda a sua produção cultural, fazendo com que o cidadão seja o agente de seu desenvolvimento, o maior responsável pela conservação de seu legado cultural.

3.3 Comunidade e capital social

O termo comunidade aplica-se em ampla referência, seja no contexto de aldeias, clubes, grupos étnicos e até nações e, como tantos objetos de estudo das ciências sociais é um termo polissêmico. Na visão de Pierson (1968), é na comunidade que flui a solidariedade, assim, a comunidade se faz essencial. Para este autor, a comunidade se define pela simbiose (isto é, simples viver em comum); a sociedade se define pela solidariedade; que permite a construção de uma unidade.

Para se entender as relações desenvolvidas no contexto das comunidades, pontuam-se as noções de Pierson (1968) a respeito de relacionamentos primários e secundários existentes no espaço de uma comunidade.

Os relacionamentos primários são aqueles ocorridos na família, na vizinhança, no bairro, na igreja, nas atividades de esporte. Dessa forma, as comunidades se solidificam pelos relacionamentos primários. Os relacionamentos secundários decorrem e se respaldam em regras formais (leis, regimentos, regulamentos, normas e decisões coletivas). Portanto, as sociedades, em sentido amplo regem-se pelos relacionamentos secundários.

Considerando a teoria de Pierson (1968), a comunidade ideal para o desenvolvimento local é aquela em que haja certa preponderância dos relacionamentos primários sobre os secundários ou no máximo se estabeleça o equilíbrio entre essas duas categorias. Refletindo sobre a teoria deste autor, percebe-se que a comunidade é vista como um círculo de pessoas que vivem juntas, que permanecem juntas, de sorte que buscam não este ou aquele interesse particular, mas um conjunto de interesses, reforçando que a comunidade organizada é condição para o sucesso de ações que impulsionem o desenvolvimento local.

Nessa mesma linha teórica, Weber (1987, p. 77) apresenta o seguinte conceito para comunidade: “chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”. Quando o enfoque é para

a comunidade, é necessário considerar que a solidariedade é um fator imprescindível no alcance de ganhos para o grupo.

No aporte de Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009, p. 162), “a comunidade é uma forma de praticarmos a solidariedade e o lugar ideal para unir forças no sentido de lutar para diminuir as diferenças sociais que assolam a nossa realidade”. Essa afirmação reforça o fato de que se pode pensar de forma comunitária, pois os ganhos para o grupo social serão evidentes, sendo a comunidade um lugar para se solidificar relações de cooperação ampliando atos de cidadania.

Tönnies (1973) já ressaltava que a confiança é a essência da comunidade, assim como grupos sólidos organizados ampliam as potencialidades da comunidade e são capazes de atingir ganhos sociais que levem a comunidade a um alto grau de desenvolvimento local. Sendo assim, para que a comunidade caminhe objetivando atingir o desenvolvimento local é preciso que ocorra a quebra do paradigma do individualismo, para o qual caminha a sociedade contemporânea. Amplia esta discussão Ávila (2001, p. 34), pois:

A cada dia que passa, a população se torna cada vez menos capaz de se organizar, administrar, solucionar ou pelo menos participar ativamente da resolução de seus problemas básicos. A sociedade, assim como a comunidade, passa por um processo de individualismo no qual se perde o caráter coletivo das ações e das queixas ou reivindicações e, ao mesmo tempo, perdem-se os valores que são referências e servem como padrão comunitário de organização, mobilização e participação.

Reafirmando a premissa acima indicada, Franco (2002, p. 50-51), assinala que:

Pode-se dizer que haverá mudança social quando houver alteração do capital humano e do capital social, assim fica óbvio que a estabilidade dos sistemas sociais é derivada de modificações no manejo social, pois uma comunidade solidária deve gerar necessariamente desenvolvimento social.

Neste contexto, Franco (2002) afirma ainda que o desenvolvimento local de um lugar depende, especialmente, do nível de envolvimento da comunidade com o local. Dessa forma, há que se sensibilizar a comunidade para que os agentes de desenvolvimento local possam aproveitar os recursos endógenos, motivando a identidade local e fazendo com que o sentimento de pertença local contribua com o processo de desenvolvimento da comunidade.

Para uma política de desenvolvimento local, a comunidade precisa estar articulada em todos os seus segmentos com a participação da sociedade civil, das organizações não governamentais, das instituições privadas e, de modo imprescindível, com a força das políticas públicas. Assim, o social trabalhará em prol do desenvolvimento local.

Na assertiva de Putnam (2000), o capital social é concebido como um conjunto de laços e normas de confiança e reciprocidade contidas numa comunidade que facilitam a produção de capital físico e capital humano. Para o aumento da eficiência da sociedade segundo o autor, é preciso reforçar as características que a compõem, como a organização social e a confiança, pois uma comunidade desenvolve-se a partir do momento em que consegue dinamizar suas potencialidades, ou seja, multiplicar seu capital social.

Capital social na concepção de Bourdieu (1990) é entendido como a soma de recursos decorrentes da existência de uma rede de relações de reconhecimento mútuo institucionalizado em campos sociais.

Fukuyama (2000, p. 28) mostra a confiança como um elemento indispensável na construção do capital social e ressalta que a identidade da comunidade é a base para a solidificação do capital social, enquanto “o conjunto de valores ou normas informais, comuns aos membros de um grupo, que permitem a cooperação entre eles”, reforçando, portanto, a condição essencial para a estruturação do capital social e dos laços de confiança.

Ávila (2000, p. 68) teoriza que “o núcleo conceitual do desenvolvimento local consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade definida”. Portanto, o capital social, que é composto, em suma pelas relações grupais (sindicatos, ONG's, associações), é prioritário para a comunidade se apropriar de suas potencialidades, gerando, por meio das ações, uma sociedade realmente cidadã.

Martín (2001, p. 62) assevera que o processo de formação do desenvolvimento local só é possível em uma comunidade solidária com investimentos no capital social, por meio de:

Un proceso dinamizador de la sociedad local para mejorar la calidad de vida de la comunidad local, siendo ll resultado de un compromiso por ll que se entiende el espacio como lugar de solidaridad activa, lo que implica cambios de actitudes y comportamientos de instituciones, grupos e individuos.

Esse conceito relaciona-se à ideia de Barquero (2002), que estabelece ser o capital social um elemento importante na construção do conceito de desenvolvimento local, permitindo que a comunidade resolva situações de conflitos de grande competitividade entre seus pares e avance por meio da ajuda mútua, a um nível ideal de cooperação capaz de impulsionar o desenvolvimento local. Marteleto e Silva (2004, p. 48) sinalizam que:

O capital social é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre

os diferentes grupos sociais. Dessa forma, são dependentes da interação entre, pelo menos, dois indivíduos. Assim, fica evidente a estrutura de redes por trás do conceito de capital social, que passa a ser definido como um recurso da comunidade, construído pelas suas redes de relações.

Kliksberg (2007) reforça que as potencialidades do capital social e da cultura devem ser fatores que agregam valores ao desenvolvimento econômico e social. Destaca ainda este autor, que o ser humano não é só um meio de desenvolvimento, mas sua finalidade última. Evidencia-se entre os bens de capital humano - a educação, pois os níveis de escolarização média de uma sociedade são fatores determinantes para gerar, absorver e difundir tecnologias, saberes e, dentre esses, a cultura se sobrepõe. A cultura caminha ao lado da educação, sendo um fator decisivo de coesão social, pois por meio da cultura as pessoas podem reconhecer-se mutuamente e desenvolver a autoestima coletiva.

Castilho, Arenhardt e Bourlegat (2009) destacam que, antes de querer promover o desenvolvimento econômico, é preciso criar ou construir valores sociais que propiciem o fortalecimento do capital social e da identidade local, com o objetivo de dinamizar a atividade econômica. Nesse contexto, aumenta a capacidade das pessoas se associarem em torno de interesses comuns, melhorando dessa forma as condições de desenvolvimento. Reforçando essa teoria, tem-se, ainda, a reflexão da cientista política Ostrom (2010, p. 1) que apresenta a “cooperação como a chave do sucesso para qualquer sociedade. Sem cooperar, o ser humano está fadado ao fracasso”. Para se elevar o índice do capital social de qualquer comunidade é preciso elevar o grau de cooperação entre os membros desse grupo e, para que haja cooperação, é essencial haver confiança.

No tocante à função social do museu, é necessário refletir que, na composição do capital social ressalta-se que o indivíduo precisa viver em cooperação para que haja a preservação cultural e o desenvolvimento local. Sendo assim, o museu e a escola, duas importantes instituições na construção social devem caminhar de forma integrada. No aporte de Bourdieu (2010) a escola tem a função de mediadora entre o museu e o aluno, por meio de planejamento educacional, para que as visitas orientadas complementem o ensino formal.

A escola pode afastar o senso comum, de que os museus são locais inacessíveis à população de baixa renda, e, favorecer em seus planos de ensino momentos de educação não-formal e informal, por meio do conhecimento ofertado em visitas a museus.

3.4 Território e territorialidade

Os conceitos de território e territorialidade consistem a base para a interpretação do objeto desta pesquisa, uma vez que é a geografia humanística que configura o território, o lugar no espaço vivido. O território é a razão para as relações humanas, sendo que o próprio ato de reconhecer o território como seu, demonstra que o sujeito consegue se perceber enraizado nele, sendo essencial na construção das relações sociais.

Tuan (1976) reconhece que o exercício de produzir a história de um local implica o reconhecimento de processos de identificação dependentes de sistemas culturais que articulam relações de vizinhança, territorialização e sentimento de pertença.

Verifica-se também, uma abordagem humanista, ou seja, com um recorte na psicologia, destacando o território como uma porção do espaço, em relação ao qual se desenvolvem afetos, por intermédio de experiências individuais e/ou coletivas (TUAN, 1976). Portanto, o território é a razão para as relações humanas reforçarem seu sentimento de pertença. O próprio ato de reconhecer o território como seu demonstra se o sujeito consegue se perceber enraizado nele e se está sendo importante na construção das relações sociais.

Raffestin (1993) assinala que o território é o espaço para o qual se planejou um dado projeto/trabalho de transferência de energia ou informação e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. Nesse contexto, identifica-se que a relação entre patrimônio cultural e organização social permite uma leitura mais abrangente das mensagens ideológicas subjacentes ao patrimônio. Conceituar, particularizar e compreender o termo território é base para se entender o contexto da pesquisa em tela.

Mitidiero e Castilho (2011) afirmam que o território é uma ordenação de espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais que se organizam e trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial, em que o agente principal pode ser ou não uma instituição pública ou privada.

Brand (2009) assinala território como algo em permanente reconstrução, dinâmico, perpassando pela evolução das sociedades tradicionais, local em que os homens por meio de sua cultura transformam o meio em que vivem.

Afirma Le Bourlegat (2010) que, nesse atual mundo globalizado, em que as relações entre o lugar e o mundo mediadas pelos territórios políticos-institucionais tornam-se cada vez mais relevantes, a ordem local transforma-se em força interna de desenvolvimento. O território pode ser compreendido como o conjunto dos sistemas naturais de um determinado

país ou determinada área, com os fatos construídos pelo homem. Franco (2002, p. 103) apresenta uma ligação clara entre território e desenvolvimento, inferindo que:

O desenvolvimento é sempre o aparecimento do que não existe, é uma fórmula nova, que cada localidade deve encontrar para se expressar no mundo. Mas é preciso que as pessoas aprovem isso, tenham orgulho de pertencer àquela comunidade e gostem de viver ali.

É necessário identificar a comunidade, o espaço vivido para estimular ações que motivem a sociedade ao desenvolvimento local, sendo essencial contextualizar território e territorialidade. Portanto, a territorialização pode ser considerada como um movimento que modifica as comunidades, com características de solidariedade e preponderância de relações primárias tão importantes para a composição da coletividade.

Santos (1994) ressalta que território não é apenas o espaço formado pelo conjunto de sistemas naturais, mas aquele constituído pelo sistema de coisas superpostas, que deve, sobretudo, ser conceituado como o território ocupado, vivido, onde as pessoas se relacionam, residem, trabalham, compram, estudam, vendem, têm as suas práticas religiosas e espirituais, formam suas identidades, desenvolvem os sentimentos de pertencimento. Segundo este autor, território é visto no contexto social e seu reconhecimento proporciona a análise da relação grupo/lugar. E, no aporte de Lastres e Cassiolato (2004, p. 25):

A territorialidade refere-se às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas -uma localidade, uma região ou um país -e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado território. A territorialidade reflete o vivido territorial, em toda a sua abrangência e em suas múltiplas dimensões: cultural, política, econômica e social.

Por sua vez, Rosendahl (2005, p. 1293) sustenta que o termo território apresenta um nítido caráter cultural, principalmente em referências a agentes sociais que compõem grupos étnicos ou religiosos:

Nos tempos atuais o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição.

Dessa forma, para Rosendahl (2005), a territorialidade deve ser reconhecida, como uma ação, uma estratégia de controle. Referindo-se ao Trem do Pantanal⁵, o retorno desse produto turístico, no ano de 2009 oportunizou à comunidade, estabelecida em seu território executar a reordenação do espaço e a troca de relações em todos os níveis sociais. Todavia o projeto não foi promissor e após seis anos, em 2014, o trem turístico foi extinto totalmente. Porém deixando com êxito ações de educação patrimonial.

Horta, Grunberg e Monteiro (1999) observam que conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens.

Segundo Marques (2001), o território é algo dinâmico e flutuante, o que implica o desenvolvimento em escala humana. Assim, é essencial que os museus tenham projetos consistentes e duráveis - Plano Diretor oportunizando o desenvolvimento crescente e eliminando a estagnação de seu espaço, enquanto local de construção do conhecimento. Portanto, o território/museu seria a razão para as relações humanas reforçarem seu sentimento de pertença. O próprio ato de reconhecer o território como seu demonstra se o sujeito consegue se perceber enraizado nele e se este espaço cultural é importante na construção das relações sociais.

Podem-se destacar conceitos para a palavra território, mas para o mato desta pesquisa, enfatiza-se a ideia de apropriação de um espaço, cuja parcela geográfica ocupada por uma comunidade se apropria do lugar e reconhece nele sua história, sua identidade, uma vez que a territorialização é um ato essencial para a construção do sentimento de pertença local.

Os museus precisam ser territórios para a comunidade se apropriar de suas memórias, valorizar o seu patrimônio. Este espaço cultural pode promover a aprendizagem informal e não-formal por intermédio do diálogo, levando o visitante museal a identificar o museu como um espaço em que os objetos simbólicos conduzem ao pertencimento.

3.5 Museu e turismo: diálogos com o desenvolvimento local

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2012) conceitua turismo como um conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais

⁵ A dissertação da pesquisadora teve por tema: Patrimônio cultural no contexto territorial da Noroeste do Brasil - NOB: perspectivas de desenvolvimento local das comunidades estabelecidas na rota do trem do pantanal. Enfatizando o papel da educação patrimonial para a preservação do patrimônio, bem como para a sensibilização da sociedade ao sentimento de pertença local.

situados fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse há um ano, por motivos de lazer, negócios e outros.

A visitação aos museus amplia a cultura, o sentimento de pertença e atrai dividendos ao turismo cultural; pouco explorado no Brasil e principalmente no Centro Oeste. Os museus são elementos importantes na construção do turismo, uma vez que compõem o território, a paisagem cultural e reforçam a identidade, sendo essencial ao contato do turista com esse espaço, assimilando a cultura local.

Para Yázigi (2002, p. 13), “paisagem significa mais um movo de ver do que de agir”, formando a paisagem cultural local e se entrelaçando com o museu, sendo um espaço ocupado e de convivência.

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014) ressalta ser essencial a aproximação entre museu e turismo, para a promoção do diálogo, percepção de oportunidades e o desenvolvimento local. Nesta perspectiva, é importante assinalar que o desenvolvimento do turismo com base local representa a coparticipação do indivíduo nas atividades turísticas evitando e/ou prevenindo a destruição da paisagem, a degradação do meio ambiente e a descaracterização das culturas tradicionais. O turismo com base local consiste numa mediação possível; garantindo parâmetros essenciais para o desenvolvimento local como a preservação/conservação ambiental, identidade cultural, geração de ocupações produtivas e de renda, desenvolvimento participativo e qualidade de vida. A atividade turística pode atuar como um importante fator de valorização de hábitos e costumes relativos ao cotidiano do núcleo receptor frente ao processo de globalização (IBRAM, 2014).

O turismo representa uma atividade econômica essencial na economia dos países, pois os espaços museais constituem fonte de recursos e propiciam a divulgação do patrimônio cultural local.

No conceito de Ferreira (2004), o sinônimo de desenvolvimento é crescimento, progresso, porém, desenvolvimento local vai além do viés socioeconômico, é muito mais do que investimentos econômicos para elevar uma dada localidade, contempla a dimensão econômica, porém se expande abrangendo: a dimensão cultural, a ambiental, a físcicoterritorial, a político-institucional e a tecnológica.

O desenvolvimento é um processo de transformação econômica, política e social, por meio do qual o crescimento do padrão de vida da população tende a tornar-se automático e autônomo. Trata-se de um processo social global, em que as estruturas econômicas, políticas e sociais de um país sofrem contínuas e profundas transformações. Não tem sentido falar em desenvolvimento apenas econômico, ou apenas político, ou apenas social (BRESSER-

PEREIRA, 2003). Amplia esta discussão Paula (2011) ao afirmar que uma concepção contemporânea de desenvolvimento parte do pressuposto de que promovê-lo é investir em diferentes escalas: desenvolvimento humano, desenvolvimento social e desenvolvimento sustentável. Ainda no entendimento de Franco (2002, p. 20), para que haja desenvolvimento local é “preciso compreender que todo desenvolvimento parte do protagonismo local, ou seja, o desenvolvimento só ocorre se houver o sonho, o planejamento e a ação das pessoas que compõem a comunidade (o local)”. Outro fator básico no processo de desenvolvimento local é o empoderamento⁶ dos atores sociais.

Por intermédio do desenvolvimento humano é possível ampliar os índices do desenvolvimento econômico, aumentar a ocorrência dos fatores condicionantes para o desenvolvimento local, que são o capital social, o compromisso da governança para com o povo e o uso consciente do capital natural.

A comunidade média ideal para efeito do desenvolvimento local é aquela stricto sensu em que haja certa (não exagerada) preponderância dos relacionamentos primários sobre os secundários ou no máximo se constate o equilíbrio entre essas duas categorias: a localidade demasiadamente primarizada é muito conservadora e fechada, tendendo a se manter no isolamento; e a muito secundarizada já se encontra esfacelada em termos de seus comuns sentimentos, interesses, objetivos, perfis de identidade e outros laços de coesão espontânea, sem os quais o desenvolvimento não emergirá de dentro para fora da própria comunidade, mesmo que à semelhança de nascimento por parto induzido, no qual os agentes e fatores externos não extrapolam os papéis de apenas indutores (ÁVILA, 2000, p. 70-3).

De acordo com Bourdin (2001), o grande desafio da questão de desenvolvimento local são as relações, que são objeto de associações diversas, complexas, estáveis ou instáveis. Este autor evidencia três processos que estão no centro das preocupações contemporâneas:

[...] A patrimonialização, que consiste na criação e na apropriação de um patrimônio, material ou imaterial, localizado ou deslocalizado; a pertença, isto é, a inserção dos indivíduos em grupos e a implementação desta inserção; e a localização, quer dizer, a associação entre o lugar e ação. Esses processos podem estar totalmente ligados e inseridos numa relação com o mundo que faz do enraizamento um valor de base (BOURDIN, 2001, p. 216).

No Brasil, percebe-se que tanto o patrimônio material quanto imaterial está em constante crescimento. O povo continua se expressando e adaptando seu modo de vida com os

⁶ O empoderamento, segundo Romano (2002), é uma abordagem que coloca as pessoas e o poder no centro dos processos de desenvolvimento e um processo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir.

padrões vigentes do sistema político, econômico e social. Porém, a divulgação do patrimônio por meio do turismo é uma maneira de cooperar com a permanência desse patrimônio e ressaltar a cidadania, como bem destaca Rodrigues (2001, p. 15):

A atividade turística é, portanto, produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual o concebemos atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos.

Os museus são espaços culturais com potencial para atrair um grande fluxo de visitantes, sendo cada vez mais procurados pelos turistas que almejam conhecer a história e as manifestações artísticas por intermédio dos acervos museais, que na atualidade são espaços integrados com o visitante e abertos a educação não-formal e informal. Sendo além de espaço de pesquisa um território de lazer e de reflexão no que concerne a memória.

Brand, Marinho e Lima (2007, p. 337), asseveram que “[...] a história aparece como condição essencial para o desenvolvimento local, uma vez que materializa certas articulações essenciais entre memória, identidade e participação coletiva”.

A preservação dos valores culturais por meio da educação se faz instrumento estratégico e eficaz para o exercício pleno da cidadania, por meio da utilização dos elementos da memória cultural e da consolidação de pilares e valores identitários.

A educação é importante na composição do capital humano que leva ao desenvolvimento local, pois baixos níveis de capital humano indicam baixos níveis de desenvolvimento.

Dowbor (2006) destaca ser essencial ligar educação e desenvolvimento, pois é necessário formar pessoas que possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de modificar de forma positiva o seu entorno, por meio de dinâmicas construtivas.

Paulo Freire (2000) sempre acreditou que o desenvolvimento só seria possível por intermédio da educação, afirmando que sem a educação a sociedade não muda. Dowbor (2006) e Freire (2000) referendam a teoria de Piaget (1971, p. 50) quando enfatiza que “a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram”.

Os investimentos em cultura e educação no Brasil são essenciais para o alcance de um bom nível de desenvolvimento, o Brasil foi um dos países que na atualidade teve grande

crescimento econômico, todavia a distância entre desenvolvimento econômico e desenvolvimento social é muito elevada, impedindo o progresso real da população.

A educação patrimonial conduz a comunidade a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, GRUNBERG; MONTEIRO, 1999), oportunizando por meio da educação e desenvolvimento que as gerações futuras conheçam, reconheçam e incorporem sua história pela interação com a cultura local.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS DA INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA

Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais (Galileu Galilei, 1564-1642).

4.1 Museus e história

O museu na perspectiva do desenvolvimento consiste em elemento a serviço do patrimônio, oportunizando uma reflexão da museologia que conduza a novas práticas educativas para os museus. Nesse aporte, Varine (2013, p. 172), afirma que:

[...] uma museologia que engaja na pesquisa de estratégias museais com alternativas ligadas as demandas de mudança emanada das sociedades; uma museologia que estimula a gestão e a utilização do patrimônio para o desenvolvimento social e comunitário, através da formação de recursos humanos responsáveis, isto é, de atores conscientes do desenvolvimento.

No que concerne à temática histórica dos museus, Suano (1986), ressalta aspectos a respeito da origem, evolução histórica, chegando à reflexão sobre a construção da formação profissional dos mediadores culturais, museus e demais profissionais que trabalham na instituição museal.

Destacam-se, ainda as teses e dissertações produzidas a respeito do objeto de pesquisa o museu; destacando alguns aspectos formais dessa instituição, seu papel enquanto instrumento essencial para o patrimônio cultural, bem como os desafios e perspectivas para os museus locais, tendo sempre o desenvolvimento local como mote fundamental para ligar os agentes de desenvolvimento ao espaço vivido, ou seja, sendo o museu como local de convivência comunitária.

Vale ressaltar que a temática museu é vista sempre de forma transdisciplinar, sendo que a cultura perpassa por áreas diversas como a educação, a saúde, a economia, a linguística, a biologia, dentre outras.

Como mencionado anteriormente, as musas eram as preservadoras da memória e cantavam com o intuito de manter a lembrança viva, representando a compilação de todo conhecimento, das ciências e da memória (JULIÃO, 2006). Ainda, segundo esse autor nas cidades antigas, como Atenas, eram expostas, pinturas nas escadarias da Acrópole, no século V

a.C. Já os romanos faziam exposições de coleções públicas em fórum, jardins públicos, templos, teatros e termas, enquanto que no oriente, cultuava-se mais a personalidade dos reis e heróis, bem como, objetos históricos com a função de preservação da memória e dos feitos gloriosos desses personagens.

A cidade egípcia de Alexandria foi construída por Alexandre, O Grande (daí seu nome Alexandria), quando o Egito foi dominado pelos Macedônios (CANFORA, 2001). No entanto, a Grande Biblioteca de Alexandria (Figura 1) não foi construída pelo Imperador da Macedônia, mas sim pelo Faraó Ptolomeu II (filho de Ptolomeu I, que outrora havia sido general de Alexandre), aproximadamente no ano de 290 a.C. (CANFORA, 2001). A biblioteca possuía manuscritos de todas as partes do mundo conhecido na época, além de contar com professores de medicina, astrologia, matemática e foi considerada a primeira faculdade do mundo (FLOWER, 2002). Junto a essa biblioteca, estava o Museu, contendo estátuas de filósofos, objetos astronômicos e cirúrgicos e um parque zoobotânico.

Por séculos o local preservou conhecimentos de várias áreas e de distintos povos, dos quais muitos foram destruídos e perdidos, devido à destruição dos seus acervos (FLOWER, 2002). Identifica-se, portanto, que na antiguidade, a maioria do acervo estava alocada em bibliotecas, uma vez que o museu ainda não havia sido formalmente instituído.

Figura 1 - Biblioteca de Alexandria



Fonte: <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2014/05/abiblioteca-e-o-museu-de-alexandria.html> (2019).

Ao longo da Idade Média a noção de museu quase desapareceu, mas o colecionismo continuou vivo e os acervos de preciosidades eram considerados patrimônio de reserva a ser convertido em divisas em caso de necessidade, para financiamento de guerras ou outras

atividades estatais (VERGER, 1999). Outras coleções se formaram com objetos ligados ao culto cristão, acumulando-se em catedrais e mosteiros grandes quantidades de relíquias de santos, manuscritos, iluminuras e aparatos litúrgicos em metais e pedras preciosas (VERGER, 1999).

Após a Idade Média e com a recuperação dos ideais clássicos e a consolidação do humanismo, ressurgiu o colecionismo privado por meio de grandes banqueiros e comerciantes, integrantes da burguesia em ascensão, que financiavam uma grande produção de arte profana e ornamental e se dedicavam à procura de relíquias da Antiguidade (POULOT, 2005). Ainda na concepção deste autor, algumas coleções se tornaram célebres pela sua riqueza, como a dos Médici, em Florença; reis, nobres e burgueses abastados de toda a Europa competiam na propaganda de suas coleções e mantinham círculos de eruditos em arte, filosofia e história em seu redor, onde se debateram ideias influentes e se conceberam novos métodos educativos, como o academismo.

O século XV representou uma grande mudança na sociedade humana e em suas atividades. Com a igreja perdendo o poder, dando lugar às famílias reais e a crescente burguesia, o homem passa a ser a centralidade de tudo concernente às ciências e artes (CAVALCANTI, 1978). O humanismo influenciou grandemente o colecionismo, e todas as produções artísticas, poéticas e literárias.

As escavações feitas na Itália revelaram várias porcelanas, esculturas, pinturas datadas do Império Romano, destacando o estilo greco-romano que passou a imperar na sociedade, nas artes e na literatura. Dito isso, justifica-se o nome dado a esse período, de Renascimento (CAVACANTI, 1978).

Além das coleções principescas, começaram a surgir, a partir do século XV os famosos Gabinetes de Curiosidades (Figura 2) (POULOT, 2005). Estes que eram coleções privadas da elite repletas de livros, mapas, instrumentos óticos, manuscritos, gemas, pedras, relíquias, porcelanas, pinturas, esculturas, fósseis, ossos, animais empalhados, objetos trazidos das terras além-mar, objetos etnográficos e arqueológicos, entre outros.

Esses espaços não eram abertos ao público, sendo privado e tendo acesso apenas por convite pessoal de seu dono. Para muitos, a organização dos gabinetes de curiosidade era confusa e aparentava ser um amontoado de objetos, não havia uma lógica organizacional. Porém isso é apenas uma meia verdade. Enquanto não havia uma lógica padrão ou uma lógica comum estabelecida, existia uma lógica pessoal do proprietário do gabinete (POULOT, 2005). A expografia/organização refletia a lógica de seu dono, os locais eram destinados ao

estudo e ao exercício intelectual. Para seus visitantes, era um lugar de deslumbramento e de representação de *status* e poder.

Figura 2 - Gabinete de curiosidades



Fonte: A primeira ilustração de um gabinete de curiosidades, publicada por Ferrante Imperato em *Dell'Historia Naturale*, Nápoles, 1599.

Não satisfeita em apenas coletarem tudo o que conseguia, a burguesia passou então a investir em artistas contemporâneos, como: Da Vinci (1452-1519), Tintoretto (1518-1594), Botticelli (1445-1510), Michelangelo (1475-1564), Brunelleschi (1377-1446), Rafael Sanzio (1483-1520), entre muitos outros artistas e incorporavam a maior parte das produções desses artistas em suas coleções e seus gabinetes. Das coleções, as mais notórias são as coleções de Borghese, Farnese e Doria de Roma, as coleções dos duques de Este, de Módena e, provavelmente, a mais espetacular de todas, as coleções da família Médici, de Florença, da qual faz parte até mesmo um raríssimo manto de plumas dos Tupinambá, do Brasil (HAUTECOEUR, 1993).

Além dessa forma de gabinetes, existiam ainda riquíssimas coleções formadas por naturalistas, quer para seu próprio deleite ou para uso em suas aulas nas universidades. Tais coleções eram formadas por uma grande quantidade de espécimes e nunca pela clareza de organização (HAUTECOEUR, 1993).

No século XV proliferaram as galerias palacianas, dedicadas à exposição de esculturas e pinturas. Mas tanto os gabinetes quanto as galerias ainda estavam essencialmente dentro dos círculos privados, inacessíveis à população em geral. Movidas por interesses científicos foram fundadas inúmeras sociedades e instituições, como os jardins botânicos de

Pisa (1543) e o de Pádua (1545), a Real Sociedade de Londres (1660) e a Academia de Ciências de Paris (1666), que reuniam suas próprias coleções (HAUTECOEUR, 1993).

Muitos navegadores, exploradores e pesquisadores sobreviveram nessa época de suas pesquisas e coletas, sustentadas pelos nobres e pela igreja, que tinham interesse nos resultados das pesquisas.

Mensch (1994) apresenta o estudo da história, a evolução da estruturação dos museus, explicitando seu papel na sociedade, seus métodos de pesquisa, conservação, educação e organização, seu relacionamento com o ambiente físico e a classificação dos diferentes tipos de museus.

Nos séculos XVI e XVII as pesquisas dependiam do espírito aventureiro dos exploradores que mesmo enfrentando muitas adversidades, principalmente geográficas conquistaram e descobriram vários aspectos científicos do mundo. Dentre tantos viajantes pesquisadores ressaltam-se Johann Natterer e Ida Laura Pfeiffer, que contribuíram com suas pesquisas na Europa, principalmente para o desvelar de mistérios do espaço geográfico que hoje é o Brasil (RIEDEL-DORN, 2000).

Tejera (2010) relata em sua obra, reeditada três vezes, *Viajeras de leyenda*, as expedições de Ida Laura Pfeiffer, figura emblemática nascida em 1797 e falecida em 1858, em Viena. Foi uma exploradora e escritora de livros de viagens. Até os 45 anos era uma dona-de-casa que sonhava em viajar. Quando conseguiu criar seus filhos, vendeu sua casa e seu piano, e com esse dinheiro começou suas viagens de exploração do mundo. Ao retornar lançou um livro de viagens com as anotações de seu diário, o que lhe rendeu alguma notoriedade. Conforme foi se tornando mais conhecida, obtinha passagens gratuitas em navios estadunidenses e alemães.

Ida Pfeiffer viajava com pouco dinheiro, dormia e comia na casa de pessoas comuns, fazia anotações sobre as coisas que via, usando como base para posteriores livros de viagem e visitava lugares fora das rotas turísticas tradicionais, algumas vezes explorando regiões perigosas. Foi a primeira mulher a ser aceita como membro honorário nas sociedades geográficas de Berlim e Paris. Ida Pfeiffer partiu de Viena em maio de 1846, pegando um veleiro em Hamburgo para o Rio de Janeiro, onde desembarcou a 17 de setembro de 1846 após dois meses e meio de viagem (Figura 3).

Figura 3 - Ida Laura Pfeifer



Fonte: <https://derstandard.at/2000007337788/Von-Wien-aus-in-die-ganze-Welt> (2019).

Na biografia da viajante e pesquisadora Pfeifer, relatada no site espanhol há o seguinte comentário:

Ida Pfeiffer fue una de las primeras mujeres exploradora y escritora de viajes y, sin duda, una de las viajeras más intrépidas de todos los tiempos que logró hacer realidad su sueño y necesidad vital de descubrir el mundo⁷.

Conforme comentário da pesquisadora Sara Bernal museóloga do IPHAN/MS, “Ida Laura Pfeifer, merece ser lembrada na história da museologia como uma pesquisadora de vanguarda e uma mulher à frente de seu tempo”.

Outro pesquisador austríaco que muito colaborou para a formação de acervos aos cientistas e pesquisadores foi Johann Natterer que nasceu em 1787, em Luxemburgo e faleceu em Viena 1843, foi um naturalista e explorador austríaco. Seu pai era zoólogo e tinha um irmão, também naturalista (RIEDEL-DORN, 2000). De acordo com este autor, depois de estudar química, anatomia, história natural e desenho, ele viajou pela Europa em 1806. Em 1817 o imperador Francisco I da Áustria financiou uma expedição ao Brasil por ocasião do casamento da sua filha Maria Leopoldina de Áustria com o príncipe herdeiro, Dom Pedro de Alcântara, que mais tarde viria a tornar-se imperador do Brasil. Natterer foi o zoólogo da expedição, juntamente com outros naturalistas, incluindo Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. Johann Natterer permaneceu na América do Sul, 18 anos, até 1835 (MONTEZ, 2011).

⁷ Disponível em: <http://www.viatgesbigsur.com>. Acesso em: 5 maio 2019.

Em 1817, Natterer (Figura 4) foi selecionado para participar de uma expedição vienense ao Brasil. A ocasião foi o casamento entre a arquiduquesa austríaca Maria Leopoldina e D. Pedro, filho do rei de Portugal, residindo então no Rio de Janeiro (MONTEZ. 2011)

Figura 4 - Johann Natterer



Fonte: <https://www.lindahall.org/johann-natterer> (2018)

Como o casamento aconteceu em Viena e Dom Pedro não estava presente, um contingente foi escolhido para acompanhar Maria ao encontro do marido no Brasil. Foi decidido que o contingente deveria consistir em naturalistas, que poderiam examinar a história natural do país depois que Maria fosse libertada. Dois dos naturalistas eram bávaros, Johann Battista von Spix e Carl Friedrich von Martius, e uma vez no Brasil, eles foram por caminhos separados (HOLANDA, 1999). Ambos seriam muito bem sucedidos na coleta, retornariam a Munique e publicariam importantes relatos sobre a flora e a fauna do Brasil.

Não existem trabalhos publicados de suas expedições, e suas anotações e o diário de viagem foram destruídos em um incêndio ocorrido em Viena, durante as revoluções de 1848 (HOLANDA, 1999). Ainda de acordo com este autor, voltou à Áustria, com uma grande coleção de espécimes que hoje fazem parte da coleção com mais de 60.000 insetos do Departamento Brasileiro no “Naturhistorisches Museum”.

Ainda entre os séculos XVII e XVIII motivados por interesses científicos e seguindo a premissa do colecionismo e dos gabinetes de curiosidades surgiram na Europa algumas

sociedades e instituições, como os jardins botânicos, galerias e algumas grupos/ associações. No Brasil a primeira coleção de que se tem notícia foi formada pelo colonizador neerlandês conde Maurício de Nassau, cuja corte se notabilizou pelo brilho científico e cultural, instalando-a em torno de 1640, no Palácio de Friburgo, em Recife, semelhante em caráter aos gabinetes de curiosidades (HOLANDA, 1999).

O ato de colecionismo é tão antigo quanto o ser humano. Portanto, os reis e príncipes financiavam artistas objetivando ampliar suas coleções e foram intitulados - mecenás.

Em 1683 surgiu o *Ashmolean Museum* fundado em Londres, por Elias Ashmole com acervo de sua coleção particular, tornando-se o primeiro museu público europeu, mas, no início os grupos de visitantes eram compostos por pesquisadores, professores e demais estudiosos (MACGREGOR, 2011). Com a Revolução Francesa (1789) houve a abertura dos acervos museais ao público em geral, com a intenção de educar a nação nos valores culturais. Nos Estados Unidos a maioria dos museus já iniciou com caráter público (MACGREGOR, 2011).

A museologia é vista na contemporaneidade como uma prática a serviço da vida, portanto os museus desempenham um papel importante na preservação do patrimônio cultural e da identidade. Também contemplam a função de serem polos culturais seja para a educação formal ou para a não-formal.

Embora todos os museus devam ser valorizados, pois são formadores da cultura local, há diferentes tipologias de museus espalhadas por diversos continentes do mundo, dentre os quais alguns são mais populares que outros. Para ter uma ideia de quais museus estão entre os mais destacados no mundo, é essencial a investigação do número de visitantes anuais de cada espaço museal.

Além da riqueza cultural de suas coleções projetar um museu é uma provocação, um desafio ao arquiteto, pois há museus que encantam e atraem um grande número de visitantes por sua arquitetura, a exemplo. Os museus muitas vezes vêm com suas próprias necessidades e limitações - desde museus de arte que precisam de espaços especializados para preservar as obras, até enormes coleções que requerem um extenso espaço de arquivos.

Durante séculos, as importantes capitais europeias mantiveram a hegemonia das sedes dos grandes museus mundiais. Ainda hoje, os acervos mais importantes e as instituições mais visitadas se dividem entre Europa e Estados Unidos (Quadro 2) como os tradicionais Louvre (França), Hermitage (Rússia), British (Reino Unido) e Metropolitan (Estados Unidos). Todavia, a ousadia e grandiosidade dos projetos arquitetônicos despontam novos espaços na África, Ásia, Oriente Médio e na América Latina.

Na atualidade, existem muitos e importantes museus em todo o mundo, das mais diferentes tipologias e pitorescas especialidades e acervos. Um pequeno recorte apresentado no Quadro 2, a seguir expõe os mais conhecidos e consequentemente os mais visitados em todo o mundo⁸.

Quadro 2 - Museus mais famosos e visitados do mundo

Nome do museu	Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Louvre	1793	Paris - França	Arte	
British Museum	1753	Londres - Reino Unido	Histórico	
Metropolitan Museum of Art	1870	Nova Iorque - EUA	Arte	
National Gallery	1824	Londres - Reino Unido	Arte	
Museus Vaticanos	1506	Vaticano (Roma)	História	
Tate Modern	2000	Londres - Reino Unido	Arte	

⁸ Quadro elaborado pela pesquisadora, baseado em sites de turismo, tais como: www.viagemeturismo.abril.com.br, www.arteref.com, www.terra.com.br, www.viajando.expedia.com.br, www.go.hurb.com, entre outros.

Nome do museu	Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Museu do Palácio Nacional	1925	Taipei - Taiwan	Arte	
National Gallery of Art	1937	Washington, D.C. - EUA	Arte	
Musée National d'Art Moderne	1947	Centre Pompidou, Paris - França	Arte	
Victoria and Albert Museum	1852	Londres, Reino Unido - Reino Unido	Arte	
Museum of Modern Art (MoMA)	1929	Nova Iorque - EUA	Arte	
Hermitage	1764	São Petesburgo - Russia	Arte	

Fonte: Imagens extraídas no *site* de cada museu. Quadro elaborado pela autora (2018).

Os museus atraem inúmeros viajantes do mundo inteiro, seus cenários de expografias são hipnotizantes e muitas pessoas que os visitam ainda conservam em seus espíritos viajantes a ideia e atmosfera de templo, todavia a pós-modernidade traz a reflexão de que esses espaços precisam além de atrair os turistas, consistirem em locais de preservação da história global.

Suano (1986) traz a reflexão de que os museus devem deixar de serem os templos das musas e se converterem em fórum, espaço de construção e recriação do conhecimento, pois precisam ser vistos como território de reflexão, de conexão do passado, detalhamento do presente e progressão de futuro da cultura.

4.2 Museus no Brasil

A história dos museus nacionais tem sido fonte de pesquisa nas últimas décadas pela ótica multidisciplinar, como já mencionado. Todavia, muitos pesquisadores não enfocam a museologia em si; mas aspectos em que a museologia auxilia na construção do saber, como na área do turismo, da educação, da tecnologia, sempre evidenciando os museus nas suas múltiplas e variadas manifestações e inter-relações sociais. Assim, numa visão também multidisciplinar aliando cultura à educação, a presente tese busca enfocar o patrimônio museu de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul como vetor de desenvolvimento local.

Nesse aspecto da museologia no Brasil há alguns autores contemporâneos que contribuem para a pesquisa e para a construção segura dessa tese, a partir de obras originais dos seguintes autores: Márcia Merlo (2015) com a publicação - Memórias e Museus; Érika Lourenço, Maria do Carmo Guedes e Regina Helena de Freitas Campos (2009), com a obra Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação: diálogos; Camilo Vasconcellos, 2006 - Turismo e museus; Denise Grinsepum e Noemi Jaffe (2004) - Ver palavras, ler imagens; Martha Marandino (2003) - Educação e museu - a construção social do caráter educativo dos museus de ciências; Leandro Benedini Brusadin (2015) com a obra História, turismo e patrimônio cultural - o poder simbólico do museu da inconfidência no imaginário social, assinalando que tais autores contribuíram de forma expressiva na consecução do estudo em tela.

A respeito da formação acadêmica do profissional de museologia no Brasil, o caminho evolutivo tem sido muito lento, o que reflete na ineficiência e falta de planejamento adequado dos espaços museais, pois na maioria dos museus, Brasil a fora não há um profissional habilitado responsável.

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus (2013) destaca que no Brasil há cursos de museologia, que assumem distintas configurações acadêmico-institucionais, alocados em diferentes faculdades, institutos, centros e/ou departamentos, distribuídos em sete instituições de ensino superior: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As pesquisas na área de museologia no Brasil são ainda recentes, mas se pode afirmar que há vasto campo para investigação científica, e, que na contemporaneidade diversos autores se destacam: como o trabalho de Marília Xavier Cury (2014) que se dedica a

coleções museológicas, enfatizando a expografia e a função da pesquisa no ambiente museal. Também é referência a autora Martha Marandino com seus artigos e obras que envolvem o museu e a educação patrimonial, especialmente quanto ao ensino de Biologia, ressaltando as obras: “A educação em museus e os materiais educativos” (2016), “Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos” (2009), que permeiam o universo museal, pontuando o museu como território para a construção da educação não-formal.

Na contemporaneidade, o Brasil possui importantes museus das mais diferentes tipologias (Quadro 3)⁹.

Quadro 3 - Museus mais visitados no Brasil

Nome do museu	Ano de Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Instituto Ricardo Brennand	2002	Recife - PE	Armas e armaduras	
Museu Instituto Inhotim	2006	Brumadinho - MG	Arte	
Museu do Amanhã	2015	Rio de Janeiro	Ciências	
Museu do Futebol	2008	São Paulo	Esportes História do Brasil	
Museu Imperial	1940	Petrópolis - RJ	História	

⁹ Quadro elaborado pela pesquisadora, baseado em sites de turismo, tais como: www.viagemeturismo.abril.com.br, www.arteref.com, www.terra.com.br, www.viajando.expedia.com.br, www.go.hurb.com, entre outros.

Nome do museu	Ano de Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Museu da Gente Sergipana	2011	Aracajú - SE	Cultural	
Museu Oscar Niemeyer	2002	Curitiba - PR	Arte	
Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS	1998	Porto Alegre - RS	Ciências	
Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP)	1947	São Paulo - SP	Arte	

Fonte: Imagens extraídas do site de cada museu. Quadro elaborado pela autora (2018).

Suano (1986) destaca que na América do Sul, os museus mais antigos são o da Escola Nacional de Belas Artes (1815) e o Museu Nacional (1818) ambos fundados no Rio de Janeiro, por iniciativa de D. João VI.

A respeito do Museu Real, posterior Museu Nacional, de acordo com os registros das historiadoras Schwarcz e Starling (2015), este Museu surgiu com o objetivo principal de incentivar novos estudos nas áreas de botânica e zoologia, no entanto, possuía um pequeno acervo e por isso recebeu uma coleção doada pelo próprio D. João VI, formada de peças de arte, gravuras, objetos de mineralogia, artefatos indígenas, animais empalhados e produtos naturais.

O Museu Nacional não existe mais, pois em 02 de setembro de 2018, poucas semanas após o seu bicentenário, o museu foi atingido por um incêndio de grandes proporções que destruiu praticamente todo o acervo de mais de 20 milhões de itens que foram acumulados em 200 anos de existência. Possuía um acervo valiosíssimo de diversas áreas do

conhecimento, tais como: a maior coleção de egiptologia da América Latina, o que incluía sarcófagos e corpos mumificados; afrescos de Pompeia, a cidade romana que foi destruída por uma erupção vulcânica em 79 d.C.; uma coleção de mais de 140 mil moedas, uma das maiores coleções do continente; o esqueleto humano mais antigo do Brasil, com idade de 12 mil anos aproximadamente, com o apelido de Luzia; diversos fósseis de dinossauros e de animais que formaram a megafauna brasileira; diversas espécies de animais taxidermizados (animais empalhados); itens oriundos de diferentes povos da África, como o trono do rei de Daomé (atual Benim), um artigo doado a D. João VI em 1811; itens da cultura japonesa, como couraças usadas por samurais; itens relativos aos povos indígenas do Brasil e aos povos pré-colombianos de outros locais da América Latina; parte do mobiliário utilizado pela família real brasileira durante o período monárquico; documentação extensa acumulada de anos da história brasileira (SILVA, 2018).

Com o sinistro ficou evidente a falta de manutenção do museu e o desgaste de muitos anos de abandono (Figura 5).

Figura 5 - Fachada do Museu Nacional - RJ - Comparativo pós-incêndio



Fonte: <https://ufam.edu.br/2013-04-29-19-37-05/arquivo-de-noticias/8738> (2019).

Sobre o incêndio no Museu Nacional, Frischtak (2018, s/p) menciona que:

O incêndio sintetizou a falha maciça de Estado que vem caracterizando o país. [...]. Os desastres caem no esquecimento, e não há responsabilização ou punição efetiva. Segundo, como se tornou notório, o museu não foi destruído por falta de recursos, mas por sua péssima alocação, com as corporações tragando os gastos, sobrando pouco para investimento, mesmo o essencial: a segurança e integridade dos prédios (muitos dos quais históricos) e mais, de acervos cujo desaparecimento representa um golpe incomensurável para esta e futuras gerações, com a perda da nossa memória. Terceiro, a politização dos órgãos de Estado, inclusive a Universidade.

O Museu Nacional é uma unidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que em seu orçamento anual estabeleceu aproximadamente 550.000 reais, todavia, desde 2014 a UFRJ, vem repassando um valor bem menor do que o planejado, destacando que em 2018, o Museu Nacional recebeu pouco mais de 360.000 reais. Ainda em 2018, o museu conseguiu um financiamento de mais de 20 milhões de reais do Banco Nacional do Desenvolvimento - BNDES para reformar o palácio, incluindo obras de prevenção contra incêndio, mas a quantia não chegou a tempo, tendo em vista o sinistro (BETIM, 2018). O Ministério da Educação não possui linha de financiamento para museus e prédios tombados e, por isso, todos os investimentos são feitos com recursos próprios da UFRJ.

Conforme mostra a Tabela 1 o orçamento destinado ao Museu Nacional foi sendo reduzido ano a ano, explicitando indiretamente que a cultura e a educação precisam ser mais bem revistas pelos agentes públicos.

Tabela 1 - Orçamento destinado ao Museu Nacional (2013-2018)

Ano	Valor
2013	531 milhões
2014	427 milhões
2015	257 milhões
2016	415 milhões
2017	346 milhões
2018	54 milhões (valor recebido até abril de 2018)

Fonte: CANÔNICO (2018).

Além do trabalho de educação patrimonial, prática constante do Museu Nacional, consistindo em visitas diárias, o Museu também recebeu visitas de personalidades mundiais, ao longo de sua trajetória, destacando-se: Santos Dumont (1873-1932), Albert Einstein (1879-1955), Marie Curie (1867-1934) e Lévi-Strauss (1908-2009), todavia, o último presidente da República a visitar o espaço museal foi Juscelino Kubitschek, no ano de 1958. Inclusive a cerimônia do bicentenário do museu, em 2018, não recebeu representantes ilustres, na área da política nacional, porém inúmeras ações educativas foram realizadas com escolas e universidades nesse período de comemoração dos duzentos anos do Museu Nacional.

Em um país de tamanho continental, pluralidade cultural e história povoada pela presença de povos oriundos de outras culturas associados aos nativos, o patrimônio museal contribui na apresentação das múltiplas narrativas. Os espaços dos museus e seus objetos nos propiciam a descoberta de lugares ricos culturalmente, em diferentes estados brasileiros.

São museus de arte, de história, de cultura e de ciência e tecnologia, de variados formatos e possibilidades capazes de oferecer lazer e/ou pesquisa em belos passeios. Além disso, alguns locais são imperdíveis por conta de sua arquitetura, como os museus desenhados por Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi e Santiago Calatrava dentre tantos arquitetos, formados em diferentes escolas.

4.3 Museus em Mato Grosso do Sul e em Campo Grande

A respeito da construção desses dois itens da pesquisa há que se ressaltar a escassez de obras locais, porém, as poucas produções acadêmicas específicas são importantes e contribuíram muito para a base do assunto pesquisado, primeiro item desta tese. Dessa forma, as referências nacionais foram mais uma vez necessárias e as obras: “Polifonia do patrimônio” de Zuleide Casagrande de Paula, Lúcia Glicerio Mendonça e Jorge Luis Romanello (orgs.), (2012); “Patrimônio imaterial em perspectiva”, de Betânia Gonçalves Figueiredo e Alcenir Soares dos Reis (org.) (2015), “A alegoria do patrimônio”, da autora francesa Françoise Choay (2001), foram importantes para embasar essa pesquisa, dando suporte a essa pesquisadora para pontuar a importância do patrimônio histórico museal e sua inter-relação com a comunidade do entorno.

Desde tempos remotos, o homem se dedica a colecionar objetos, pelos mais diferentes motivos. Identifica-se, geralmente, o museu como espaços de conservação do patrimônio, recorte de memória, seja do ponto de vista da história e da identidade nacional e cultural da nação, ou seja, por guardarem coleções capazes de subsidiar o conhecimento científico, compor a história natural.

Na associação da importância dos museus, enquanto patrimônio cultural e a relação desses elementos culturais com o desenvolvimento local faz-se essencial refletir acerca das suas dimensões primordiais, destacando a inclusão social, visto que os museus também têm importância comunitária e elemento de extensão cultural. Ao se abordar o desenvolvimento local pensa-se em fortalecimento da economia e os museus podem envolver a comunidade local por intermédio de projeto de economia criativa, fazendo do território em que se encontram um local de criação e aquisição de renda para os artesãos locais. Também pode-se pensar os museus como espaços de mobilização social e ambiente preparado para reflexão a respeito da proteção aos recursos naturais.

Assim, conceituam-se os museus como bens culturais de uso público que precisam ser mantidos, organizados e preservados em ação conjunta com a sociedade e o governo.

Em Mato Grosso do Sul são reconhecidos os artigos e inúmeras publicações dos pesquisadores; dentre elas podemos destacar: Martins e Kashimoto (2009, 2012), na área da arqueologia, museologia, etnografia e expografia. Também é muito divulgada a pesquisa da museóloga Eliane Oliveira Lima (2006), pois por intermédio da obra “Guia de Museus e outras Instituições Culturais de Campo Grande - MS”, a pesquisadora comprova que a capital de Mato Grosso do Sul possui diversas instituições museológicas, embora poucas sejam divulgadas amplamente e se tornem conhecidas e /ou reconhecidas efetivamente pela população.

A pesquisa inicialmente oportunizou a percepção de que a história dos museus na atualidade está sendo estudada no país de modo multidisciplinar, desse modo, a diversidade de áreas de pesquisa colabora para a ampliação do conhecimento e aprofundamento do campo museal brasileiro. A elaboração do estado da arte favorece ao pesquisador o levantamento bibliográfico, evidenciando diversas fontes e atual situação do seu objeto de pesquisa, o que possibilita um direcionamento assertivo à pesquisa. A pesquisa abrangerá o município de Campo Grande - MS, guiando-se pelas regiões urbanas e divisão por bairros.

Em 21 de junho de 1872, a cidade de Campo Grande - MS foi fundada, quando José Antônio Pereira chegou e se alojou em terras férteis e completamente desabitadas da Serra de Maracaju, na confluência de dois córregos; é um município brasileiro da região Centro-Oeste, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Reduto histórico de divisionistas entre o sul e o norte, edificada por mineiros, que vieram aproveitar os campos de pastagens nativas e as águas cristalinas da região dos cerrados. Território planejado em meio a uma vasta área verde, com ruas e avenidas largas e com diversos jardins por entre as suas vias, é uma das cidades mais arborizadas do Brasil, sendo que 96,3% das casas contam com a sombra de um arvoredo, dessa forma uma das marcas da cidade é a preocupação com o meio ambiente e o patrimônio cultural engloba o conjunto de elementos que compõem a cidade (WEINGÄRTNER, 2002).

Em 2017, o município de Campo Grande iniciou a readequação de seu Plano Diretor, Lei Complementar nº 94, de 2006, contando com a participação coletiva, essencial para garantir a proteção do patrimônio cultural, priorizando a destinação de recursos para a permanência de bens patrimoniais, como os museus (CAMPO GRANDE, 2006).

Considerando que a emancipação política do estado é bem recente (41 anos), pondera-se sobre o papel relevante que os museus exercem na permanência da memória e história. Ainda não há uma tradição com a divulgação turística e local dos museus em Mato Grosso do Sul, tanto quanto deveria, mas a leitura feita é de que olhar o passado é conhecer o que foi feito para aprimorar mecanismos que podem influenciar o presente, gerando novos

conhecimentos e visando a sustentabilidade das gerações vindouras. O Quadro 4, a seguir apresenta os museus mais visitados em Mato Grosso do Sul.

Quadro 4 - Museus em Mato Grosso do Sul

Nome do museu	Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Museu das Culturas Dom Bosco	1950	Campo Grande	História	
Museu de História do Pantanal	2008	Corumbá	História	
Museu José Antônio Pereira	1983	Campo Grande	História	
Museu Lídia Bais - Morada dos Bais	1990	Campo Grande	Arte	
Museu de Arte Contemporânea - MARCO	1991	Campo Grande	História	
Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - MuArq	2008	Campo Grande	Arqueologia	
Museu de História e Cultura	1999	Nova Andradina	História Cultura	
Museu da Erva Mate/ Acervo Cultural Santo Antônio	1997	Ponta Porã	Histórico	

Nome do museu	Fundação	Localização	Tipologia	Ilustração
Museu da Imagem e Som	2011	Campo Grande	Memória Visual e Sonora de MS	
Museu da Colônia Agrícola Nacional de Dourados	2016	Dourados	História	
Museu Tapuy-Porã	1990	Mundo Novo	História	

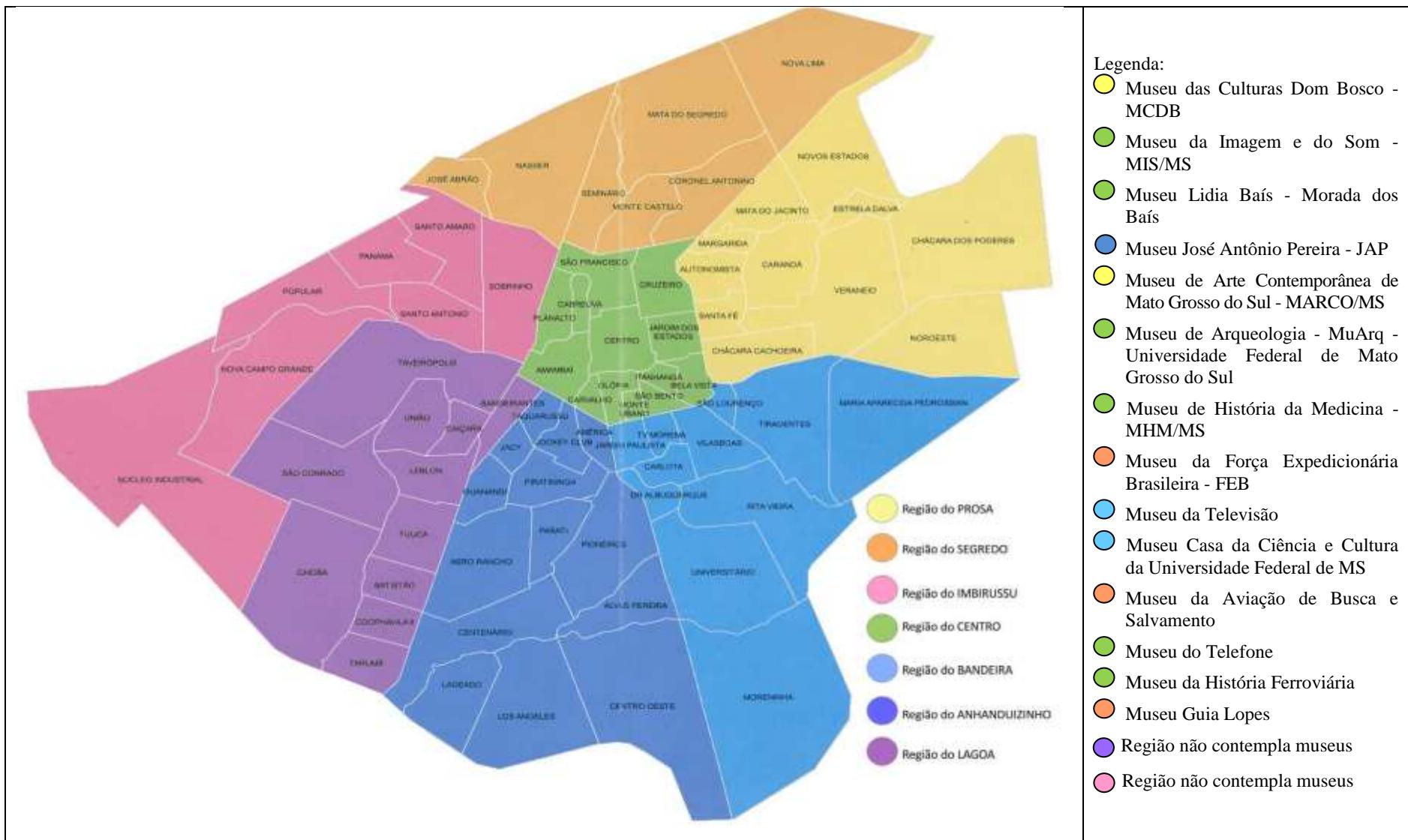
Fonte: Imagens extraídas do *site* dos museus e de suas redes sociais. Quadro elaborado pela autora (2018).

Na atualidade, percebe-se que muitas comunidades sul-mato-grossenses se mobilizam para criação de museus, objetivando a preservação da história e a perpetuação da memória local, a exemplo do Museu de História da Medicina - Campo Grande (2014), Museu da Erva Mate - Ponta Porã (1997) e o Museu de História do Pantanal - Corumbá (2008), dentre outros. O ato da participação da população na fundação dos seus museus é por si só um ato transformador; ação democrática que possibilita o empoderamento e a participação coletiva enquanto agentes de seu desenvolvimento.

Um museu serve para facilitar o modo como olhamos para o mundo e consequentemente para nós mesmos, considerando que museus inovadores sensibilizam a todos que os conhece a consciência sobre o patrimônio e a preservação de nossa história. E, de acordo com o IBRAM (2017) “as histórias são construídas nas relações de poder e possuem múltiplas identidades, sendo passíveis de controversas e de diferentes versões”.

No mapa de Campo Grande - MS (Figura 6) destacam-se os museus históricos por regiões urbanas.

Figura 6 - Museus históricos por regiões urbanas - Campo Grande - MS



Fonte: Adaptado da Revista ARCA, n. 13, contracapa, 2007.

Poucos dos museus campo-grandenses, a exemplo do Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e do Museu de Arqueologia (MuArq) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), são considerados verdadeiros espaços a serviço da sociedade, favorecendo em exposições e ações educativas o aprimoramento da democracia, a inclusão social, o reforço da identidade e do conhecimento, e a percepção crítica da realidade.

Portanto, concluindo essa fase da pesquisa pode-se afirmar que os museus são espaços de acesso à cultura local, caminhos para a preservação da história e excelente meio para a efetivação do desenvolvimento local, pois são espaços de encontro comunitário, abertos ao público escolar e moradores do entorno, campos de curiosidades culturais e de trocas de experiências entre os moradores, mediadores culturais e turistas, e território de lazer e espaços para ações de economia criativa, oportunizando ao pequeno artesão a comercialização de seus produtos.

5 MUSEUS NA PERSPECTIVA DE BOAS PRÁTICAS

[...] o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra (FREIRE; MACEDO, 1990, p. 32).

Os museus são instituições que podem ter diferentes inserções administrativas, pertencendo a instituições privadas ou públicas, nas esferas municipal, estadual, distrital e federal.

De acordo com a instrução “Subsídios para a criação de museus municipais” (CHAGAS; NASCIMENTO JÚNIOR 2009) todo museu deve ter base legal e, para um bom funcionamento da instituição museal é necessário o atendimento dos seguintes critérios: decreto, lei, portaria, ata ou outro diploma legal que registre a criação do museu; documento que defina seu estatuto jurídico e sua natureza administrativa; regimento interno, no qual serão estabelecidos: propósitos, objetivos, política institucional, papel e composição da diretoria, assim como formas de manutenção; organograma; plano museológico (compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da missão da instituição museal e para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e ações de cada uma de suas áreas de funcionamento); local de instalação do museu, seja ele virtual ou físico, permanente ou temporário, nômade ou enraizado no território, ou mesmo reunindo e combinando diferentes possibilidades; plano de ocupação dos espaços (salas de exposição, reserva técnica, salas administrativas, espaço de ação educativa e cultural, espaços de serviços, espaços de circulação, sala de segurança, outros espaços); e, identificação de percursos e roteiros no território de atuação do museu.

O Plano Museológico, considerado meio essencial para o planejamento estratégico define sua missão básica do museu, bem como sua função específica contemplando os seguintes itens: o diagnóstico participativo da instituição; a identificação dos espaços e do patrimônio sob a guarda do museu; a identificação dos públicos; o detalhamento dos programas desenvolvidos (institucional, gestão de pessoas, acervos, exposições, educativo, pesquisa, arquitetônico urbanístico, segurança, financiamento e fomento e comunicação) (BRASIL, 2009, Art. 45 a 47). Estabelece como obrigatoria a elaboração e implementação do Plano Museológico, no prazo de cinco anos, contados a partir da publicação do Estatuto dos Museus (BRASIL, 2009, Arts. 44 e 67).

Para o museólogo Almeida (2013, p. 27), o plano museológico, constituído pelo Estatuto dos Museus, tem por princípios dez pontos basilares:

Possibilitar o equilíbrio e a estabilidade na gestão do museu, independentemente de sua direção e de seu corpo de trabalhadores; Implantar uma estrutura básica de funcionamento dentro da qual podem ser tomadas decisões estratégicas; Assegurar a salvaguarda do acervo; Tornar clara a missão e as ações do museu tanto para funcionários quanto para o público; Definir com clareza as ações coletivas e individuais no interior do museu, estabelecendo as responsabilidades de cada área de trabalho; Propiciar o uso mais eficaz dos recursos; Pensar o museu como um conjunto complexo e interdependente, a partir dos princípios estabelecidos no Estatuto dos Museus e demais documentos normativos, e na importância de estabelecer um equilíbrio entre as suas partes; Identificar situações emergenciais ou risco iminente; Levar em consideração a capacidade de solução dos problemas, através de recursos de pessoal e orçamentários disponíveis; Preparar o museu para novas realidades.

A Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências, traz importantes pontos de reflexão e apoio aos museus por ocasião de elaboração de seu marco legal.

O plano museológico é um instrumento basilar no planejamento estratégico de um museu, indispensável para a identificação da missão institucional museal e para o estabelecimento da priorização dos objetivos e atividades específicas a cada área de funcionamento do museu. É essencial que o plano museológico seja elaborado de forma participativa, pois esse tem caráter multidisciplinar, contendo a integração dos servidores dos museus bem como a participação de consultores externos a depender da área específica da instituição museal em questão.

Numa análise museológica é primordial utilizar todas as oportunidades para o desenvolvimento da dimensão educativa e social dos museus, pensar esses espaços como locais de processo inter e transdisciplinar em que os programas e projetos educativos devam ser peças essenciais nessa construção sociocultural, pois conhecer e preservar a própria história é agir para a melhoria da vida social do indivíduo e do grupo, sendo uma ação de desenvolvimento local.

Identificando o museu como um meio para a permanência da memória, esse espaço tem como elementos cruciais: a preservação, a divulgação e a investigação.

As funções básicas dos museus são a preservação, a investigação e a comunicação. E suas finalidades gerais são educação e lazer. Ao lado dessas funções básicas e finalidades gerais, o museu pode ter funções e finalidades

específicas, em sintonia com sua missão ou a causa para a qual foi criado (CHAGAS; NASCIMENTO JÚNIOR, 2009, p. 21).

Ressalta-se no Quadro 5, a cronologia da museologia brasileira, desde a criação dos primeiros museus até a instauração de um novo marco regulatório para o setor, com o advento do Estatuto dos Museus, destacando os museus como meios de preservação da memória.

Quadro 5 - Cronologia da museologia brasileira - 1818 - 2010

Ano	Ação
1818	Criação do Museu Real por D. João VI (hoje Museu Nacional, pertencente a Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ).
1866	Surgem os primeiros Museus de História Natural, de caráter enciclopédico: Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e Museu Paulista (1894).
1922	Criação do Museu Histórico Nacional (Gustavo Barroso), no contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. O papel pioneiro do Museu Histórico Nacional na criação do primeiro órgão de preservação do patrimônio histórico- Inspetoria dos Monumentos Nacionais.
1932	Criação do primeiro Curso de Museologia (hoje é a Escola de Museologia UNIRIO).
1937	Implantação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que passa a desenvolver uma política museológica, com a criação de museus monográficos que consagram o barroco ícone da identidade nacional (MG: Museu da Inconfidência - 1938; Museu do Ouro - 1946; Museu do Diamante - 1954, Museu Regional São João Del Rei - 1958; RS: Museu das Missões- 1938 e RJ: Museu Imperial de Petrópolis- 1943).
1950	1º Congresso Nacional de Museus (Ouro Preto-MG, 1956) e Seminário Regional da UNESCO (MAM-RJ, 1958) sobre a função educativa dos museus.
1963	Criação da Associação Brasileira de Museologia (ABM) e a luta pela regulamentação da profissão de museólogo.
1983	Programa Nacional de Museus, ligado à Fundação Nacional Pró-Memória para a revitalização dos museus brasileiros.
1984	Regulamentação da profissão de Museólogo.
1980-1990	Décadas 1980-1990: ampliação do conceito de Patrimônio Cultural, incluindo os bens de natureza imaterial. Apropriação dos movimentos sociais pelo direito à memória e à identidade.
2003	Política Nacional de Museus (gestão do Ministro Gilberto Gil) e criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU-IPHAN).
2004	Implantação do Sistema Brasileiro de Museus (Decreto nº 5.264/2004).
2009	Criação do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, como autarquia federal do Ministério da Cultura - MinC, responsável pela política museológica (Lei nº 11.906, de 2009). Criação do Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009).
2010	Implantação do Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010) e elaboração do Plano Setorial de Museus.

Fonte: Elaborado pela autora.

Desde a criação do primeiro museu no Brasil até a contemporaneidade há quatro aspectos essenciais para reafirmar a existência e a importância dos museus: 1- Os museus devem ser espaços para a pesquisa; 2- devem ter papel social; 3- precisam de espaços educativos e, 4- devem ser abertos ao público - espaço a serviço do público. O museu atualmente é compreendido como um espaço interativo, mecanismo de percepção de particularidades e de diferenças culturais deixando para trás o caráter meramente contemplativo.

O Conselho Internacional de Museus (em inglês: *International Council of Museums* (ICOM) é uma organização não governamental internacional, sem fins lucrativos, que se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus (Figura 7).

Figura 7 - Logomarca do ICOM



Fonte: <https://icom.museum/en/> (2019).

O ICOM é uma associação de membros e uma organização não governamental que estabelecem parâmetros profissionais e éticos para as atividades dos museus. Como fórum de especialistas, produz recomendações sobre questões relacionadas ao patrimônio cultural, promove capacitação e avança na produção de conhecimento. Representa a voz dos profissionais de museus no cenário internacional e aumenta a consciência cultural pública por meio de redes mundiais e programas de cooperação.

O ICOM foi fundado em 1946, sendo a única organização mundial de museus e profissionais que atuam em museus, e tem por compromisso promover e proteger o patrimônio natural e cultural, o presente e o futuro, o tangível e o intangível. A entidade mantém relações formais com a UNESCO e com status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU. O ICOM também tem parcerias com a Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI), Organização Internacional de Polícia Criminal (INTERPOL) e a Organização Mundial de Alfândegas (OMA), a fim de realizar suas missões internacionais de serviço público, visando principalmente, a luta contra o tráfico de bens culturais. O compromisso do ICOM com o patrimônio cultural e a promoção do conhecimento é reforçado por comitês internacionais dedicados a uma grande variedade de especializações em Museologia, que realizam pesquisas em suas respectivas áreas para o benefício da

comunidade museológica. O ICOM possui aproximadamente 27000 membros de 150 países, 114 Comitês Nacionais e 30 Comitês Internacionais (ICOM, 2019).

Suas principais atividades são: cooperação e intercâmbio profissional; difusão de conhecimentos e aumento da participação do público em museus; formação de pessoal; prática e promoção de ética profissional; atualização de padrões profissionais; preservação do patrimônio mundial e combate ao tráfico de bens culturais.

A pedra angular do *International Council of Museums* (ICOM, 2006) é o Código de Ética para Museus, que estipula padrões mínimos para a prática profissional e atuação dos museus e seu pessoal. Portanto se associando à organização, os membros do ICOM adotam e pautam-se pelo Código de Ética para Museus. O ICOM reafirma, por meio das resoluções aprovadas pela Conferência Geral de 2007, seu próprio compromisso com as práticas éticas em museus, com a luta contra o tráfico ilícito, pelo apoio à restituição de bens culturais às comunidades de origem, preferencialmente através da mediação, e pela adoção de um conceito amplo de Patrimônio Universal, que inclua, em especial, o respeito pela diversidade cultural das comunidades ligadas a este patrimônio. Estes princípios básicos da ética profissional do trabalho em museus estão inscritos no Código de Ética para Museus (ICOM, 2006). Os padrões mínimos de conduta e atuação nele expressos fornecem ferramentas para a autorregulamentação a que os profissionais de museus no mundo todo podem aspirar e delimitam o que a sociedade pode esperar dos museus.

O Comitê Brasileiro do ICOM - ICOM-BR, foi fundado em 09 de janeiro de 1948, tem como objetivo promover a cooperação, a assistência mútua e o intercâmbio de informação entre seus membros, profissionais de museus e instituições culturais admitidas na categoria de membros individuais, residentes e em atividade no país, por membros institucionais, membros associados e beneméritos. Sua diretoria é composta pelo Conselho de Administração, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal (ICOM, 2009).

O ICOM Brasil integra o Comitê regional para a América Latina e Caribe (ICOM - LAC) e o Comitê regional dos países do Mercosul (ICOM-SUR), o Comitê Brasileiro do Escudo Azul tem assento em diferentes foros e conselhos nacionais ligados à preservação e promoção do patrimônio brasileiro.

O Comitê Brasileiro do ICOM tem registrado significativo avanço nos últimos anos, tanto no que diz respeito à ampliação expressiva de associados no Brasil, quanto no aumento da representatividade dos comitês internacionais em nosso país. Por outro lado, vale ressaltar a presença marcante de profissionais brasileiros tanto nos conselhos de comitês internacionais, quanto na cúpula diretiva da própria organização (ICOM, 2006). Ainda,

segundo o referido Conselho, a organização, que atingia preponderantemente os profissionais do Rio de Janeiro e São Paulo, passou a estender suas ações para diferentes estados brasileiros. Esta política resultou em um aumento significativo de seus membros institucionais e individuais de outras partes do país, congregando atualmente quase seiscentos membros, quase 80% deles registrados em Comitês Internacionais (ICOM, 2006).

O ICOM Brasil participa dos principais eventos nacionais e internacionais da Museologia. A organização se faz presente nos Fóruns Nacionais de Museus, nos Encontros Latino-americanos e Caribenhos de Museus, nos Encontros Anuais da Associação Americana de Museus, além da importante Conferência Geral trienal do ICOM. Assim, o comitê brasileiro consolida a sua posição como uma importante força na Política Nacional de Museus e em seus prolongamentos internacionais (ICOM, 2006).

Outro aspecto relevante, é que o ICOM Brasil tem obtido avanços no tocante ao número de pesquisadores associados e consequentemente vem ampliando a participação nos comitês internacionais no Brasil.

A dinâmica do ICOM Brasil insere seus associados nas discussões atuais acerca da definição de museu, considerando que o conceito atual não expressa a evolução das instituições museais na contemporaneidade.

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Baseando-se nesta análise o Comitê Administrativo do Conselho Internacional de Museus (ICOM) reuniu seus membros representantes de inúmeros países em 7 de setembro de 2019, em Quioto, Japão para a elaboração democrática e consequentemente a atualização da definição de museu, atendendo a realidade da sociedade contemporânea. A redação final posta em votação, em lugar da definição atual, foi a seguinte:

Los museos son espacios democratizadores, inclusivos y polifónicos para el diálogo crítico sobre los pasados y los futuros. Reconociendo y abordando los conflictos y desafíos del presente, custodian artefactos y especímenes para la sociedad, salvaguardan memorias diversas para las generaciones futuras, y garantizan la igualdad de derechos y la igualdad de acceso al patrimonio para todos los pueblos.

Após a reunião no Japão, Suay Aksoy, presidente do ICOM (gestão 2016-2019) ressalta que: a discussão e a aglutinação de ideias continuarão nos comitês nacionais e

internacionais para a construção democrática de uma nova conceituação de museu que atenda a situação dos museus no século XXI.

Na ocasião, após um longo debate entre os membros do ICOM, a assembleia geral extraordinária resolveu adiar a votação, deixando a definição para as próximas assembleias¹⁰.

5.1 Mediações educativas nos museus e a educação formal e não formal

É importante entendermos o papel do museu na formação da aprendizagem, da informação e da ação interdisciplinar, sendo primordial reconhecer que existem diferenças entre cada tipo de educação em função de seus espaços culturais e físicos. É essencial reconhecer a diversidade e amplitude de atuação da sociedade e do pedagogo, em especial, daqueles que atuam em um espaço museal ou em uma escola.

Os educadores e pedagogos museais atuam de modo interdisciplinar, planejando em equipe as ações culturais, a serem desenvolvidas, objetivando conduzir o aluno-visita a se apropriar do conteúdo do objeto ou obra exposta e da proposta do artista, inclusive oferecendo oficinas pedagógicas e momentos de contato direto com o artista, em que os alunos/escolas interpelam o autor acerca de suas obras, numa vertente sociocultural.

O grande desafio dos museus na contemporaneidade é o de voltar-se para ações de formação de público, compondo estratégias junto aos visitantes principalmente às escolas para incentivar a frequência e oportunizar situações para futuros consumidores e apreciadores da cultura e da arte. As instituições museais podem agregar valor ao local/território em que se encontram promovendo ações culturais atrativas aos moradores da região; que servirão para reflexão e capilarização de ideias.

No aporte de Meneses (1994) todos os museus são históricos, é claro. Dito de outra forma, o museu tanto pode operar as dimensões de espaço quanto de tempo, no entanto, o tempo nunca poderá ser esquecido, essencialmente quando se procura contextualizar uma exposição.

Os museus promovem ações educativas não formais oportunizando a população local reconhecer esse território como local de interação cultural e permanência da memória. O plano de trabalho do setor educativo dos museus oferece ações aos visitantes, em que esses experimentam a ambiência da expografia museal, interagem com as coleções museais e absorve o objetivo, a essência da exposição na construção da história e na permanência da memória.

¹⁰ Conselho Internacional de Museus. Disponível em: <https://observador.pt/2019/09/01/conselho-internacional-de-museus-discute-novo-significado-para-a-palavra-museu/amp/>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Os museus podem trabalhar em conjunto com as escolas, motivando potencialidades, visando suscitar no indivíduo características endógenas culturais, considerando que o espaço museal gera novos saberes, reativa a memória e coopera para a permanência da história em épocas vindouras, ou seja, é meio de preservação do patrimônio, para o futuro.

A relação museu-escola é importante para fazer com que os museus sejam redescobertos como espaços privilegiados de saber e de encontros sociais. Na visão de Lopes (1991), não se trata, porém de promover a “escolarização” do museu, mas de estudar a sua multiplicidade de papéis educativos que podem ser assimilados pelo espaço museológico.

Marandino (2008) pondera que os objetos museais, sejam de categoria natural, técnica ou artística, podem construir fontes de prazer estético, de deleite ou de observação científica. Os cenários e as animações presentes nas coleções ressaltam a força do objeto, e podem aumentar o prazer da visita.

Tanto as escolas quanto os museus constroem plano de transmissão do saber cultural representativo de uma determinada época. Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, o objeto museal tem papel importante, pois esse elemento é comum no museu e na escola, sendo o objeto construto na referência de aprendizagem. Em museus os objetos são fontes de memória e na escola são instrumentos de pesquisa.

Canclini (1998) afirma que o museu e a política patrimonial tratam os objetos, os edifícios e os costumes de tal modo que, mais que os exibir, tornam inteligíveis as relações entre eles, propõem hipóteses sobre o que significam.

A exposição motiva o visitante do museu a realizar uma interpretação do espaço, uma releitura, interpretando o fato apresentado e compreendendo as nuances do contexto histórico.

O conhecimento e a apropriação do saber ocorrem por intermédio de narrativas, conduzidas pela organização dos objetos. Ramos (2004) propõe a reconfiguração dos objetos a partir do contexto museal. Ao tornar-se peça de museu o objeto passa por uma reconfiguração de sentidos.

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde o seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses (RAMOS, 2004, p. 19).

A educação constrói o futuro das pessoas e da sociedade, enquanto geradora de avanços e prosperidade da comunidade. Conforme Hannah Arendt (2011) é essencial a educação, numa perspectiva reflexiva da realidade e da participação comunitária:

A educação é, também, onde [o meio pelo qual] decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDT, 2011, p. 247).

Quando se observa a relação museu-escola na cooperação para a formação de público apreciador de cultura, pontua-se a gama de responsabilidade de cada uma das instituições. Bourdieu e Darbel (2016) ressaltam que os museus abrigam tesouros, que se encontram simultaneamente abertos a todos, embora fechados à população. Esse paradoxo aparece em todos os países pesquisados, demonstrando que a frequência aos museus aumenta de acordo com que se amplia o nível de instrução dos frequentadores pesquisados.

Marandino (2001) demonstra a relação museu-escola por meio de um quadro sintético que pontua que os dois elementos são universos particulares, porém, complementares, em que as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria (Quadro 6).

Quadro 6 - Relação museu-escola

Escola	Museu
Objeto: instruir e educar	Objeto: recolher, conservar, estudar e expor
Cliente cativo e estável	Cliente livre e passageiro
Cliente estruturado em função de idade ou da formação	Todos os grupos de idade sem distinção de formação
Possui um programa que lhe é imposto, pode fazer diferentes interpretações, mas é fiel a ele	Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza as suas atividades pedagógicas em função de sua coleção
Concebida para atividades em grupo (classes)	Concebido para atividades geralmente individuais ou de pequenos grupos
Tempo: 1 ano	Tempo: 1h ou 2h
Atividade fundada no livro e na palavra	Atividade fundada no objeto

Fonte: Marandino (2001).

Grinsepum (2000) identificou que no Brasil (São Paulo) é baixa a frequência de visitantes aos museus, e que as famílias não veem os museus como local para visitas em suas horas de folga, em sua pesquisa qualitativa obteve como resultado, de que as famílias brasileiras têm como local para visitas em primeiro lugar os *shoppings centers*, seja de quaisquer classes sociais, em que as famílias de baixa renda vão com seus filhos, para passear e ver vitrines, e as famílias com renda mais alta levam os filhos, para consumir os produtos.

Visto isso, os museus podem colaborar na ampliação do direito à cultura, e consequentemente na preservação do patrimônio cultural, sensibilizando os educadores e motivando os visitantes a utilizarem o espaço museal em suas horas de lazer.

O processo ensino-aprendizagem é fundamental na construção de hábitos culturais saudáveis. Paulo Freire (2000, p. 67) afirma que “[...] se a educação não muda o mundo, tampouco sem ela o mundo muda”. Cabe aos educadores oportunizarem situação pedagógica para que a comunidade escolar perceba o mundo em que vive.

Com a cooperação museu-escola há investimento na formação de futuros produtores e consumidores de cultura, pois hábitos e habilidades afloram na tenra idade, pois “uma criança satisfeita quer dizer uma família satisfeita; ela possivelmente será também um futuro adulto visitante, eventualmente, um pai/mãe amigo (a) dos museus” (IBRAM, 2014, p. 45).

Para reverter a incipiente visitação aos museus brasileiros, esses espaços culturais, tão sucateados, os museus na grande maioria almejam a formação ideal de suas equipes, com o número de profissionais/formação necessário, pontuam ainda a necessidade de adequação de seus espaços físicos e a carência de recursos/investimentos financeiros. Esses são os principais problemas que impedem que os museus oportunizem condições apropriadas para o atendimento ao público e que haja a expansão da cultura.

Os acervos dos museus são variados por meio de múltiplos objetos e de seus espaços, considerando que a expografia museal conta sua história e expõe uma narrativa. As narrativas museais são meios de estudo e fontes de conhecimento a serem exploradas pelas escolas.

De acordo com o que se pretende estudar, cabe à escola, aliar em seu plano educativo as visitas aos museus; conforme a tipologia museal estabelece-se o recorte, a área de pesquisa: museus de arte, de arqueologia, enfim inúmeros territórios abertos à formação cultural e ao repasse de múltiplos saberes.

Os museus ampliam o acesso e a apropriação de bens artísticos e culturais e a escola reorganiza os conceitos apresentados de modo informal em museus para fechar lacunas da história não contada.

Conforme o Estatuto dos Museus, os princípios fundamentais desses espaços culturais são: prezar pela valorização da dignidade humana; enfatizar a função social dos espaços museais; zelar pela preservação do patrimônio cultural e ambiental; oportunizar a universalização do acesso; respeitar a diversidade. O documento Museu e Turismo do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2014, p. 25), destaca que:

Os processos de comunicação museológica, se abertos, multidimensionais e participativos, são caminhos para o desenvolvimento da capacidade crítica e cognitiva dos indivíduos. Usando variados modos de leitura dos discursos expositivos e com uma comunicação dialógica entre museus e a comunidade, é possível criar novos laços, incentivar a autonomia e o empoderamento. É possível também ampliar as maneiras de perceber e estar no mundo - tanto das pessoas, quanto do museu.

A relação do museu com o visitante é um processo dialógico - pois ambos aprendem e ensinam e se modificam. Paulo Freire (1979) ressalta a importância e a necessidade de se entender a existência humana a partir de sua substancialidade, ou seja, o reconhecimento de todos os homens como verdadeiros sujeitos históricos. Os atributos dados aos seres humanos não podem, assim, sobrepujar o dado mais importante da existência humana: a sua presença no mundo como sujeito.

São múltiplas as capacidades e possibilidades da participação dos museus para um enriquecimento geral na aprendizagem/conhecimento, na qualidade de vida, na formação da consciência política e social da população, ou seja, o projeto político pedagógico da área educativa de um museu relaciona-se com o desenvolvimento local, ao promovê-lo permite a participação do indivíduo na construção de sua história, por intermédio da inclusão social e da mobilização.

Os museus são definidos como espaços de educação não formal, assim possuem a responsabilidade de motivar a reflexão crítica a respeito das transformações sociais, considerando que normalmente a temática museal se relaciona à contemporaneidade. O museu educa sem ter um currículo predeterminado, porém, segue seu plano intencional, logo se assemelha ao ato formal educativo. Cabe ao mediador cultural, atuante em museus o papel de favorecer um processo dialógico, entre os objetos, da exposição e os visitantes.

Cabe à escola que exerce a função educativa formal, a responsabilidade para com a formação cultural do educando, considerando o que estabelece os Parâmetros Curriculares Nacionais, no que tange à pluralidade cultural. Na introdução da publicação dos PCN'S é estabelecido que:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias exclucentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997, p. 121).

O compromisso da escola de colaborar para a formação de cidadãos atuantes que cooperem para a preservação do patrimônio cultural. É importante a participação da escola na formação cultural, no sentido de suscitar também o hábito de seus educandos serem visitantes de museus, complementando ou assumindo o papel muitas vezes deixado de lado pela família.

A educação formal diferencia-se da informal, por se desenvolver de forma estruturada no âmbito de instituições apropriadas para esse fim, como a escola e a universidade. Essa concepção de educação formal passou por transformações ao longo do tempo, adaptada às condições e segundo exigências, metodologias, formas de transmissão e absorção do conhecimento, próprias de cada época.

Na Antiguidade, segundo Luzuriaga (1981), a educação formal com escolas e mestres manifestou-se inicialmente no Oriente, justamente quando surgiu a escrita sistematizada. A civilização egípcia também manteve escolas formais eruditas para o ensino de matemática, astronomia, poesia, música a crianças desde os 6 anos.

Na Grécia, segundo Aranha (1996), a educação formal voltava-se especialmente à integração do corpo, espírito e intelecto. Em Esparta, preponderava um processo educativo mais direcionado aos interesses do Estado, enquanto que em Atenas, este se apresentava mais democrático, realizada por meio do método dialógico de Sócrates, baseado na ironia e maiêutica (PALMA FILHO, 2010).

Em Roma, a educação não teve caráter formal, por se dar dentro da unidade familiar e por imitação. No caso dos hebreus, de acordo com Luzuriaga (1981), o processo educativo realizado com indivíduos de oito aos 18 anos, era oferecido por meio dos livros sagrados (Tora e Talmud). Na Índia, a educação formal acontecia apenas para os integrantes de castas superiores. Na China, a educação para o povo era somente a elementar, para aos funcionários e mandarins para a população dita como superior. Na Europa, durante a Idade Média, o trabalho educativo formal tornou-se responsabilidade do clero, oferecido em latim e conduzido de forma rigorosa, numa visão de mundo teocentrista (LUZURIAGA, 1981).

No Renascimento, de acordo com Aranha (1996), passou a predominar uma educação formal de natureza humanista. Buscava valorizar a individualidade, o poder da razão, o espírito de liberdade crítica e os exercícios físicos. Surgiram nessa mesma época os métodos de educação moderna, chamada de Educação Realista, trazidas por Galileu, Copérnico, Newton e Descartes (LUZURIAGA, 1981).

No século XVII, a educação moderna recebeu contribuições de Jean Jacques Rousseau, conhecida como Educação Naturalista, que pregava a liberdade, atividade pela

experiência, abordada como educação integral, por envolver aspectos físicos, intelectuais e morais do ser humano.

A ideia de Educação formal sob a responsabilidade do Estado, desde a escola primária à universidade, foi fortalecida durante o século XVIII, após a Revolução Francesa, inspirada nos princípios iluministas, em um reconhecimento em grau máximo da razão humana.

A educação formal no Brasil, iniciada durante o século XX, segundo Palma Filho (2010), teria sofrido influências especialmente de dois modelos, um burguês de natureza positivista e outro originário do movimento popular socialista. O primeiro defendia uma educação com fins mais utilitaristas, exercida pelas gerações adultas, tendo em vista o desenvolvimento de certo número de estados físicos, intelectuais e morais, defendidos pela sociedade política, ao meio para o qual se destinava o aluno. Já o modelo socialista propunha uma educação mais igualitária, embora com muita heterogeneidade em suas proposições.

Mas ainda durante o século XX, um grande movimento de renovação, pelos adeptos da Escola Nova, segundo Palma Filho (2010), influenciados inicialmente pelas ideias do filósofo John Dewey, manifestou-se no Brasil, com apoio da pedagogia construtivista. A educação passou a ser concebida como um processo contínuo do “aprender fazendo” e do “aprender a aprender”, numa reconstrução da experiência concreta no cotidiano vivido. Segundo Dewey, a escola não deveria preparar para a vida, mas ela deveria ser a própria vida.

Entre os brasileiros adeptos desse movimento, teve destaque o renomado pedagogo e filósofo, Paulo Freire, que defendia um processo educativo de conscientização da realidade vivida pelo indivíduo, capaz de promover sua libertação. Para Ecco e Nogoro (2015 p. 3527), verificam que para Freire “Educar é uma relação interativa entre pessoas, isto é, sujeito-sujeito na perspectiva de ler e transformar realidades. Logo, uma relação sujeito-mundo”.

5.2 O Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso do Sul - SIEM-MS

O Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso do Sul foi criado por meio do Decreto nº 12.687, de 30 de dezembro de 2008. A Lei visou à sistematização e implementação de políticas de integração e de incentivo aos museus de todo o Estado, com diretrizes estabelecidas de forma democrática e participativa, e disponibilizar assessoria técnica na implementação de museus nos municípios (MATO GROSSO DO SUL, 2008).

O SIEM-MS é vinculado à Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS), sendo composto por todas as instituições museológicas oficiais, públicas ou privadas,

organizações sociais, arquivos públicos e privados, museus comunitários, ecomuseus, geoparques, centros de memória, grupos étnicos e culturais, instituições educacionais que mantenham cursos relativos ao campo museológico e outras entidades organizadas vinculadas ao setor museológico do Estado, desde que estejam cadastrados no SIEM-MS (MATO GROSSO DO SUL, 2008).

Para o desempenho de suas atividades museológicas no estado de Mato Grosso do Sul, o SIEM-MS segue, de acordo com o seu Decreto de criação, um planejamento estratégico composto por finalidades, atribuições e função, visando boas práticas culturais. Dentre as finalidades evidencia-se a promoção da interação entre os museus, as instituições afins e profissionais ligados ao setor, visando ao constante aperfeiçoamento da utilização de recursos materiais e culturais. Quanto à sua atribuição basilar destaca-se o papel de coordenar oficinas de capacitação de gestores da área museológica do Estado, realizadas em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Quanto ao papel de articular políticas culturais relacionadas à pesquisa, documentação e valorização do patrimônio histórico e cultural, promove a integração entre as instituições museológicas existentes no Estado. O SIEM-MS acompanha regularmente os programas e projetos desenvolvidos pelas entidades cadastradas, avaliando, discutindo e divulgando os resultados (MATO GROSSO DO SUL, 2008).

A criação dessa medida de articulação dos museus sul-mato-grossenses facilita a capacitação de profissionais para trabalhar nas instituições bem como melhora a troca de informações entre elas, pois a criação do sistema propicia a articulação e planejamento para a aplicação de recursos para a área de museologia.

A democratização e a ressignificação em que os museus se encontram diante da comunidade, a partir de um trabalho sistemático nas instituições museológicas e da articulação entre esses espaços e a comunidade, oportuniza uma maior visibilidade para a área museológica no Estado de Mato Grosso do Sul.

Os museus vêm cada vez mais buscando uma aproximação com as comunidades em que estão inseridos e o diálogo com a governança, abrindo seus espaços para discussões relacionadas às pluralidades culturais, o que vem transformá-los em locais de exercício da cidadania plena e do resgate de uma condição de invisibilidade.

Um programa educativo de museu tem como função precípua atender aos visitantes, contribuindo para a construção de conhecimentos para o despertar de sensibilidades, para o acesso à formação e à inclusão de todos os públicos.

Dentre os quatorze museus elencados no item 4.3 desta tese, se destacam três museus selecionados para este estudo:

1. Museu de Arte Contemporânea (MARCO/MS);
2. Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - o (MuArq/UFMS);
3. Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB).

Considerando que esses espaços museais possuem seus programas educativos formalizados, equipe educativa, composta de pedagogos e de arte educadores, bem como mediadores, também apresentam espaços de educação patrimonial bem estruturados, com auditório e salas para ministração de oficinas, possuem também bibliotecas e material didático para subsidiar as atividades educativas não-formais. Os museus destacados atendem aos preceitos técnicos do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), possuindo suas coleções organizadas, abertas ao público e programas de educação patrimonial. Apresentam um conjunto de instrumentos pedagógicos necessários para dar suporte às atividades educativas, desenvolvidas com escolas, turistas e variados grupos de visitantes.

É essencial que o museu atraia o público para junto de si, para que pessoas que não têm o hábito de visitá-lo passem a fazê-lo. Dessa forma, a ação educativa deve ser apresentada de uma forma descontraída, interessante para que o aluno que ali estiver, saiba que é um local de cultura, mas também de grande ludicidade. Sendo assim, utilizamos o pensamento de Paulo Freire (2003) que evidencia ser importante ao educador a busca de uma “alfabetização cultural” que capacite o educando a compreender sua identidade cultural e a se reconhecer, de forma consciente, em seus valores próprios, em sua memória pessoal e coletiva.

Freire (2003, p. 81) afirma que “a criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo implicam em que estas relações se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural”.

Os museus são espaços de memória, de pertencimento e de educação, no aspecto da educação não formal, diferindo-se da educação formal, por seu caráter não cumulativo. Um dos grandes desafios da educação museal é justamente responder à expectativa de uma variedade tão grande de públicos, por meio de vasta expografia, composição de exposições de longa duração e temporárias, sempre movimentadas a partir dos objetos e patrimônios culturais que formam seu território.

5.3 Os casos exitosos de educação patrimonial em Campo Grande - MS

5.3.1 Museu de Arte Contemporânea do Mato Grosso do Sul (MARCO/MS)

O Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (Figura 8), ao longo de seus anos de história é palco de importantes exposições, constituindo-se em casa de história, salvaguarda da memória da arte de Mato Grosso do Sul e tem revelado artistas para o cenário nacional e internacional. Considerado um centro de referência para as artes plásticas no Estado, foi criado em 17 de dezembro de 1991 e teve a primeira sede instalada em um prédio na esquina da Avenida Calógeras com a Rua Cândido Mariano, na região central de Campo Grande - MS.

Figura 8 - Logomarca MARCO / MS



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/MuseudeArteContemporaneadeMS/> (2019).

A sede definitiva de imponente arquitetura, em concreto foi projetada pelo arquiteto e urbanista Emmanuel de Oliveira, começando a ser construída em 1993 e foi concluída em julho de 2002, com recursos da Lei de Incentivo à Cultura. Desde então, as artes sul-mato-grossenses tomaram um novo impulso, dada a possibilidade de um diálogo maior com as artes de outras regiões e a oportunidade de divulgação da produção artística local, respeitando e valorizando a diversidade de linguagens e temas aqui abordados, contribuindo significativamente para a consolidação da arte e da cultura desse estado.

O acervo do MARCO/MS tem origem na Pinacoteca Estadual, com os prêmios aquisitivos dos salões de arte realizados a partir de 1979 e, mais tarde, por meio de doações espontâneas de artistas, colecionadores e instituições culturais. Atualmente compõe-se de

aproximadamente 1.600 obras em diversas modalidades artísticas, incluindo um conjunto significativo que registra o percurso das artes plásticas em Mato Grosso do Sul (FCMS, 2014).

A inauguração da atual sede do MARCO/MS (Figura 9) deu novo impulso ao movimento artístico do Estado, ampliando o calendário anual e possibilitando um número maior de exposições. O critério de escolha dos trabalhos a serem expostos no Museu é feito por intermédio de editais lançados anualmente em outubro e novembro. O trabalho de seleção é feito por artistas, professores e críticos no mês de fevereiro. As exposições selecionadas compõem o calendário anual do museu, com trocas realizadas a cada dois meses.

Figura 9 - Vista parcial do MARCO / MS



Fonte: www.fundacaodecultura.ms.gov.br/2019

O acervo contempla uma coleção com mais de 1500 obras, nas mais diversas linguagens: pinturas, esculturas, objetos, fotografias, desenhos, gravuras e uma coleção especial com todo o acervo (diários, fotografias, pinturas e documentos) de Lídia Baís, uma das pioneiras das artes plásticas modernas do estado. Possui também obras de Ignês Corrêa da Costa, aluna de Portinari que colaborou em obras como os murais azulejados e os painéis do auditório do Palácio Gustavo Capanema, no Rio, além da igreja da Pampulha em Belo Horizonte. Entre as obras de artistas sul-americanos no acervo do MARCO/MS estão os argentinos Fernando Suárez (pintura) e Maria Perez Sola (gravura) e os fotógrafos paraguaios Luiz Vera e Juan Britos. Da região Centro Oeste possui obras de Divino Sobral, Darlan Rosa, Gervane de Paula, Omar Franco, Glenio Lima, Elder Rocha, Marcelo Solá, Maria Guilhermina e Marina Boaventura (MARCO, site, 2018).

O museu recebeu gravuras doadas pelo Instituto Itaú Cultural, de consagrados artistas brasileiros nas técnicas de xilogravura, serigrafia, gravura em metal e litografia de: Evandro Carlos Jardim, Ferez Khoury, Louise Weiss, Maria Bonomi, Renina Katz e Ruben Mattuck. Duas grandes doações foram incorporadas ao acervo, sendo um significativo

conjunto de 138 obras de Vânia Pereira, doado pela família da artista já falecida, e também a doação de 104 obras do artista plástico Genésio Fernandes (MARCO, site, 2018).

Entre os artistas sul-mato-grossenses no MARCO/MS figuram as pinturas da importante série “Divisão do Estado” de Humberto Espíndola, as gravuras de Vânia Pereira e Roberto De Lamônica, a pintura abstrata de Wega Nery, a primeira artista plástica do Estado a expor fora do país. O MARCO/MS conta ainda com uma coleção de 14 obras de artistas brasileiros doada por Pietro Maria Bardi, 30 xilogravuras de Oswald Goeldi, 25 gravuras do Projeto Bozano Arte e Natureza, com nomes como Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Flávio Shiró, Carlos Vergara, Siron Franco e Tomie Ohtake (MARCO, site, 2018).

O museu foi contemplado na segunda edição do Prêmio Marcantonio Vilaça para “Aquisição de Acervos”, com obras de três importantes artistas de relevância para a arte local- Wega Nery, Ignês Corrêa da Costa e Jorapimo. Recebeu a exposição “Quilombolas - Tradições e Cultura da Resistência”, em 2008, consistindo num registro fotográfico, inédito, realizado pelo fotógrafo documentarista André Cypriano em negativo convencional preto-e-branco tratado digitalmente, resultado da pesquisa de campo em 11 comunidades negras remanescentes dos quilombos no Brasil. A exposição itinerante, contou com o patrocínio da Petrobrás e de recursos da Lei Rouanet de Incentivo à Cultura (MARCO, site, 2018).

No mesmo ano, a Ginga Cia. de Dança, sob a coordenação da bailarina Renata Leoni, escolheu uma das salas do museu para apresentação do espetáculo, Estudos de superfície, contemplado pelo prêmio Klauss Vianna 2011 da Fundação Nacional de Artes/Funarte marcando os 25 anos da companhia. Um ano depois, o acervo do museu foi contemplado com 64 gravuras em cliché-verre de Alex Cerveny premiado pela 5ª Edição do Prêmio Marcantonio Vilaça/Funarte. Em 2014, a mostra, Ka-ta-pumba, instalação do artista plástico paulistano Laerte Ramos, premiada na 7ª edição do edital Marcantônio Vilaça (Funarte/MINC) com um total de 108 esculturas foi salvaguarda pelo acervo do MARCO/MS. Também em 2014, o museu recebeu a exposição, Nos Caminhos Afro, fotografias em preto e branco do fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês consagrado internacionalmente, Pierre Verger, cumprindo a terceira etapa de um projeto de itinerância da Petrobrás (MARCO, site, 2018).

O MARCO/MS recebeu a exposição contemplada pelo edital dos Correios 2015, Mário de Andrade: etnógrafo, fotógrafo, poeta, que narra a paixão pelo Brasil por meio do olhar fotográfico daquele que foi um dos maiores escritores do país, Mário de Andrade. No corrente ano, o museu também inaugurou a mostra *Neverending tour* (Bob Dylan), constando

de treze pinturas e nove desenhos do consagrado artista plástico brasileiro, Luiz Áquila (RJ) (MARCO, site, 2018).

Por meio do MARCO/MS é possível traçar um panorama histórico e iconográfico das artes plásticas fortalecendo a instituição como importante centro de fomento, debate e reflexão sobre a contemporaneidade. Conforme preconiza Brandão (1985, p. 7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias educações.

Dessa forma, é importante entendermos que o papel do museu na formação da aprendizagem é de informação, de ação multidisciplinar, é primordial reconhecermos não só diferenças entre cada tipo de educação em função de seus espaços culturais e físicos, como também a diversidade e amplitude de atuação da comunidade e do pedagogo, em especial, daqueles que atuam em um espaço museal ou em uma escola.

Os arte-educadores e pedagogos do MARCO/MS atuam de modo interdisciplinar, planejando em equipe ações culturais, capazes de levar o aluno-visitante a se apropriar da obra exposta e da proposta do artista, inclusive oferecendo oficinas pedagógicas e momentos de contato direto com o artista, em que os alunos- escolas interpelam o autor acerca de suas obras, numa vertente sociocultural.

Situado no Parque das Nações Indígenas (Figura 10), o museu dispõe de cinco salas de exposição, sendo uma com mostra de longa duração, de obras de seu acervo e quatro salas para as mostras temporárias que compõem sua programação anual.

Figura 10 - Entrada principal do MARCO/MS



Fonte: Acervo da Fundação de Cultura de MS/2019

O MARCO/MS tem reservado para limpeza e manutenção às segundas-feiras, em que não está aberto à visitação, sendo para os demais dias da semana é estabelecido o seguinte horário de atendimento: de terça a sexta feira, das 7h30 às 17h30; aos sábados, domingos e feriados o horário permanece das 14h às 18h, estando fechado para acesso ao público, apenas nos feriados de: 1º de janeiro, sexta-feira santa, 1º de maio (dia do trabalhador), finados (02 de novembro), Natal e 28 de outubro (dia do servidor público) (MARCO, site, 2018).

Há que se destacar que além das exposições de arte, o museu oferece uma extensa agenda cultural, pois possui um auditório com capacidade para 105 pessoas e uma biblioteca específica em artes plásticas, com material para pesquisa e formação de estudantes, arte educadores, artistas e público em geral.

O MARCO/MS, por meio de suas atividades, cumpre fundamental papel educativo, democratizando o acesso à arte e aos bens culturais, posicionando-se como importante centro de formação e fomento cultural. Em 2006, quando completou 15 anos, o MARCO/MS lançou seu website: www.marcovirtual.com.br, objetivando a difusão das artes plásticas sul-mato-grossenses e a aproximação com o público local para quem está disponível sua agenda de atividades gratuitas aos visitantes (FCMS, 2014).

É relevante enfatizar que os museus são importantes centros de conhecimento, espaços de memória e cultura, aspectos essenciais na construção dos saberes locais. De acordo com Padilha, Café e Silva (2014, p. 71-2):

No que diz respeito à cultura e às novas tecnologias, surge a necessidade de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de memória e cultura, desde sua formação até a atualidade, vêm contribuindo para a difusão do conhecimento contido nesse espaço físico. Para atender às novas exigências e necessidades dessa sociedade da informação/conhecimento que se apresenta, é preciso pensar na lógica dessas informações de cunho histórico, político, científico, social e cultural.

O grande desafio de um Museu de Arte Contemporânea é voltar-se para ações de formação de público, compondo estratégias junto aos visitantes principalmente às escolas para incentivar a frequência aos museus e oportunizar situações para futuros consumidores e apreciadores de arte moderna.

O setor educativo do MARCO/MS está em sintonia com as abordagens atuais da arte educação, composto por salas para as atividades práticas com escolas e grupos no complemento didático, por intermédio de agendamento com a equipe técnica do museu. O programa desenvolve ações educativas a partir das obras do acervo, promovendo a qualidade

da experiência do público no contato com as obras, garantindo a ampla acessibilidade ao museu, incluindo ações destinadas às pessoas que habitualmente não são frequentadoras, incentivando assim, futuros apreciadores de arte contemporânea.

Sua ação de educação patrimonial busca atuar por meio de estímulos capazes de estabelecer diálogos com os visitantes, tendo como ponto de partida sua percepção, interpretação e compreensão das obras enfocadas, para a construção de significados possíveis. A sua equipe é composta de pedagogos, bibliotecários, arte-educadores e museólogos que em sintonia com as abordagens atuais da arte-educação, desenvolvem atividades práticas, com escolas e grupos no complemento didático, em visitas orientadas às exposições, além de cursos de iniciação em arte para crianças, jovens e adultos. Possui ainda equipado atelier para o desenvolvimento de técnicas de gravura, sendo que, além das ações rotineiras de arte educação, há as oficinas sempre no período de férias escolares - julho e dezembro.

O MARCO/MS oferece diferentes oficinas regidas por artistas plásticos e arte-educadores, tais como as de *Stop Motion*¹¹, Desenho Mangá¹², Circo/ expressão corporal e arte em miniaturas (Figuras 11 e 12).

Figura 11 - Oficina de Circo / Expressão Corporal **Figura 12** - Oficina de desenho Mangá



Fonte: FCMS (2016).

O MARCO/MS é composto por profissionais de diferentes áreas de atuação, que junto à equipe corroboram para o sucesso da atividade educativa não-formal ofertada mensalmente. No aporte de Chiavenato (2010, p. 21):

¹¹ *Stop Motion* - é uma técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular movimento. Disponível em: www.tecmundo.com.br. Acesso em: 5 nov. 2019.

¹² Segundo a Biblioteca da Fundação Japão - SP, Mangá é o nome dado às histórias em quadrinhos de origem japonesa. A palavra surgiu da junção de dois vocábulos: “man” (involuntário) e “gá” (desenho, imagem), ou seja, mangá significa, literalmente, “desenhos involuntários”. Disponível em: www.fjsp.org.br. Acesso em: 5 nov. 2019.

As organizações são constituídas de pessoas e dependem delas para atingirem seus objetivos e cumprir suas missões. E para as pessoas, as organizações constituem um meio pelo qual elas podem alcançar vários objetivos pessoais, com um mínimo custo de tempo, de esforço e de conflito. Muitos desses objetivos pessoais jamais poderiam ser alcançadas apenas por meio do esforço pessoal isolado. As organizações surgem exatamente para aproveitar a sinergia dos esforços de vários indivíduos que trabalham em conjunto.

Após a visitação, quando previamente agendado, os grupos, ainda participam de oficinas que propiciam vivências plásticas. Essa prática compõe o projeto de oficinas permanentes e de férias, que visam estimular a criatividade artística dos participantes, promover o aprendizado dos fundamentos da linguagem visual e técnicas de arte, fomentar a formação de público em museus, incentivar a comunidade a interagir com seus espaços de arte e cultura.

O MARCO/MS oportuniza também, frequentemente cursos, tais como: desenho cômico e linha-clara franco belga, voltados para crianças de 08 a 14 anos, favorecendo meios à aprendizagem de técnicas usadas pela maioria dos cartunistas norte-americanos nas suas “comicsstrips”, as “tirinhas de jornal” e também as técnicas da linha-clara, usada pelos desenhistas do chamado mercado “franco-belga” (FCMS, 2014).

O MARCO/MS participa regularmente das ações e atividades planejadas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), tais como: a Semana Nacional de Museus, ação de promoção permanente do IBRAM, quando se congregam atividades diversas dos museus brasileiros, marcando o Dia Internacional de Museus (18 de maio), a Primavera de Museus, programação anual do IBRAM, em que o MARCO recebe estudantes de escolas da rede pública e particular, previamente agendados, para participar da programação proposta pelo IBRAM, a fim de estimular a capacidade de inovação de cada instituição.

O Projeto Conversando com o Artista, visa atender às escolas públicas ou privadas por meio da mediação com o próprio artista que participa das temporadas de exposições do marco. Tem como objetivos familiarizar os estudantes com o museu, com a arte e principalmente o de aproximar o artista contemporâneo de seus ouvintes e o de conhecer o seu percurso criador, além de fomentar público apreciador de arte (MARCO, site, 2018).

A biblioteca do MARCO/MS oferta conhecimento, arte e cultura para todos, visando capacitar, estimular e ampliar o conhecimento do assunto - artes (com bibliografia especializada em arte moderna e contemporânea).

O Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul possui uma agenda, preparada pelo Programa Educativo às escolas (Figura 13), recebendo-as com seus

mediadores que, inicialmente, esclarecem sobre os procedimentos de visitação, acompanhando em seguida para as salas de exposições, estimulando o exercício de leitura das obras, e instigando perguntas, problematizando e mobilizando o potencial de cada um em torno da obra de arte.

Figura 13 - Atividades educativas desenvolvidas no MARCO/MS



Fonte: Acervo MARCO/MS.

Fazendo uma analogia entre museu enquanto espaço material/edificado e museu espaço/imaterial, de memória aliando a reflexão acerca da arquitetura de museus para os dias atuais, vê-se que estes figuram como territórios contenedores de arte contemporânea. Assim como a arte é atemporal, os museus deveriam suportar todas as formas de manifestações artísticas e a arte contemporânea, neste contexto, tem diversos significados, questionamentos, portanto vários autores apresentam definições que podem indicar o caminho para os projetos arquitetônicos dos museus contemporâneos.

Com inúmeras ações educativas não-formais, o MARCO/MS, está em sintonia com a abordagem de uma educação construtivista, com amplas instalações para as atividades práticas com escolas e grupos variados, dirigidas pela equipe técnica do museu. Com um programa educativo estruturado, planeja desenvolver ações educativas a partir das obras do acervo, promover a qualidade da experiência do público no contato com as obras, garantir a ampla acessibilidade ao museu, e incentivar futuros apreciadores da arte local e global.

5.3.2 Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/UFMS)

Conforme a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, as pesquisas arqueológicas realizadas há 20 anos, no Estado de Mato Grosso do Sul, pela equipe do Laboratório de Pesquisas Arqueológicas (LPA/UFMS), motivou a criação, no ano de 2006, do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq, 2019).

O MuArq foi instituído conforme as Instruções de Serviço da Pró-Reitoria de Planejamento, Orçamento e Finanças nº 125/2006, de 03/08/2006, e nº 184, de 06/10/2006, como unidade com *status* de Divisão da UFMS, vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. O MuArq foi implantado por meio da Resolução nº 53 de 27/09/2006, do Conselho Universitário da UFMS. Este Conselho, por meio da Resolução nº 54 de 27/09/2006, homologou os objetivos do MuArq:

I - coletar e analisar dados arqueológicos na área da pré-história, etnologia e história do Estado de Mato Grosso do Sul, com vistas à reconstituição e compreensão da ocupação do espaço regional pelo homem em seus diferentes sistemas culturais;

II - cadastrar e providenciar junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) o registro dos Sítios Arqueológicos do Estado, como patrimônio da União, bem como colaborar na sua preservação;

III - conservar o acervo arqueológico recolhido, com critérios científicos e museológicos, e torná-lo acessível a estudos e pesquisa;

IV - realizar exposições didáticas de parte do acervo, como instrumento de divulgação, educação científica e preservacionista; V - manter intercâmbio com instituições similares com vistas à divulgação recíproca de informações e atualização científica;

VI - constituir banco de dados científicos auxiliar à pesquisa mediante biblioteca especializada, mapoteca, litoteca, coleções de esqueletos animais, coleções etnográficas, etc.;

VII - oferecer apoio a programas de pesquisa e extensão universitária e a cursos de graduação e pós-graduação;

VIII - preservar e assessorar a Instituição, quando solicitada, em situações de natureza legal, como “Estudo de Impacto Ambiental - EIA/Relatório de Impacto Ambiental - RIMAs”, litígios em áreas indígenas, salvamento arqueológico, preservação de imóveis de valor cultural e/ou histórico, etc.;

IX - adquirir e/ou receber doações de coleções particulares;

- X - publicar os estudos realizados em periódicos próprios e/ou de outras instituições;
- XI - viabilizar recursos e propor a celebração de convênios relacionados à área de atuação;
- XII - organizar e desenvolver cursos informais voltados para a divulgação do conhecimento científico e técnicas de curadoria e conservação de acervo museológico, bem como programas de educação patrimonial;
- XIII - desenvolver outras atividades dentro de sua área de atuação.

O MuArq é uma unidade institucional de caráter permanente, sem fins lucrativos, datado de uma estrutura organizacional que lhe permite garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los por meio da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição, com objetivos científicos, educativos e lúdicos, e facultar o acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

Todo o processo de origem, criação, implantação e consolidação do MuArq foi desenvolvido sob a gestão do Prof. Dr. Gilson Rodolfo Martins, Chefe de Divisão desse Museu até 11/10/2013, posteriormente essa atividade foi de responsabilidade da Profa. Dra. Emília Mariko Kashimoto, até junho de 2019. Atualmente não há um gestor direto do museu, sendo essa unidade vinculada diretamente a UFMS, por meio de um gestor dos espaços culturais da Instituição de Ensino Superior - IES.

A logomarca do MuArq/MS demonstra que é essencial dinamizar a articulação entre museu e educação (Figura 14), formulá-la e ativá-la conscientemente nas escolas e universidades. A instituição museal ainda enfrenta dificuldades em difundir sua perspectiva de “espaço pensante” que promova a pesquisa, o resgate e o repasse novas concepções de arte, cultura, história e patrimônio, inclusive o patrimônio vivo.

Figura 14 - Logomarca do MuArq/UFMS



Fonte: Site do MuArq/2018

Ao mesmo tempo, conjugando referências ambientais e culturais pretéritas, o MuArq/UFMS constitui-se num ambiente estimulador da reflexão interdisciplinar, numa transversalidade de temas que sinalizam a pluralidade cultural e ambiental, conforme o que estabelece, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997).

Considerando a pluralidade cultural e a transversalidade do ensino, o museu preparou um espaço, de educação patrimonial, destinado ao público do Ensino Fundamental, e até da Educação Infantil, um grande Espaço-Lúdico-Pedagógico (Figura 15) todo ilustrado por pinturas, fotos e imagens relativas às características ambientais e culturais, da arqueologia museal, esse espaço foi dividido em dois segmentos: povos caçadores-coletores pré-históricos e povos agricultores ceramistas pré-coloniais.

Figura 15 - Espaço de educação patrimonial



Fonte: Setor Educativo do MuArq/MS/2018.

As perspectivas interativas no local abrangem: uma área de escavação arqueológica (estrutura preenchida com areia lavada, dentro da qual se encontram peças líticas, cerâmicas e carvões), além de mesas e cadeiras para utilização de carimbos de grafismos rupestres e cerâmicos arqueológicos, para pintura. A atração que o espaço exerce sobre o público infantil é visível e inquestionável, porém observa-se que seria mais plenamente estimulador ao conhecimento científico se houvesse um vídeo introdutório à atividade nessa área, inclusive com linguagem em libras, pois o MuArq/UFMS também recebe público com necessidades especiais. Tal demanda motivou a produção de um vídeo de animação com libras apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Conforme ressaltam, Kashimoto e Martins (2009, p. 322):

As atividades de educação patrimonial [...] possibilitaram ampliar o conhecimento arqueológico da população regional, de forma a contribuir para o fortalecimento de sua capacidade de reconhecer o patrimônio arqueológico enquanto testemunho de processos histórico-culturais que nos são necessários para o entendimento de nossa existência e que são passíveis de desaparecimento.

Como base nos dados coletados em ações de educação patrimonial percebeu-se a sensibilização da população local para a educação patrimonial/arqueologia (Figura 16). Essas atividades educativas advindas de museus à comunidade levam o conteúdo científico para perto da população, que na maioria das vezes tem conceitos errôneos de arqueologia, conforme assevera Kashimoto e Martins (2009). Em Mato Grosso do Sul ainda se destacam as crenças da existência de potes de ouro enterrados, por ocasião da Guerra do Paraguai, assim esse fato sujeita os sítios arqueológicos a invasões e destruição, pois somente uma pequena parcela da população, nos territórios mais isolados, conhece o sentido cultural/patrimonial das peças arqueológicas.

Figura 16 - Educação patrimonial MuArq/UFMS



Fonte: Setor Educativo do MuArq/MS/2018.

Com atividades adequadas, dentro da metodologia da Educação Patrimonial, o MuArq/UFMS levou a pesquisa científica até a população da área de estudo, no caso o Alto Paraná- MS, utilizando vasto material didático, tais como: folhetos, gibis, jogos de quebra-cabeça e ainda um livro - Uma longa história em um grande rio: cenários arqueológicos do Alto Paraná, elaborado com o apoio do CNPq e distribuído em larga escala. O trabalho dos pesquisadores do Museu de Arqueologia comprova o quanto importante é a educação patrimonial para disseminar o conhecimento, principalmente dentre crianças, atingiu plenamente seus objetivos e deu à equipe do MuArq/UFMS o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade 2006, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na categoria Educação Patrimonial, pelo desenvolvimento do projeto: Educação patrimonial no

Alto Paraná, Mato Grosso do Sul: socialização do conhecimento arqueológico (MUARQ, 2019).

Percebe-se, portanto, a função educacional e social da educação patrimonial como uma possibilidade de construção da identidade, participação, democracia e cidadania.

As atividades desenvolvidas abrangeram aplicação de questionários acerca dos conhecimentos locais relativos à Arqueologia, palestras expositivas apresentando conceitos de Arqueologia e Educação Patrimonial junto a professores e alunos, mostra de exemplares de bens patrimoniais arqueológicos e oficinas de confecção de peças cerâmicas (Figura 17).

Figura 17 - Ações Educativas no MuArq/UFMS



Foto: Maria Christina de Lima Félix Santos/2018.

Por meio da metodologia da educação patrimonial, inicialmente utilizada para desenvolver programas didáticos em museus, é possível preservar, manter vivos conhecimentos, mesmo que adaptados a novas realidades. Infere-se o conceito de alfabetização na construção dos conhecimentos patrimonial, tal a importância de se compreender a educação patrimonial, para a formalização do conceito de desenvolvimento local, conforme ressaltam Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6):

A Educação Patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Assim por intermédio de práticas pedagógicas há a possibilidade do fortalecimento das ações de empoderamento social, vez que a população, a começar pelos educandos, se

solidifica a construção da sua identidade, da sua história, por meio da preservação dos fatos do passado, chegando assim a compreensão da realidade circundante. Logo, as práticas de educação patrimonial comprovam a construção de uma educação continuada, integrando o conhecimento científico ao conhecimento tácito/local.

5.2.3 Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB)

O princípio que norteia o trabalho da Ação Educativa do Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) é o de museu participativo. A essência desse espaço museal centra-se na memória e na identidade, apresentando uma proposta de museu integrado ao visitante, em que as ações educativas se constituem a partir de uma rede que envolve o público e suas diversas demandas junto às pesquisas realizadas pelos educadores. As ações educativas transcorrem de modo interdisciplinar e transdisciplinar.

Por ser um museu universitário, seu plano de ação baseia-se no tripé: ensino, pesquisa e extensão, tendo por foco dar voz às populações indígenas, verdadeiros proprietários de seu grandioso acervo.

A logomarca do MCDB apresenta múltiplas interpretações ao visitante, porém o objetivo dessa marca identitária é ressaltar a pluralidade cultural demonstrada no museu da riqueza cultural brasileira (Figura 18).

Figura 18 - Logomarca do Museu MCDB



Fonte: Site do MCDB/2018

Centrado na comunicação de sua expografia dinâmica, o projeto do italiano Massimo Chiappetta, diretor artístico e responsável pela expografia do Museu das Culturas Dom Bosco, trabalhou junto à equipe para compreender o universo indígena ligado às coleções que deveria expor. O resultado consistiu numa exposição moderna, com elevado grau estético que, todavia, não exclui a científicidade. O MCDB tem a função também de ser o guardador da memória e preservador da história do território vivido. Trazendo ao visitante a

problematização do contexto local, de forma crítica e reflexiva, seguindo os moldes do educador Paulo Freire (2000), apresenta ao visitante suas diferentes coleções, como a Coleção de Ciências Naturais, classificada em: Mineralogia; Paleontologia; Zoologia de Invertebrados e a Zoologia de Vertebrados.

Na Coleção de Ciências Humanas apresenta a coleção de arqueologia e etnologia. Nesses espaços educativos, o museu cumpre seu papel de educação não formal, sendo sistemática e organizada, porém concretizada fora dos espaços escolares (formais). Outra singularidade do MCDB é a inclusão cultural, apresentando um setor educativo voltado às necessidades especiais: Deficientes Visuais, Deficientes auditivos e Deficientes Físicos.

O Museu das Culturas Dom Bosco possui também um expressivo material pedagógico “Guia Didático”, lançado em 2016 (Figura 19), apresentando aos professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio, sistemáticas de trabalho, de acordo com os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), elevando a visita ao museu como ação complementar aos conteúdos curriculares ministrados. A publicação apresenta também diversas atividades que podem ser desenvolvidas na escola, com o recurso de Práticas de Educação Patrimonial, baseadas no Manual de Educação Patrimonial do IPHAN (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999).

A maior parte dos visitantes do Museu das Culturas Dom Bosco é constituída por estudantes, neste prisma, programas educativos como a educação ecológico-ambiental e a educação patrimonial são utilizados como as principais ferramentas de acesso à conscientização da comunidade e dos jovens frequentadores do MCDB, oportunizando momentos de interdisciplinaridade e educação não formal.

Figura 19 - Guia Didático MCDB



Fonte: Acervo particular de Maria Christina de Lima Félix Santos/2018.

Nesse contexto, o educador atua como um mediador, por meio das ações e projetos criados colaborativamente com os diversos parceiros. Com uma distribuição didática da expografia museal o MCDB possui um amplo setor de Conservação e Pesquisa, em que as ações em desenvolvimento, outras ações concluídas e algumas a desenvolver, são distribuídas em programas e subprogramas de dois grandes projetos: Projeto Museológico e Projeto Educativo Cultural.

O Projeto Museológico compreende o Programa de Museologia e Conservação Patrimonial e o Projeto Educativo Cultural compreende os programas Museu na Aldeia; Programa de Ecologia e Educação Ambiental e Programa de Didática Museal Aplicada.

Nesse espaço, são guardadas lembranças do antigo museu, projeto dos salesianos de Dom Bosco que, em 18 de junho de 1894, chegavam a Cuiabá, para iniciar um trabalho com os povos indígenas a pedido do governo (MCDB, 2018). Desse contato, nasceu a ideia de se criar o Museu Dom Bosco que hoje dá origem ao patrimônio cultural mais importante da Missão Salesiana de Mato Grosso/ Universidade Católica Dom Bosco. Procura-se simbolizar nesse espaço a metodologia expositiva adotada pelos fundadores do museu, Padres Felix Zavatato, Cesar Albisetti, Ângelo Venturelli e João Falco (MCDB, 2018). Esta é uma sala ainda em fase de aquisição de acervo, fato que se deve a uma presença mais marcante dos salesianos ao norte do antigo estado de Mato Grosso, dividido politicamente, em 1977, em estado de Mato Grosso, capital Cuiabá e estado de Mato Grosso do Sul, capital Campo Grande (WEINGÄRTNER, 2002).

Dentre os muitos povos de etnia indígena que habitam Mato Grosso do Sul, o museu representa a cultura material dos Terena, dos Kadiweu, dos Guarani Kaiowa, dos Kinikinaw, dos Guato e dos Ofaie (Figura 21), por meio de objetos e utensílios históricos expostos em ocas de cobre, signo da pós-modernidade, estética capaz de traduzir a vida contemporânea desses povos (MCDB, 2018).

Na sala Povo Xavante o espaço expográfico (Figura 20) assemelha-se a um labirinto unicursal espelhado, do qual só se consegue sair, quando se descobre o enigma proposto. É importante ressaltar que o tema tratado pela exposição foi escolhido por um representante dos Xavante e diretor do Museu Comunitário de Sangradouro, Valeriano *Raiwi'a Wérhéhité*. De acordo com ele, o espaço deveria conter objetos significativos dos ritos de passagem e religioso.

Figura 20 - Expografia Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul



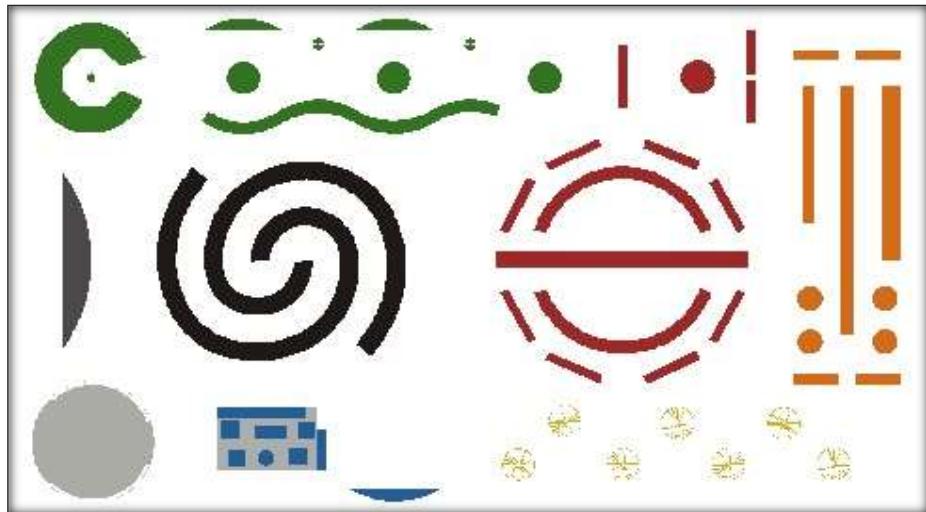
Foto: Maria Christina de Lima Félix Santos (2018).

No espaço Povo Bororo, expõem-se o nascimento e morte, fazendo fundo para a contextualização metafórica do espaço expográfico bororo dividido: como a aldeia original, em duas metades, *Tugarege* e *Ecerae* representadas pelos quatro clãs que as compõem respectivamente. Além do círculo, no recôndito da terra há o espaço de evocação das almas carregado de simbologias indígenas. A ala Povo Karajá reúne os objetos da cultura material dos Karaja, coletados pelos salesianos de Dom Bosco, Pe. Ângelo Venturelli e Pe. João Falco (MCDB, 2018). A expografia tomou por base de contextualização o mito de origem do povo representado e cenas de sua vida cotidiana.

Quanto ao território Povos do Rio Uaupés, é representado por meio de seu mito de origem, iconizado na arquitetura e pelos objetos utilizados em seu cotidiano, os povos Tukano, Desana, Tariana, Pira-Tapuia, Tuiuka, Paracanã, Taiwano e Wanana. Podemos sugerir que o espaço metaforiza a cultura disposta esteticamente ao longo do Rio Uaupés e que onde o “rio” termina, acaba a vida, aprisionada nas Vests de Lágrimas dentro do círculo sagrado, para dar origem a um novo começo (MCDB, 2018).

É importante ao visitante perceber que o *layout* de cada expografia obedece a uma determinada cor e espaço iconográfico (Figura 21).

Figura 21 - *Layout* da sala de exposição de cultura indígena do MCDB



Fonte: <http://www.mcdb.org.br> (2019).

Conforme informações do *site* do MCDB a exposição de arqueologia demonstra que não há mesmice na vida do homem, passível de explicação por meio dos vestígios que marcam sua passagem pela terra. Nesta exposição, esses sinais históricos estão expostos de forma tal que o espectador passa a fazer parte de um sítio arqueológico, descobrindo os indícios dos povos ceramistas e os objetos de pedras/símbolos dos caçadores coletores. Essa ala possui ainda os espaços: Arqueologia do Brasil e Arqueologia de Mato Grosso do Sul.

A reestruturação física do Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) implicou a reavaliação de sua missão, promovendo uma abertura democrática à diversidade cultural humana o que permite aos visitantes a reflexão sobre suas concepções de mundo e a utilização do museu como uma ferramenta de apropriação de cultura e conhecimento.

Desse modo, o MCDB surge no cenário nacional e internacional, como um fascinante espaço de evolução museográfica, de comunicação em massa. Estas qualidades permitem também conhecê-lo, estudar a sua história, seu desenvolvimento e a sua importância como fonte informal de transmissão de conhecimento a todas as camadas da sociedade. Para tanto, a educação ambiental e a ecologia surgem como instrumentos valiosos neste processo de ampliação, enriquecimento do ensino e aprendizagem idealizados na filosofia de Dom Bosco.

Esses programas que abrangem desde a educação ecológico-ambiental à educação patrimonial são utilizados como as principais ferramentas de acesso à conscientização da comunidade e dos jovens frequentadores do MCDB, para a conservação dos patrimônios naturais e culturais.

Dentro desse contexto, a utilização dos recursos museológicos do MCDB e de toda área natural no entorno deste, com toda sua fauna e flora, arrebata a atenção desejada para despertar o interesse público pelos predicados naturais e culturais de nossa sociedade, firmando dessa forma o compromisso deste museu em socializar os princípios da educação patrimonial, a memória e a identidade socioambiental.

As experiências transdisciplinares adquiridas durante a participação nestes programas permitem aos jovens e adolescentes (Figura 22), desenvolver o senso crítico e capacidade de reflexão sobre a problemática dos avanços tecnológicos e as consequências sobre o meio ambiente, bem como compreender os estudos sobre os indícios do passado e utilizá-los para avaliar seu modo de vida, capacitando-os a identificar as origens dos problemas atuais e desenvolver soluções condizentes para o seu futuro, exercitando sua consciência e cidadania para com os bens patrimoniais culturais e naturais.

Figura 22 - Atividades de ações educativas realizadas no MCDB



Fonte: Maria Christina de Lima Félix Santos/2018.

O museu oferece diferentes atividades com temáticas de educação patrimonial, tais como: manuseio de réplicas de objetos, apresentações de vídeos documentários, peças de teatro e de fantoches, como também realiza visitas guiadas e capacitação de professores e guias de turismo para melhor proveito do seu acervo.

O contato com as exposições e os objetos que compõem o acervo museal sejam as de longa duração ou temporárias, conduz o visitante a compreensão de sua história ao mesmo tempo em que suscitam o desejo da investigação, de desvelar os acontecimentos por meio do enredo das exposições. Visitar um museu não consiste apenas num momento lúdico para ilustrar o conteúdo ministrado, pois o museu tem grande potencial educativo e possibilita o contato direto com o patrimônio cultural.

6 O MUSEU COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem em seus testemunhos: também não é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).

O museu como transformador da sociedade e modelo de referências culturais é sempre território importante para o desenvolvimento local, solidificado por meio de aprendizagem, seja ela informal, formal ou não-formal. Para que os museus sejam realmente local de profusão cultural há necessidade de um estudo aprofundado do perfil do seu público. Dessa forma é possível estimular a visitação e o retorno aos espaços museais, pois o visitante precisa ser visto como participante ativo nas instituições museais, construtor de sua história e instrumento de permanência da memória local, portanto, a aprendizagem em museus precisa preconizar a relação ambiente, objeto museal e visitante.

Falk e Dierking (2000) destacam que a pesquisa de aprendizagem nos museus em espaços não-formais expandiu em 1980. Para esses autores, a aprendizagem em museus resulta sempre da dialogicidade, relação entre o indivíduo e o ambiente físico/ social, sendo essa teoria próxima da aprendizagem construtivista, pois pondera o ato de aprender como produto das mudanças nas estruturas cognitivas. Marandino (2003, p. 119) apresenta a seguinte reflexão a respeito do papel da mediação no museu:

O papel da mediação humana deve ser dimensionado. Museus não são escolas e mediadores não são professores. O que não impede de o professor utilizar o museu da forma que mais achar conveniente. Deve-se ter o cuidado de pensar qual o papel da mediação humana ao elaborar exposições para que a compreensão do sentido não seja comprometida. Monitores não são imprescindíveis e as exposições não podem depender deles para serem compreendidas. Por outro lado, talvez seja através da mediação humana a melhor forma de obter um aprendizado correto dos conceitos abordados nas exposições. São os objetivos da exposição que devem definir as formas de mediação com o público.

Pondera Áviles (2018) que a aprendizagem que se desenvolve no museu é informal, espontânea e voluntária e o conteúdo assimilado nas experiências em museus pode se manifestar em qualquer momento de nossa vida. Há que se transformar a aprendizagem motivando o visitante por meio de algumas estratégias, como: favorecer a comunicação para que haja interação, compreensão e sentido aos objetos, experiências e fenômenos; estimular a curiosidade perceptiva e intelectual - deixar coisas sem dizer e motivar a imaginação do

visitante; retroalimentar a confiança, a competência e a segurança durante a visita museal, para que o visitante se sinta valorizado; estimular a imaginação, para que a visita seja uma experiência divertida, gratificante e criativa; o visitante deve sentir-se livre.

Outra análise essencial quanto à aprendizagem em museus é compreender a sistemática das múltiplas inteligências de Gardner (1994), pesquisador que considera a realização da aprendizagem em espaços museais, pois diferentes pessoas aprendem de formas diferentes, de acordo com seus estilos de inteligência predominante.

É necessário que os setores educativos dos museus busquem planificar experiências conjugadas de aprendizagem, para que os efeitos de integração e ressonância das experiências educativas sólidas ocorram em sala de aula, nos museus e nos ambientes familiares.

O modelo das múltiplas inteligências de Gardner (1994) pode ser empregado em ações de motivações de visitantes museais, por intermédio de oferta de diversas experiências positivas, acreditando nos museus como espaços de criação de conhecimentos e, de difusão de saberes, a todo tipo de público (Figura 23).

Figura 23 - As múltiplas inteligências de Gardner



Fonte: Fernando (2017)

O museu é uma fonte de dinamização e desenvolvimento local, lugar de reunião, lugar de estudo, atração turística, lugar de ócio, lugar de compras, lugar de aprendizagem. Instituições fundamentalmente educativas - educação não-formal, sendo que a educação assim

promove o desenvolvimento pessoal e a socialização, ocorrendo no contexto formal, no contexto não-formal e no contexto informal (Quadro 7).

Quadro 7 - Educação Museal - Múltiplos modelos

Contexto formal	Contexto não-formal	Contexto informal
Sistema educativo	Atividades realizadas fora do sistema educativo oficial, para facilitar determinadas aprendizagens (crianças, jovens e adultos).	Aprendizagem que se adquire como resultado das relações e atividades da vida cotidiana (família, trabalho, igreja, etc.)
Cronologicamente graduado		
Sistematizado		
Planificado		
Títulos acadêmicos		

Os museus são espaços de aprendizagem, pois possibilitam aos visitantes adquirirem conhecimentos, habilidades, competências, desenvolvimento de compreensão crítica, aumento do interesse pela cultura local e global, desenvolvimento de atitudes de preservação do patrimônio cultural. Há distintos tipos de museus: sistemático, linear, museu construtivista e museu interativo, usam suporte diferenciado de aprendizagem. Museus baseados no objeto - (descrição dos objetos) e museus baseados no discurso (se centram na relação do objeto e do visitante), favorecem de sua expografia para planejar os seus programas educativos.

Os museus atuais são espaços abertos a todos os públicos e cenários de encontros da comunidade e de participação, às exposições e aos programas. O ambiente museal deve ser aberto a toda espécie de público, nesse sentido, a pesquisa de Falk e Dierking (2000) representa a condição para o reconhecimento dos museus como espaços culturais de aprendizagem. Carvalho (2016, p. 45) ressalta que:

O papel educativo dos museus tem sido definido de forma cada vez mais ampla, enfatizando-se a importância de sucesso nas relações com o visitante e na revisão constante das ações educativas realizadas em seu interior, ... embora os museus já tenham sido comparados com livros ou encyclopédias, hoje já se percebe que educação em museu não se refere a transportar informação efetiva.

Considerando a educação museal como um ato educativo não-formal aliado ao trabalho da escola de educação formal, as visitas museais podem ser um momento ímpar de aprendizagem, pois quando o professor se envolve com a exposição, e já tem trabalhado com sua turma o mote da expografia, a concretização da aprendizagem ocorre naturalmente e faz dessa visita de estudos um momento prazeroso de educação.

6.1 Museu, patrimônio: a função do objeto museal

Para que os museus tenham uma política de formação de público, suas atividades devem ser sistematizadas em programas por serem espaços de memória, identidade, conhecimento e turismo, assim locais para ação educativa não-formal de visitantes locais e de turistas. Os museus podem servir ao turismo, são atrativos capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los, porém, o grau de atratividade do museu depende de seu formato/expografia, acervo, facilidade de acesso, enfim oportunidade ao visitante. Uma forma de expandir o fluxo de visitantes museais é realizar um bom plano de ação, atraindo, motivando, sensibilizando os turistas, fazendo-os terem prazer ao percorrer o território museal.

Infere-se nesta tese, que os museus podem atuar como agentes de desenvolvimento local e desenvolvimento cultural, dinamizando a cultura e a economia locais, com ações de economia criativa, como cursos de artesanato, que possam estimular as potencialidades do local e, consequentemente, gerar emprego e renda.

Quanto à função do objeto museal, ressalta-se que a partir do momento em que o objeto passa a compor uma exposição ele se transforma; se reveste de valor cultural, que muitas vezes estava despercebido no contexto social, deixando de ser um objeto somente contemplado para ser instrumento de memória, algo a ser interpretado.

Para pensar a função do objeto na perspectiva da análise do discurso pela visão de Orlandi (2014) assinala-se que museu é uma instituição individuada pelo Estado, por intermédio de instituições e linguagem.

Por outro lado, sendo o museu encarregado da memória de arquivo que praticam, alimentam, normatizam os processos de significações, verifica-se que o sujeito passa a ter uma formação social, desenvolvendo práticas de significação. Para se entender essas práticas parte-se do pressuposto de Pêcheux (2010), acerca do papel da memória discursiva que é constituída entre a esfera coletiva e social.

A memória seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX., 2010, p. 52).

Em vista desta reflexão, pode-se enfatizar que em um museu, o objeto que semanticamente se reconstrói está pautado nos pré-construídos, nesse acontecimento a ler, na

memória discursiva, pois conforme França (2016, p. 4), a memória pode ser associada como uma instância histórica que baliza a materialidade do arquivo e influencia as relações semânticas presentes no mesmo. Logo, os objetos museais sofrem uma reconfiguração semântica de sentidos que é o que Ramos (2004) propõe enquanto a reconfiguração dos objetos: uma cadeira que não é somente mais uma cadeira, mas um objeto que foi utilizado pelo imperador x em dado momento histórico, com características referentes a tal período. Assim, o objeto museal deve ser compreendido nessa teia de relações entre a memória, o tempo e a história em que ele perde seu significado utilitário e passa a ter seu significado memorialístico em que o uso não importa mais, mas a sua representação. O discurso utilitário perde lugar para o discurso histórico compreendido nas relações construídas.

A perda da função original do objeto, ou seja, o seu uso, passa a ser desconsiderado quando o mesmo se torna parte de uma exposição museal, apresentando uma análise bem próxima da interpretação de Paulo Freire de tema gerador/palavra geradora. As palavras geradoras são instrumentos para motivar a alfabetização, os objetos em exposição, objetos geradores tem a função comunicativa de suscitar no visitante a interpretação fomentada pelo organizador/curador da exposição (RAMOS, 2004).

Os objetos museais geradores ligam o visitante à comunicação da exposição: estabelecendo trocas entre o que já se conhece e o que se está buscando conhecer por meio de interpretações.

Considerando o objeto museal e sua força comunicativa pondera-se que o museu não pode apresentar unicamente, a história dos vencedores da elite em detrimento dos vencidos, mas oportunizar uma leitura crítica dos fatos por meio dos objetos expostos.

Na multiplicidade dos tempos, interessa esmiuçar as várias dimensões sociais que caracterizam a criação e o uso dos objetos. Torna-se fundamental estudar como os seres humanos criam e usam objetos. Por outro lado, é igualmente necessário refletir sobre as formas pelas quais os objetos criam e usam os seres humanos (RAMOS, 2004, p. 36).

Em Campo Grande - MS no Museu José Antônio Pereira, museu de história que retrata a fundação da cidade de Campo Grande, os pioneiros e os objetos da época (1872), é possível perceber a curiosidade dos visitantes, quanto ao uso utilitário, função original das peças expostas (Figura 24), apesar de os objetos estarem agora, em outra função.

Figura 24 - Objetos museais do Museu José Antônio Pereira



Foto: Ivonete Simocelli (2017)

Exemplificando a função do objeto no museu, apresentam-se utensílios e a casa da fazenda que atualmente compõem um espaço museal administrado pela Prefeitura Municipal de Campo Grande - MS, sendo que todo o conjunto relata a história da capital de Mato Grosso do Sul, frequentado por muitas escolas e turistas. No local, encontram-se objetos pessoais da família, dos fundadores da cidade de Campo Grande, tais como: utensílios domésticos, carro de boi e um monjolo. O museu está localizado na antiga sede da Fazenda Bálamo, hoje Bairro Monte Alegre. Oferece aos seus visitantes uma “volta” a meados do século XIX, por meio de uma “construção de barro de sopapo” ou “pau a pique”.

Latour (2002) lembra como as multiplicidades temporais dos objetos estão marcadas no cotidiano, destacando que o uso do objeto em si nunca ocorre em um presente puro. Os objetos mediadores podem motivar, facilitar ou incentivar o conhecimento que perpassa ao visitante por intermédio da exposição no museu.

6.2 Museus e escolas: parceria na efetivação de ações culturais para a formação de público consumidor de cultura

Para dinamizar a articulação entre museu e educação é necessário, formulá-la e ativá-la conscientemente nas escolas e universidades. A instituição museal ainda enfrenta dificuldades em difundir sua perspectiva de “espaço pensante” que promove a pesquisa, o resgate e o repasse de novas concepções de arte, cultura, história e patrimônio, inclusive de patrimônio vivo.

É relevante entendermos o papel do museu na formação da aprendizagem, da informação e da ação interdisciplinar, sendo primordial reconhecer que existem diferenças

entre cada tipo de educação em função de seus espaços culturais e físicos. É essencial reconhecer a diversidade e amplitude de atuação da sociedade e do pedagogo, em especial, daqueles que atuam em um espaço museal ou em uma escola.

Os educadores e pedagogos museais atuam de modo interdisciplinar, planejando em equipe as ações culturais, a serem desenvolvidas, objetivando conduzir o aluno-visitante a se apropriar do conteúdo do objeto ou obra exposta e da proposta do artista, inclusive oferecendo oficinas pedagógicas e momentos de contato direto com o artista, em que os alunos/escolas interpelam o autor acerca de suas obras, numa vertente sociocultural.

Os museus são importantes centros de conhecimento, espaços de memória e cultura, aspectos essenciais na construção dos saberes locais. Padilha, Café e Silva (2014, p. 71) destacam que:

No que diz respeito à cultura e às novas tecnologias, surge a necessidade de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de reflexão acerca de como as instituições museológicas, espaços de memória e cultura, desde sua formação até a atualidade, vêm contribuindo para a difusão do conhecimento contido nesse espaço físico. Para atender às novas exigências e necessidades dessa sociedade da informação/conhecimento que se apresenta, é preciso pensar na lógica dessas informações de cunho histórico, político, científico, social e cultural.

O grande desafio dos museus na contemporaneidade é o de se voltarem para ações de formação de público, compondo estratégias junto aos visitantes principalmente às escolas para incentivar a frequência e oportunizar situações para futuros consumidores e apreciadores da cultura e da arte.

As instituições museais podem agregar valor ao local/território em que se encontram promovendo ações culturais atrativas aos moradores da região que servirão para reflexão e capilarização de ideias. No aporte de Meneses (1994), todos os museus são históricos, é claro, dito de outra forma, tanto podem operar as dimensões de espaço quanto de tempo, no entanto, o tempo nunca poderá ser esquecido, essencialmente quando se procura contextualizar uma exposição.

Os museus promovem ações educativas não-formais oportunizando à população local reconhecer esse território como local de interação cultural e permanência da memória. O plano de trabalho do setor educativo dos museus oferece ações aos visitantes, em que esses experimentam a ambiência da expografia museal, interagem com as coleções museais e absorvem o objetivo, a essência da exposição na construção da história e na permanência da memória.

A relação museu-escola é importante para fazer com que os museus sejam redescobertos como espaços privilegiados de saber e de encontros sociais, no entanto, na visão de Lopes (1991), não se trata, porém, de promover a “escolarização” do museu, mas de estudar a sua multiplicidade de papéis educativos que podem ser assimilados pelo espaço museológico. É importante enfatizar que tanto as escolas quanto os museus constroem plano de transmissão do saber cultural representativo de uma determinada época. Para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, o objeto museal tem papel importante, pois esse elemento é comum no museu e na escola, sendo o objeto construto na referência de aprendizagem. Em museus os objetos são fontes de memória, já na escola são instrumentos de pesquisa.

Canclini (1998) afirma que o museu e a política patrimonial tratam os objetos, os edifícios e os costumes de tal modo que, mais que os exibir, tornam inteligíveis as relações entre eles, propõem hipóteses sobre o que significam. O autor destaca que nas sociedades latino-americanas, os museus são importantes agentes de preservação do patrimônio cultural. Portanto enfatiza que os museus compõem a construção dos produtos culturais eruditos e que associados aos produtos culturais populares, formalizam uma cultura híbrida.

A exposição museal motiva o visitante a realizar uma interpretação do espaço, uma releitura, interpretando o fato apresentado e compreendendo as nuances do contexto histórico. O conhecimento e a apropriação do saber ocorrem por intermédio de narrativas, conduzidas pela organização dos objetos, num enfoque educativo os objetos museais incorporam uma análise crítica do social.

Ramos (2004) propõe a reconfiguração dos objetos a partir do contexto museal. Ao tornar-se peça de museu o objeto passa por uma reconfiguração de sentidos.

Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estuda-la por meio de objetos (RAMOS, 2004, p. 21-2).

O conhecimento transmitido pela escola, que de acordo com Bourdieu (2008) é conceituado de capital escolar associado ao capital cultural repassado pela família oportunizam ao ser humano a aquisição dos bens patrimoniais: materiais e imateriais da cultura dominante.

Com a cooperação museu-escola há investimento na formação de futuros produtores e consumidores de cultura, pois hábitos e habilidades afloram na tenra idade, sendo assim, “uma criança satisfeita quer dizer uma família satisfeita; ela possivelmente será também um

futuro adulto visitante, eventualmente, um pai/mãe amigo (a) dos museus" (IBRAM, 2014, p. 43). Para reverter a inexpressiva visitação da maioria dos museus brasileiros há necessidade da formação ideal das equipes museais, com o número de profissionais/formação adequados, adequação de seus espaços físicos e aporte de recursos/investimentos financeiros.

As mudanças do significado de museu por intermédio dos tempos talvez possam ser compreendidas como uma trajetória entre a abertura de coleções privadas à visitação pública ao surgimento dos museus na acepção moderna, como instituições a serviço do público.

É importante o papel dos museus na permanência do patrimônio cultural, e para tal a escola, com sua característica de educação-formal deve ter participação crucial na sensibilização dos educandos para com o espaço museal. Os museus atraem os visitantes locais e os turistas por conterem parte da história local e por participarem por intermédio de sua expografia, da construção social, sendo instrumento essencial para a permanência cultural e da identidade local.

O patrimônio é, antes de tudo local, antes de ser nacional ou mundial. Seu uso principal é reservado a seus detentores, proprietários no sentido jurídico, municipalidade no sentido político e comunidade de vizinhança no sentido moral e cultural. Sua gestão deve, assim, ser o fruto da cooperação entre todos os atores do território, mesmo se ela se traduz por vezes em conflitos e rupturas (VARINE, 2013, p. 229).

A relação entre museus e desenvolvimento local é percebida por meio dos pilares basilares dos museus, que são a preservação, a pesquisa e as diversas formas de comunicação com a sociedade. Neste contexto, Varine (2013), pontua que o desenvolvimento local tende a uma atitude libertadora, porque é endógeno e porque se apoia no patrimônio e na cultura viva de seus atores. As exposições oportunizam ao visitante, uma análise, uma leitura social e a percepção da relação da história contada pelos objetos com a história de vida de cada um, assim museus são espaços sociais que têm por funções básicas: promover a preservação dos bens culturais.

6.3 O museu e o carnaval: encontros e confrontos da cultura popular e erudita

Em uma visão contemporânea, cultura é essencialmente uma característica humana, pois somente o homem tem a capacidade de desenvolvê-la (destacando-se dos animais e vegetais). Esta, perpassa cada grupo social que repassada aos seus descendentes, reforçam a ideia de cultura ser um elemento social. Assim, ela é um conceito que pode ser empregado

tanto para comunidades desenvolvidas do ponto de vista técnico ou econômico, quanto para sociedades mais primitivas, que se organizam de forma essencialmente primária.

Benedict (1972) assevera que a cultura é como uma lente por meio da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visões desencontradas das coisas, ressaltando que é preciso enfatizar a restrição em diferentes povos, com suas respectivas culturas. Em seus estudos de antropologia, a autora acima citada defende que raça, linguagem e cultura são aspectos diferentes e independentes. Foi essa concepção que iniciou a ideia de que não existe raça inferior. No aporte de Laraia (2006), a nossa cultura modela o padrão de comportamento aceito por nossa comunidade; pois o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e também o modo de se postar na comunidade são provenientes de nossa herança cultural.

Entende-se cultura como um processo acumulativo, dessa forma o homem recebe conhecimentos das gerações que o antecederam, estes conhecimentos são associados no decorrer dos anos e transformados em novas experiências, sendo repassados às gerações futuras. Assim, se as informações agrupadas forem adequadas e criativamente manipuladas permitirão inovações e invenções. Estas não são produto de acontecimentos isolados e pontuais, mas sim, a mobilização de toda a sociedade.

A concepção de cultura para Stuart Hall (2015) é um conjunto de significados partilhados, além de serem entendidas como referências estéticas ou históricas representando sempre relações de poder, produto de inter-relações humanas.

Para Johnson (1997 *apud* ÁVILA, 2006, p. 12): “cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele de uma sociedade inteira ou de uma família”.

A cultura é a identidade, a essência de um grupo humano, representa as práticas sociais e os movimentos conforme um padrão adequado àquele espaço e tempo em que ela está localizada. A cultura está sempre enraizada em uma base territorial, proveniente da integração do homem com a comunidade e com o espaço, adaptando-se, portanto, às diversidades locais para construir sua própria identidade.

Em breve análise, pontua-se que o carnaval é considerado a maior festa popular brasileira, sofrendo influência europeia. Surgiu no Brasil colonial como uma alegre festa de rua, ou seja, incorporando-se à cultura popular, expressão sempre associada ao povo e proveniente das classes excluídas socialmente, das classes dominadas. Essa cultura refere-se ao senso comum, manifestação espontânea.

A cultura popular compreende um conjunto de saberes tradicionais, patrimônio determinado pela interação social. Geralmente essas manifestações compreendem traços da cultura marcados pela oralidade e outras expressões humanas.

De acordo com Cascudo (1980), a tradição é o depositório genuíno e a fonte mais pura onde vão beber os que têm pela arte um apreço especial. É na tradição, no patrimônio cultural, que a cultura de um povo se embala e vive resguardada da morte.

São exemplos da cultura popular brasileira: o carnaval, as danças e festas folclóricas, a literatura de cordel, as lendas, as fábulas, superstições, os provérbios, o samba, o frevo e a capoeira dentre muitos outros. A Roda de Capoeira é registrada como patrimônio imaterial brasileiro em 2008, como um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. É reconhecida internacionalmente, pela UNESCO em 2014, como um dos símbolos do Brasil e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A cultura de um povo é ampla e plural, portanto, composta por elemento do saber popular e do conhecimento científico, todavia, um não pode se sobrepor ao outro. Ao contrário do patrimônio cultural tradicional/popular a cultura erudita é composta por conceitos cientificamente elaborados, formados pelos movimentos artísticos, históricos e instruções acadêmicas específicas.

O carnaval é essência da cultura popular brasileira e faz com que ano a ano o país seja mais divulgado no mundo. Essa manifestação popular não apareceu simplesmente, tem raízes históricas, se constituindo numa ação que remonta à antiguidade, tanto na Mesopotâmia quanto na Grécia e Roma. O termo etimologicamente vem do latim, *carnislevale* - retirar a carne, relacionando-se ao período de jejum da quaresma cristã, onde se apregoava a abstinência dos prazeres mundanos (PINTO, 2018).

Conforme enfatiza Da Matta (1986, p. 71-8), “o carnaval oportuniza diversas situações em que algumas coisas são permitidas e outras vetadas, não se pode pular carnaval triste da mesma forma que não se pode ir a um funeral alegremente”. O carnaval permite a troca da vestimenta de trabalho pela fantasia, ou seja, a fantasia permite ao povo a criatividade e a troca de posições sociais em que é possível inverter o mundo em direção a alegria, a uma sociedade mais igualitária.

Para Da Matta (1986, p. 78), “o carnaval é definido como liberdade e possibilidade de viver uma ausência fantasiosa e utópica de miséria, trabalho, obrigações, pecado e deveres”. Historicamente, tem-se que o carnaval surgiu no Brasil no período colonial, quando

apareceu o entrudo, uma reunião de origem portuguesa que na colônia era praticada pelos escravos. O entrudo acontecia no período anterior a quaresma e a festa se consolidava com a participação popular, quando o povo enchia as ruas e alegremente, jogavam água, ovos e farinha uns nos outros. Por ser uma festa anterior a Páscoa Cristã, o carnaval/entrudo tinha um significado de libertação e alegria. O entrudo surgiu no século XVII, sofrendo forte influência das ações carnavalescas que já existiam na Europa (SOUSA, 2018).

Na Itália e na França, o carnaval era em forma de desfile nas ruas, momento muito esperado pela população, pois apareciam bonitos personagens mascarados, como as colombinas e os *pierrot*. Posteriormente, no final do século XIX, apareceram os cordões e ranchos, as festas de salão e os corsos - que era um momento festivo em que as pessoas decoravam seus carros em grupos e saiam fantasiadas às ruas. Os corsos foram os precursores dos atuais carros alegóricos (SUANO, 1986).

No século XX, o carnaval cresceu bastante, tornando a festa popular mais expressiva do Brasil e para tal, os afoxés¹³, os maracatus¹⁴, e os frevos¹⁵ passaram a compor essa festa da cultura popular brasileira, também na música apareceram os compositores e os ritmos como marchinhas e os sambas. As composições anônimas, tipo quadrinhas, atuais marchinhas, se fizeram destacadas a partir do trabalho expressivo de Chiquinha Gonzaga, com sua composição - 'Abre-alas' em 1899.

A primeira escola de samba do Brasil foi a 'Deixa Falar', fundada em 18 de agosto de 1928, na cidade do Rio de Janeiro, fomentada pelo sambista Ismael Silva. As cores oficiais desta escola de samba eram o vermelho e branco e sua estreia no carnaval carioca ocorreu no ano seguinte a sua fundação. Com essa iniciativa o carnaval de rua teve novo formato e um impulso muito grande. Logo após começaram a surgir campeonatos de escolas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, objetivando enaltecer as escolas de samba mais bonitas.

O carnaval do Rio de Janeiro aparece no livro de recordes *Guinness World Records Book* (RIO DE JANEIRO, 2004) como sendo o maior carnaval do mundo, contando

¹³ De origem iorubá, a palavra afoxé poderia ser traduzida como "a fala que faz". Para alguns pesquisadores seria uma forma diversa do maracatu. Três instrumentos básicos fazem parte desta manifestação. O afoxé (ou agbê), cabaça coberta por uma rede formada de sementes ou contas, os atabaques, e o agogô, formado por duas campânulas de metal. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/afoxé/483037>. Acesso em: 2 mar. 2018.

¹⁴ Dança de cortejo associada aos reis congos. Os maracatus, tradicionalmente, surgiram e se desenvolveram ligados às irmandades negras do Rosário. Nos maracatus há um forte componente religioso. Disponível em: maracatu.org.br. Acesso em: 5 mar. 2019.

¹⁵ Ritmo musical e uma dança brasileira com origem no estado de Pernambuco. Sua música baseia-se na fusão de gêneros como marcha, maxixe, dobrado e polca, e sua dança foi influenciada pela capoeira. Foi declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO no ano de 2012. Disponível em: www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/brazilian_frevo_dance_is_inscribed_on_the_unesco_list_of_int/. Acesso em: 5 mar. 2018.

diariamente com a participação de 2 milhões de foliões. De seu início festivo e despretensioso o carnaval brasileiro tornou-se uma apoteose.

Atualmente, acontece uma nova roupagem dessa manifestação popular da cultura brasileira - o carnaval, das festas livres nas ruas e das brincadeiras despretensiosas surge a competição exacerbada, os artistas, jogadores de futebol e outros tantos famosos hoje saem nas escolas de samba, ocupando os lugares dos anônimos e as belas fantasias são substituídas muitas vezes pelos corpos *in natura*.

Nessa análise da cultura popular, o carnaval se inter-relaciona com os museus considerando que os museus são espaços em constante evolução, suscitando nos visitantes a motivação para preservação da história pretérita para nos ligar à memória presente. No ano de 2018, o Brasil acompanhou o reconhecimento por parte de carnavalescos de São Paulo e do Rio de Janeiro, que ressaltaram os museus como patrimônio cultural e levaram a sua história para as avenidas, ressaltando que o ato de colecionar objetos, tal como a identidade e a memória sempre encantaram a humanidade. É fato que curiosidade sempre impulsionou o homem à pesquisa. O colecionismo deu origem aos gabinetes de curiosidades que com o passar do tempo (séculos) originaram formato atual dos museus (SUANO, 1986).

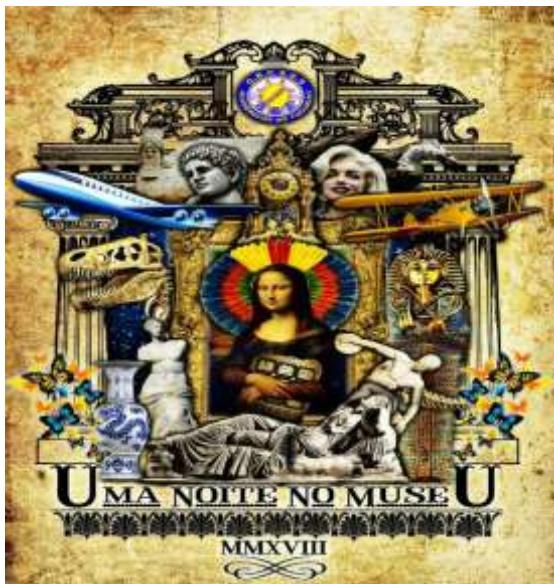
Em um processo de integração entre a cultura popular e a erudita em fevereiro de 2018, os museus chamaram a atenção dos populares em duas grandes escolas de samba brasileiras: a Escola de Samba Acadêmicos do Tucuruvi, de São Paulo e a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro.

A Escola de Samba Acadêmicos do Tucuruvi de São Paulo, com o enredo “Uma noite no museu” (Figura 25), proporcionou aos espectadores uma viagem pelos museus do mundo, terminando com os museus localizados no Brasil. Tiveram destaque também as alas de biologia marinha, astronomia, paleontologia e até criptozoologia, enfatizando as criaturas míticas da cultura amazônica. No desfile, a história foi disciplina de evidência, servindo de inspiração para muitas comissões de frente. Houve representação dos deuses da mitologia, e o carro abre-alas demonstrou a grandeza e importância histórica da Biblioteca de Alexandria. Encerrado o desfile os carnavalescos apresentaram uma homenagem a alguns museus brasileiros, como: o Museu do Futebol, Museu da Língua Portuguesa e Museu da Imagem e do Som/SP (G1, 2018).

Com bastante encantamento, a Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro (Figura 26), com o enredo “Uma noite real no Museu Nacional” abrilhantou a Avenida Marquês de Sapucaí, com a riqueza cultural do Museu Nacional, que completou no mês de junho de 2018, duzentos anos. Além de suscitar a preservação, o fato de popularizar a

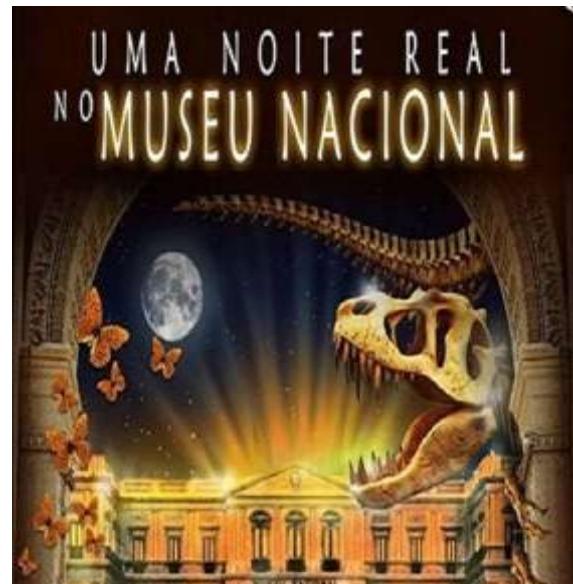
importância do Museu Nacional do Rio de Janeiro, amplia a busca de parcerias para a revitalização do prédio, mostrando que administração dos espaços museais em nosso país, são exemplos da resistência, tanto quanto o carnaval brasileiro. O desfile da Imperatriz Leopoldinense (Figura 26) representou os acervos da fauna, múmias e paleontologia, pontuando a expografia do Museu Nacional. Em uma das etapas do desfile, o fóssil mais antigo encontrado no Brasil, apelidado de ‘Luiza’, considerada a primeira brasileira, foi representada em uma das alas. Houve ainda a composição da bateria que representava as múmias do museu. Ao final o desfile enalteceu os tradicionais piqueniques no gramado da Quinta da Boa Vista - RJ/ Brasil (RODRIGUES, 2018).

Figura 25 - Acadêmicos do Tucuruvi - SP



Fonte: Acadêmicos do Tucuruvi (2018, *site*).

Figura 26 - Imperatriz Leopoldinense - RJ



Fonte: <http://www.apoteose.com> (2018, *site*).

Em entrevista, o carnavalesco Cahê Rodrigues (fev/2018) pontuou que o carnaval trouxe para a avenida a reflexão acerca dos museus, oportunizando uma análise do papel social destes espaços culturais; destacando a importância do Museu Nacional, o carnavalesco, ponderou que quem visitou o Museu Nacional há pouco tempo sabe as condições precárias deste local, e destacou que os componentes da escola, idosos, que não conheciam o Museu Nacional, o visitaram agora por conta do enredo. Esse comentário expõe a condição do Museu Nacional em fevereiro de 2018, todavia no mesmo ano (set/2018), em três de setembro, Cahê ressaltou que a desolação foi a palavra escolhida para expressar seu sentimento com relação ao incêndio que destruiu o Museu Nacional, iniciado na noite de dois de setembro/2018.

Uma noite real no Museu Nacional - que a Imperatriz Leopoldinense defendeu no carnaval de 2018 no Rio me fez conviver durante meses com pesquisadores e funcionários e conhecer um lado do museu que não ficava exposto ao público. Peças que as próximas gerações não terão a oportunidade de ver e conhecer. Eram riquíssimas as coleções de aves, com ovos de aves raras, de insetos. Coisas lindíssimas e delicadas, como a coleção de borboletas. Peças que eram muito bem cuidadas pelos pesquisadores, com o carinho que tinham por aquele espaço, como se fosse a sua própria casa. Mas que não havia espaço adequado para que fossem expostas e não saíam do acervo. O que mais me dói é saber o que essas pessoas, que eram apaixonadas pelo museu, estão sentindo nesse momento, lamentou Cahê (MENDONÇA, 2018, p. 1).

O carnavalesco afirmou que, por causa da pesquisa para o carnaval, tanto ele quanto a Imperatriz Leopoldinense têm bastante material sobre o museu guardado, lembrou também, com profunda tristeza, dos 200 anos de história perdidos e da falta de manutenção do prédio. A ideia de Cahê Rodrigues foi a de popularizar os museus e trazê-los para perto do público, pois os museus muitas vezes foram tidos como espaço para os privilegiados, onde perpetuava o reforço da identidade, por meio das histórias neles contadas. Vale enfatizar que o incêndio do Museu Nacional foi de grandes proporções e queimou quase a totalidade do acervo histórico e científico construído ao longo de duzentos anos, e que abrangia cerca de vinte milhões de itens catalogados.

O fato de as escolas de samba apresentarem o carnaval como tema, aproximou o grande público da cultura local desvelando o território, nesta ótica, os museus têm um importante papel no processo de sensibilização para a preservação do patrimônio local, e a festa popular carnavalesca pode ser instrumento/ agente para em conjunto reforçar a identidade local.

A ação das escolas de samba em fevereiro de 2018 demonstrou que a cultura popular e a erudita estão presentes no carnaval brasileiro, reconhecidos como patrimônio histórico e cultural de um povo, preservados pelos museus, visto que são considerados espaços com uma função social. A cultura popular tem sua contribuição para o carnaval, representada pelo samba, frevo, marchinhas, entre outros saberes locais. Nesse contexto, as culturas popular e erudita representam a identidade de um povo manifestada no carnaval por meio de saberes reconhecidos como patrimônio histórico e cultural de uma cidade. Impõe ressaltar a conexão das duas culturas em uma das festas mais importantes do Brasil, na construção de sua história.

Os museus representam a história vivenciada pelo seu povo, sendo incumbido pela cultura do conhecimento e da transformação dos saberes científicos e tradicionais. Tais saberes são permeados pela existência física dos objetos, os chamados patrimônios materiais.

Já os imateriais, são carregados de memórias e sentimentos essenciais para reviver o passado e preservar a história de uma sociedade.

Nesse sentido, os museus como função social, contribuem para preservação da cultura popular e erudita, ambas de fundamental importância para o carnaval como parte da história, cultura e identidade do brasileiro.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 1992, p. 535).

Neste item, são apresentados e analisados os dados coletados, objetivando responder ao problema da pesquisa em tela: falta de planejamento para o desenvolvimento de ações voltadas para a gestão dos museus e o baixo fluxo de visitantes referente aos museus de Campo Grande - MS. Os dados coletados foram estudados a partir da teoria e das respostas dos questionários *Google Forms* (Apêndice A) apresentando uma análise da percepção da comunidade campo-grandense, a respeito do patrimônio museal, tendo nessa amostragem 200 respondentes. Posteriormente, na segunda fase da pesquisa, o questionário via *Google Forms* (Apêndice B) foi direcionado aos alunos de duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental - turno matutino, da Escola Municipal Professora Oliva Enciso, aplicado no laboratório de tecnologia a 59 respondentes. A última fase da pesquisa de campo se deu por meio de entrevistas realizadas com os dirigentes dos seguintes museus da capital sul-mato-grossense: Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO/MS), Museu das Culturas Dom Bosco e Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/MS0).

O resultado da pesquisa de campo favoreceu a interpretação dos indicativos obtidos em investigação teórica, acerca da situação dos museus no território, salientando o levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Museus - “Museus em Números”, que estabelece em 3.025 o número de Instituições Museológicas no país. Em Mato Grosso do Sul aparecem catalogadas apenas 54 instituições museológicas, dessa forma, o estado dispõe de museus em 30,8% de seus municípios, esses indicativos levaram a gestão estadual a criar em 2008 o Sistema Estadual de Museus (SIEM/MS), por meio do Decreto nº. 12.687, 30 de dezembro de 2008 (IBRAM, 2011, p. 27) para estimular a criação e desenvolvimento dos museus locais.

Para ampliar a visibilidade e articular com as comunidades, a função social dos espaços museais, há necessidade de políticas público-privadas que ressaltem os museus como territórios a serviço da sociedade, que favoreçam mudanças de paradigmas (agentes de desenvolvimento local) compostas por profissionais habilitados para o desempenho de suas funções - equipes multidisciplinares a serviço das unidades museais.

De acordo com a Diretriz nº 10, estabelecida a partir do I Encontro Ibero-americano de Museus, realizado no dia 17 de julho de 2007, em Salvador - BA pode-se analisar a importância social dos museus para a sociedade:

Compreender o processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural, propiciando a participação ativa da comunidade no desenho das políticas museais¹⁶.

Na esfera nacional e na ibero-americana há muito ainda que precisa ser feito para o desenvolvimento do segmento museológico; e em Mato Grosso do Sul, em especial em Campo Grande - MS a pesquisa mostrou que a situação é consonante, e há um extenso caminho a trilhar.

Uma ação em escala federal exitosa e já comentada na pesquisa foi a criação do Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009), marco legal que favorece a gestão do setor museológico no país, motivando os museus a novas perspectivas a partir do decreto federal que estabelece a configuração do Sistema Brasileiro de Museus.

A realização da pesquisa bibliográfica que foi o suporte para a elaboração da tese, consistiu na etapa em que a pesquisadora formalizou a fundamentação teórica. Após esta fase procedeu-se à realização das entrevistas. Para as entrevistas semiestruturadas com gestores museais a pesquisadora enfatizou questões/problemáticas predeterminadas, direcionadas aos diretores dos museus pesquisados: Museu das Culturas Dom Bosco, do Museu de Arte Contemporânea de MS e do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

7.1 Percepção da comunidade local sobre os museus de Campo Grande - MS

Os gráficos estatísticos representam uma linguagem universal, uma forma de apresentação de dados da investigação que em imagem descrevem as informações, com o objetivo de produzir no investigador, e, no público leitor da pesquisa uma impressão mais rápida e viva do assunto em estudo. Representam as definições das tabelas, sendo eficazes na sinalização de tendências. Oportunizam a organização de dados coletados, utilizando números ao descrever fatos e oportunizar mais claramente a comparação entre eles, especialmente para

¹⁶ Declaração da Cidade de Salvador. Brasil. Disponível em: <http://www.ibermuseos.org>. Acesso em: 6 nov. 2019.

estabelecer conclusões ao apresentar a síntese do levantamento de dados de forma simples e dinâmica.

Neste item, a pesquisa apresenta a análise dos resultados respectivos ao índice de visitação aos museus de Campo Grande - MS, com a avaliação do público entrevistado, bem como a extensão do conhecimento que a população em geral tem sobre os museus locais. Essa fase da pesquisa deu suporte à pesquisadora para responder ao problema da investigação.

As entrevistas foram respondidas nos meses de agosto a setembro de 2018 por meio de questionários disponibilizados no *Google Forms* e divulgados ao público campo-grandense pelas mídias sociais, atingindo o amplo universo composto de diferentes perfis, conforme detalhamento da análise dos resultados e demonstração por meio dos gráficos. A modalidade de entrevista *on-line* é a de inquérito auto administrativo, dispensando a presença do entrevistador o que possibilita atingir um grande número de entrevistados. Lehfeld (1991) enfatiza a pesquisa como sendo a inquisição, o procedimento sistemático e intensivo que tem por finalidade descobrir e interpretar fatos de certa realidade.

Todos os resultados foram discutidos e analisados considerando que as questões foram direcionadas à comunidade em geral, em investigação composta por 11 questões, envolvendo as de múltipla escolha e algumas questões abertas, a participação foi expressiva totalizando 200 respondentes.

A cidade de Campo Grande - MS foi fundada em 1899, originada em meio à multiplicidade de culturas, território de pluralidade cultural, em que se integram traços culturais diferentes - cultura tradicional do povo indígena, a herança fronteiriça do Paraguai e da Bolívia, e os costumes dos povos sírios, libaneses, japoneses e de brasileiros oriundos dos mais diferentes estados da federação.

Apesar de o Guia Brasileiro de Museus do IBRAM apresentar uma listagem com apenas 19 museus cadastrados pelo Instituto Brasileiro de Museus em Campo Grande - MS, a pesquisadora apresenta na tese 14 museus de história e patrimônio cultural, destacando não ser o foco desta pesquisa os espaços culturais, as salas de exposições e os memoriais.

Os museus locais apresentam uma variedade de exposições de longa duração e/ou exposições temporárias, que perpassam por diversas áreas de conhecimento; povos indígenas, imagem e som, arqueologia, artes, história.

Essas instituições são atrativos turísticos e culturais, abertos a todo tipo de visitantes locais e turistas, espaços que em sua maioria não cobram ingressos, dos 14 museus pontuados, somente o Museu das Culturas Dom Bosco cobra o valor de R\$ 10,00 (dez reais) para

visitação, destacando que criança até sete anos estão isentas da taxa, tendo valor diferenciado para escolas particulares, desde que pré-agendada.

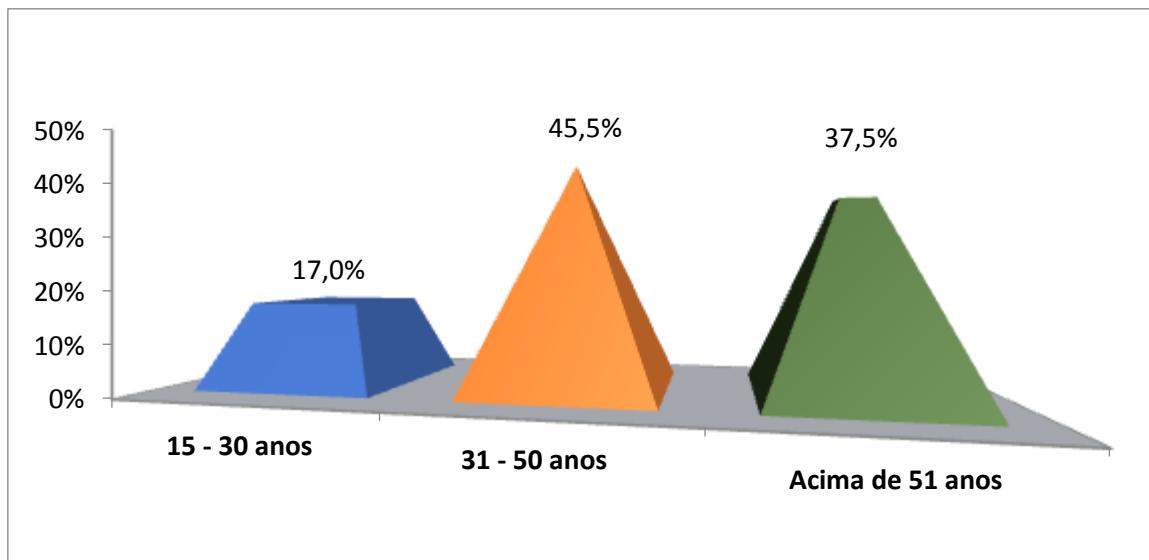
Segundo Malhotra (2006) as pesquisas realizadas com auxílio da internet estão ficando cada vez mais populares entre os pesquisadores, principalmente devido às suas vantagens, entre as quais figuram os menores custos, rapidez e a capacidade de atingir populações específicas, assim como, do ponto de vista do respondente, é possível responder da maneira que for mais conveniente, no tempo e local de cada um.

Os dados do questionário foram tabulados em uma abordagem quantitativa com a intenção de levantamento das informações, destacando as respostas em gráficos, que modelam a percepção dos respondentes quanto aos museus, apresentando ao leitor da pesquisa dados precisos. Por intermédio de questões objetivas é possível que os respondentes participem de modo fidedigno (MARTINS, 1994).

As questões iniciais são para identificar o perfil dos respondentes, faixa etária, escolaridade e grau de instrução e profissão dos entrevistados.

O primeiro gráfico apresenta que quanto à idade, a maior parte dos entrevistados está na faixa etária de 31 a 50 anos (Gráfico 1).

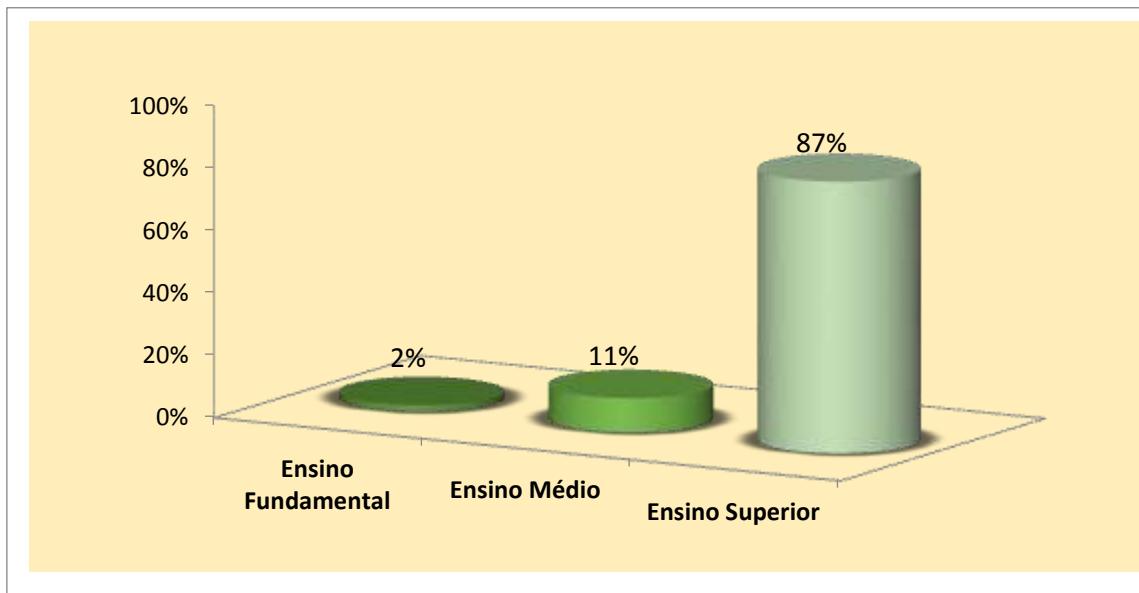
Gráfico 1 - Idade dos participantes da pesquisa



Os dados demonstram a inexistência de interesse em visitação aos museus por parte da população mais jovem (17%), e quanto aos respondentes na faixa etária acima de 51 anos existe mais interesse pela cultura local (37,5%).

Quanto ao grau de escolaridade, o resultado exposto demonstra que a maior parte dos respondentes (87%) tem nível superior (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Grau de escolaridade dos participantes da pesquisa



Na interpretação da pesquisadora fica nítida a condição de que o ensino formal se sobrepôs ao ensino não formal, e que a instituição escolar nas décadas de 1960, 70 e 80 estimulavam muito pouco as ações culturais, e, que a integração museu - escola inexistia.

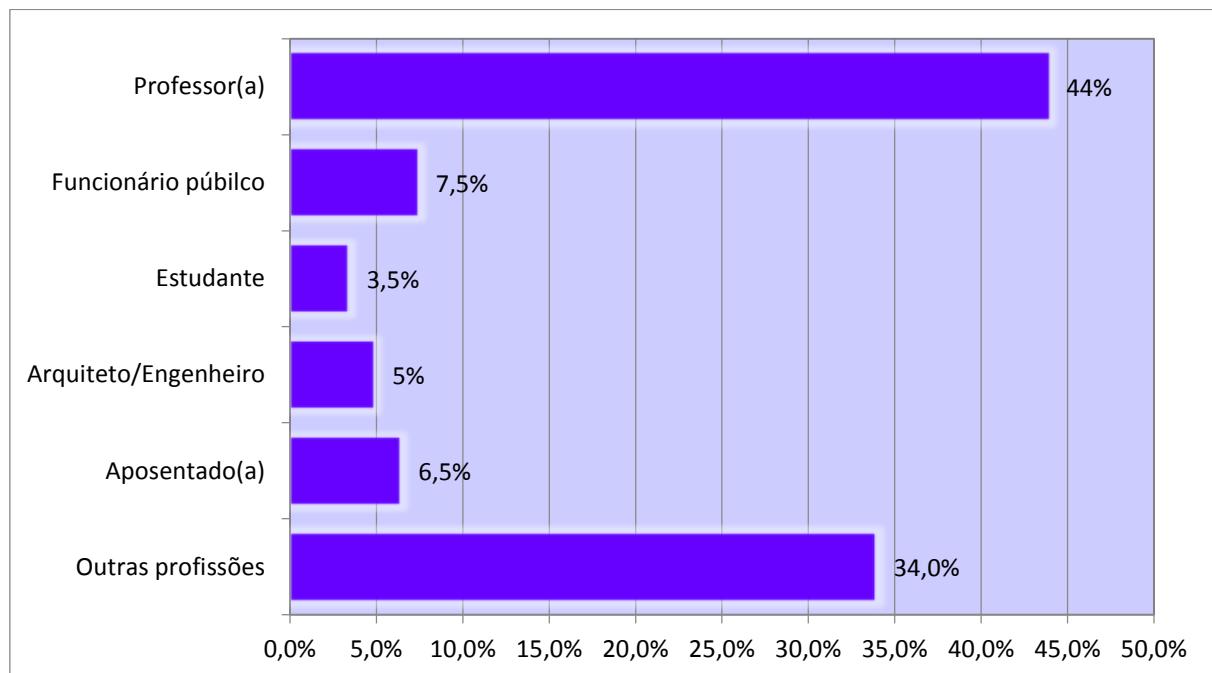
A frequência dos museus - que aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado - corresponde a um modo de ser quase exclusivo das classes cultas. (BORDIEU; DARBEL, 2016).

Assim, independentemente de os respondentes terem elevado grau de escolaridade não se percebe o interesse pela cultura, ou seja, a educação informal não é considerada importante na construção do saber/formação. Os mecanismos e linguagens utilizadas na transferência das informações, e nas relações estabelecidas entre o acervo dos museus e os seus visitantes determinam o índice de satisfação após o indivíduo percorrer um museu. Em uma análise mais ampla, o IBRAM (2014, p. 63) ressalta que:

Não podemos perder de vista que a educação é fundamental para a formação de públicos. A produção cultural é realizada através de códigos que nem sempre são familiares a todos, por isso, muito além da oferta cultural, é preciso que haja investimentos na educação que permitam uma relação mais íntima com diferentes linguagens estéticas e formas de perceber o mundo.

O Gráfico 3 demonstra que dos 200 respondentes há múltiplas atividades laborativas e desses 44% trabalham na área da educação. Todavia, aparecem profissões que permeiam as mais variadas áreas: ciências exatas, humanas e biológicas, das quais citamos algumas, para ilustrar: psicólogos, arquitetos, economistas, advogados, assistentes sociais, engenheiros, artistas plásticos, enfermeiros e outros.

Gráfico 3 - Profissão ou atividade que desempenha atualmente

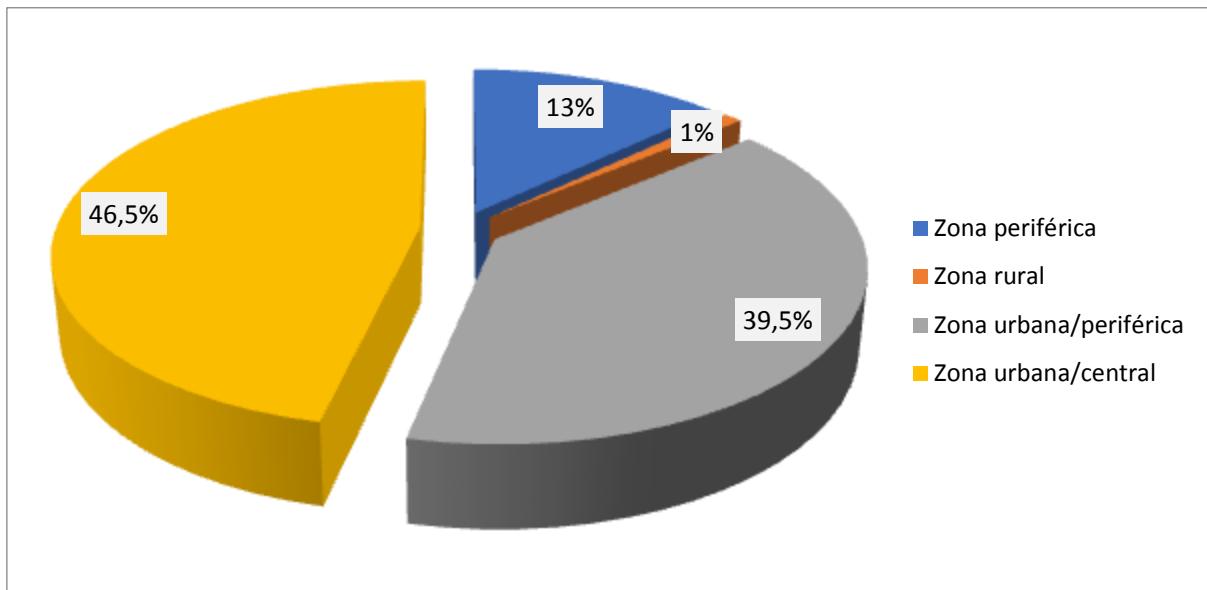


A resposta da investigação se fez o mais abrangente possível, com uma amostragem variada, e conclui-se que a incidência de visitação a museus independente da atuação profissional.

O Gráfico 4 apresenta que a maioria dos respondentes reside na área urbana da cidade, e na área geográfica central. Dessa forma, o acesso geográfico aos bens culturais, objeto da pesquisa (museus) não seria impeditivo para a pouca visitação aos museus locais, e nem tampouco a questão econômica, pois como já enfocado, os museus de Campo Grande - MS, não possuem o sistema de compra de ingresso, para acesso, com uma única exceção. Com o surgimento e a modernização das Tecnologias de Informações e Comunicações (TICs), os museus se viram obrigados a oportunizar mudanças em suas expografias, e a não modernização de muitos dos museus locais afasta o visitante. O ser humano é o núcleo de qualquer museu, ele planeja, cria e transforma os bens culturais, garantindo a permanência da

memória e desta forma caberia aos museus estimular a aproximação da instituição museal com os visitantes criando um elo para a preservação do patrimônio cultural local.

Gráfico 4 - Zona da cidade de Campo Grande - MS em que habita

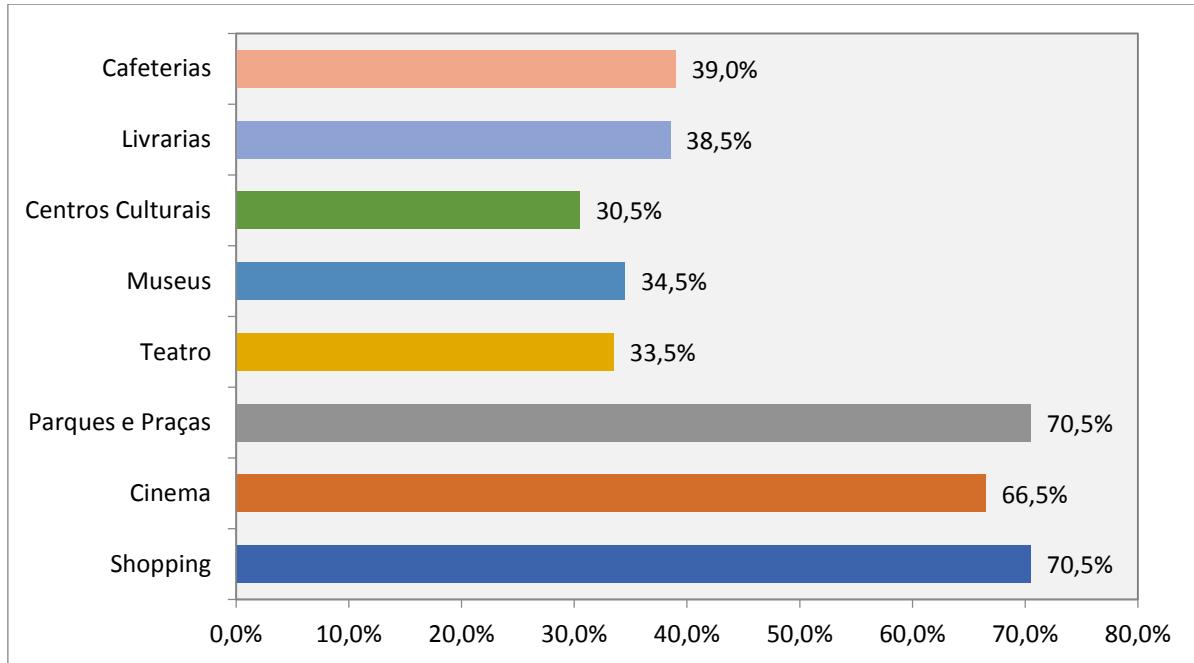


De acordo com Grinsepum (2000), nem mesmo as famílias residentes em bairros próximos aos museus e espaços culturais procuram as instituições culturais em seus momentos de lazer.

A população campo-grandense ainda não reconhece os museus como locais de lazer, de entretenimento, pois a maioria dos indivíduos não sabe o que é um museu, como se portar num espaço museal e ainda não percebeu as instituições museológicas como parte de suas vidas, em que a apresentação da história por intermédio dos objetos museais é componente essencial para fortalecer o sentimento de pertença.

A questão 4 possibilitou ao respondente assinalar mais de uma opção. O gráfico 5 representa que nas horas de lazer, a preferência de atividades dos respondentes recai sobre os *shoppings centers* e os parques e praças, sendo que o cinema também obteve expressiva votação.

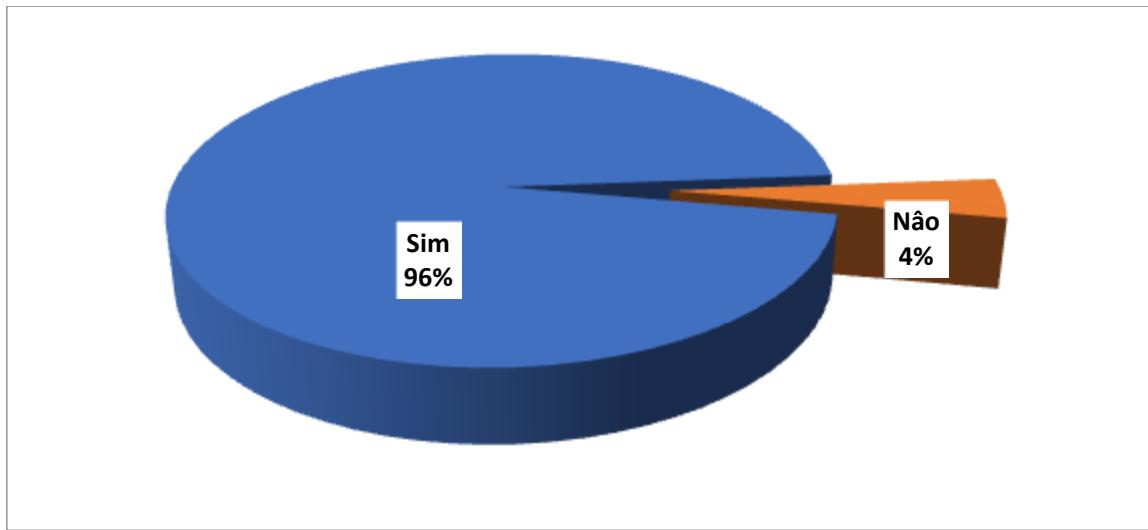
Gráfico 5 - Local que frequenta, em momentos de lazer



Grinspum (2000, p. 131) assevera que os programas culturais que possibilitam o aprendizado de conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais não se constituem como prioridade às pessoas em seus momentos de lazer, independente da classe social, da formação intelectual e da faixa etária. “O museu, portanto, não faz parte do elenco de atividades possíveis para os momentos de lazer”. A investigação em Campo Grande - MS não difere dos resultados das demais localidades do país como se vê na afirmação de Grinspum (2000), em pesquisa realizada em São Paulo - SP.

O Gráfico 6 representa que os respondentes em grande parte (96%), já visitaram em algum momento de suas vidas um museu de Campo Grande - MS, porém, visitas aos museus não são habituais aos campo-grandenses, e nos relatos a pesquisadora inferiu que a escola é importante na sensibilização do indivíduo para o conhecimento e a valorização dos museus locais.

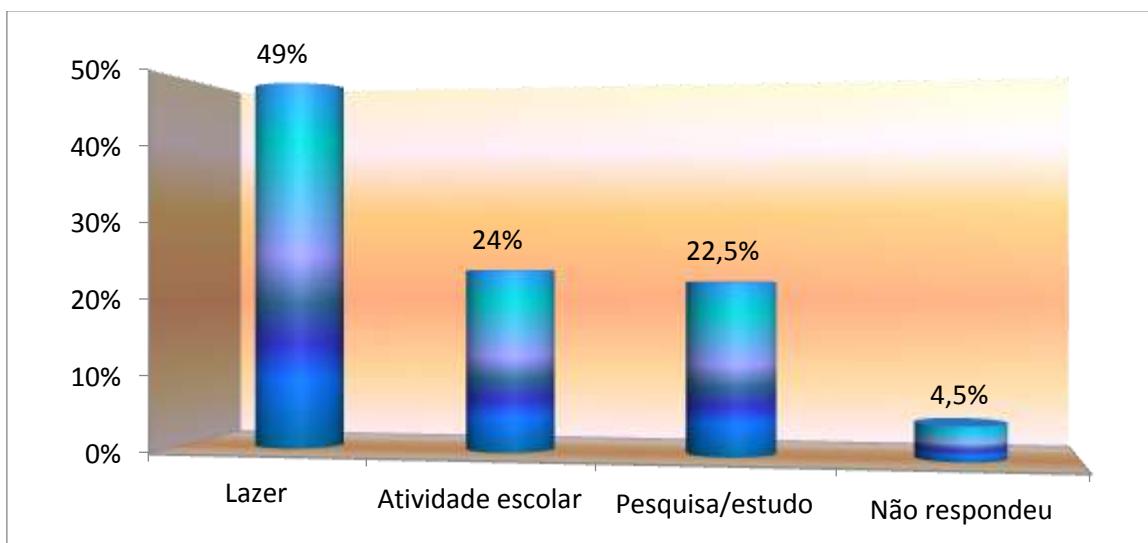
Gráfico 6 - Conhece algum museu em Campo Grande - MS



Bordieu e Darbel (2003), investigando a frequência a museus europeus, destacaram que os visitantes “menos cultos” se sentiam deslocados, não recorriam ao guia e exerciam a autovigilância com receio de chamar a atenção por alguma incongruência.

Apesar de os respondentes afirmarem que não escolhem os museus como local de lazer, os poucos que visitam as instituições museais a fazem conforme as afirmações dos respondentes em princípio por diversão, e outras vezes por direcionamento dos professores, em diversos graus de ensino, nas atividades educacionais (Gráfico 7).

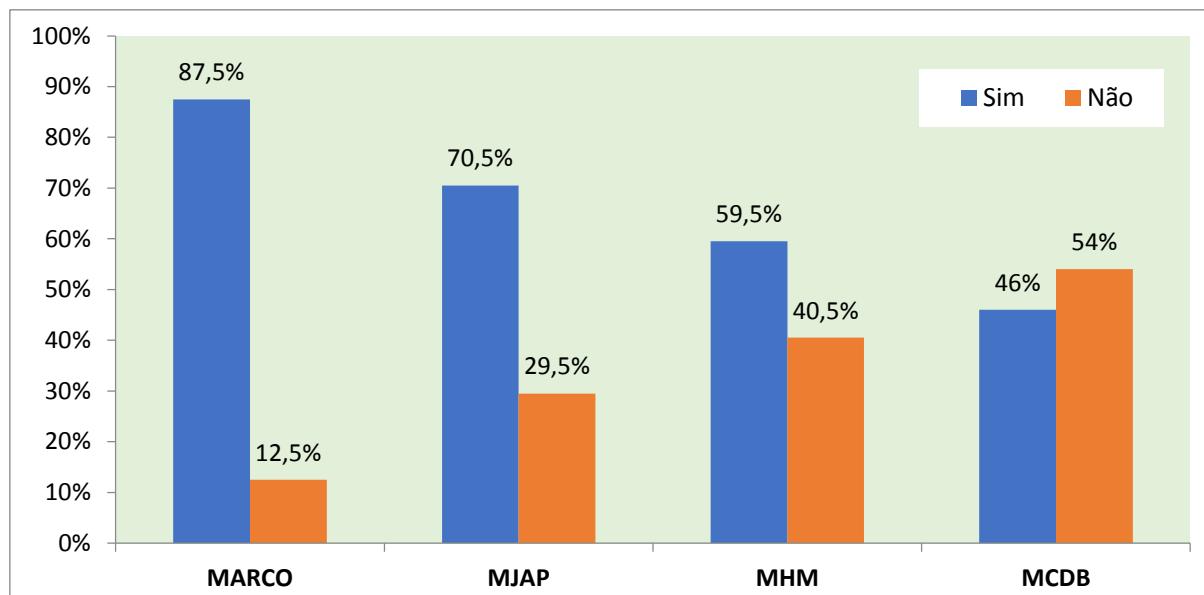
Gráfico 7 - Objetivo da visita realizada no museu



Assim, a escola reconhece museus das mais diversas e envolventes tipologias e o universo expositivo conduz os visitantes à procura de registros antigos e novos (IBRAM,

2019). Os museus de Campo Grande destacados no Gráfico 8: Museu de Arte Contemporânea (MARCO), Museu José Antônio Pereira (MJAP), Museu da História da Medicina (MHM) e Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) são locais pouco visitados, apesar de os respondentes declararem que conhecem alguns desses espaços, principalmente o Museu de Arte Contemporânea (87,5%), localizado no Parque das Nações Indígenas. Apenas 46% visitou o Museu das Culturas Dom Bosco, situado no mesmo espaço geográfico (Mapa 2), que facilita o acesso ao visitante, no mesmo período aos dois museus.

Gráfico 8 - Visita realizada aos museus em Campo Grande



Mapa 2 - Localização dos museus MARCO e MCDB.

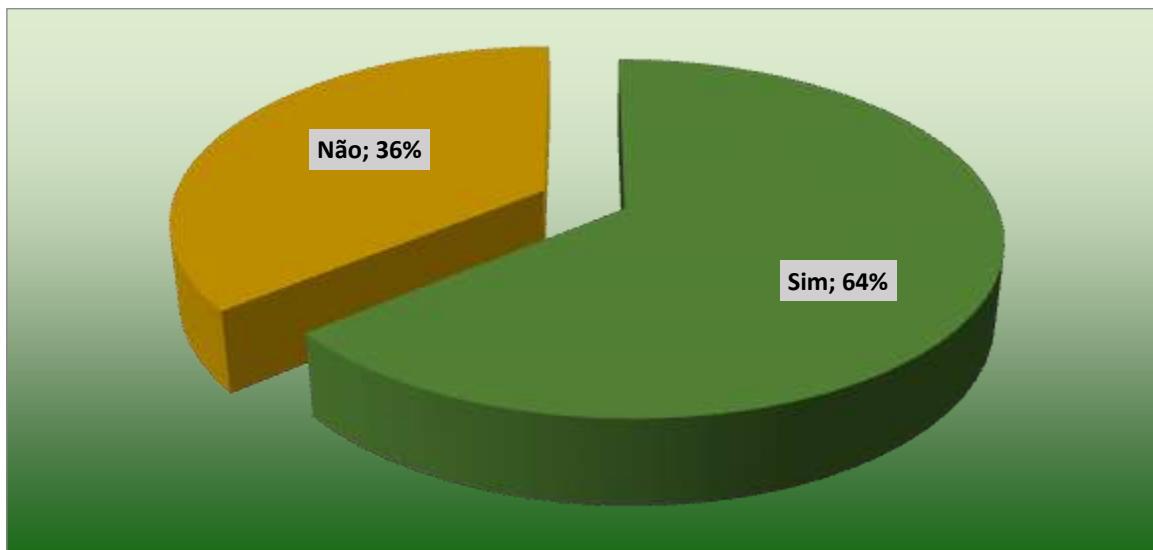


Fonte: <https://www.google.com/maps/@-20.453686,-54.5793149,15z> (2019).

Conforme observado na reportagem do Jornal Correio do Estado de 03 de setembro de 2018, o incêndio do Museu Nacional - RJ causou grande comoção no Brasil. Em Campo Grande - MS, alguns espaços museais também não estão em bom estado de conservação e conforme levantamento do Corpo de Bombeiros de MS “nenhum museu do Estado tem o certificado dos Bombeiros (alvará) para funcionar”. Há infiltrações, faltam extintores, sendo que alguns museus contam com todos os equipamentos de segurança devidamente testados.

De acordo com o Gráfico 9, verificou-se que 64% que responderam sabem da existência de museus no prédio da Fundação de Cultura de MS, localizado na Avenida Fernando Corrêa da Costa, 559 - Centro, na capital de Campo Grande, apenas 9,4% responderam corretamente à questão, ou seja, talvez tenham passado pelo local rapidamente sem perceber as instituições culturais que se localizam naquele espaço.

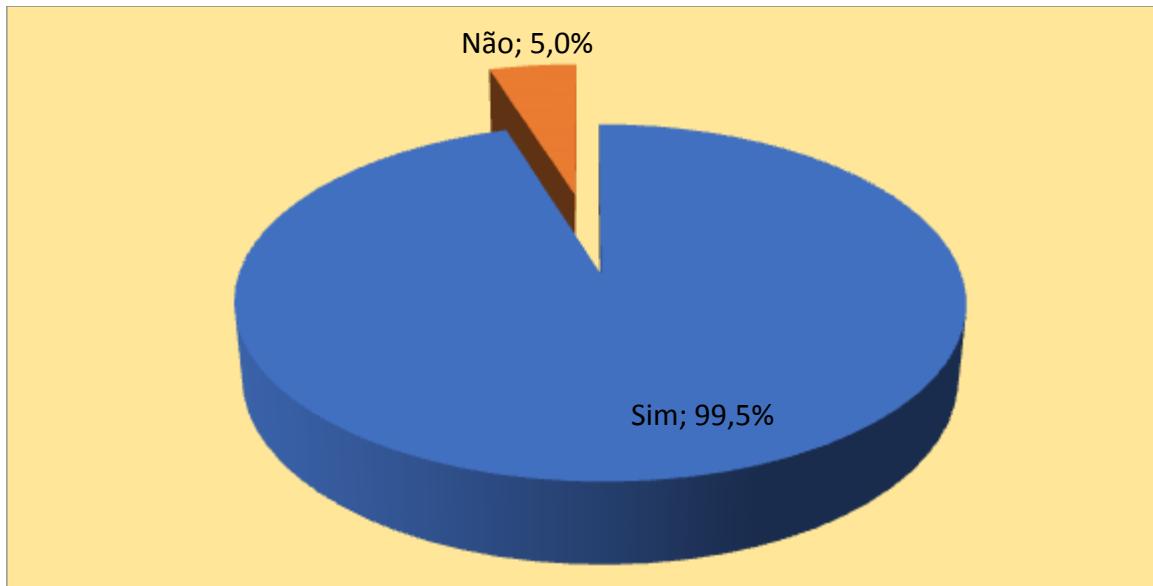
Gráfico 9 - Sabe da existência de dois museus no prédio da Fundação de Cultura de MS



Com relação aos museus instalados no prédio da Fundação de Cultura de MS: o Museu da Imagem e do Som de MS e o Museu de Arqueologia da UFMS, muitos dos respondentes citaram que nesse imóvel existe o Museu de Arte Contemporânea, o Museu de História da Medicina e até um Museu de Cera, sendo que esta tipologia de museu não existe em Campo Grande.

O Gráfico 10 apresenta respostas que possibilitaram à pesquisadora a inferência de como a sociedade vê o museu, sendo que 99,5% responderam que é importante levar uma criança a conhecer o museu e apenas 5% apontaram não ser relevante.

Gráfico 10 - Importância de se levar uma criança para conhecer um museu



As respostas referendam o museu como local de aprendizagem não formal e, destacam que: a) a criança aprende e se diverte quando tem oportunidade de visitar esse ambiente educativo - o museu; b) ir ao museu possibilita ampliar a bagagem cultural da criança, por ser um lugar de aprendizagem; c) a criança aprende sobre o passado, vivenciando o presente para compreender melhor o futuro e assim, preservar e valorizar a memória cultural; e) a cultura de uma forma geral deve fazer parte da vida de todos e, principalmente incentivar os pequenos a adquirirem boas práticas culturais; f) a educação patrimonial e museal devem começar na família e depois na escola; g) ir a um museu é a melhor maneira de conhecer a história de um povo e lugar; h) o museu é o retrato de uma construção histórica, seja de décadas ou milenar em que a cultura se retrata trazendo a beleza, vivências e memória de um passado muito presente em que se valoriza pelo fato de simplesmente ser conhecida e aprendida na infância; i) só se faz história se um dia fiz parte dela, ou se um dia soube de sua existência, no simples contar, por leituras ou por retratar de alguma forma.

A maioria dos respondentes reconhece o museu como importante para a construção do conhecimento, mas fica a pesquisadora um novo questionamento: se as respostas apresentadas apontam a importância de ir aos museus como parte da formação do indivíduo, na prática não se espelha tão afirmação, pois a incidência de visitantes nos museus investigados ainda é pequena. Apesar de que na entrevista com o diretor do Museu das Culturas Dom Bosco, o índice de visitantes vem se ampliando e que estão em busca de melhorar a qualidade das visitas e não a quantidade das mesmas.

7.2 Visita guiada dos alunos da Escola Municipal Professora Oliva Enciso ao Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB)

Em 18 de setembro de 2018 os alunos do 7º ano, turno matutino da Escola Municipal Professora Oliva Enciso realizaram visita guiada ao Museu das Culturas Dom Bosco. Na ocasião os educadores associaram o conhecimento da educação formal, trabalhado pelas escolas, ao conhecimento informal trabalhado pelos museus, sendo essa uma oportunidade ímpar para consolidar o conhecimento transmitido em sala de aula. Sabendo-se que as aulas expositivas, os livros didáticos e os mapas são materiais de uso comum, buscou-se oportunizar aos alunos meios diversos para conhecer a história pretérita das Américas, e a importância dos povos indígenas ocupantes primeiros desse território.

Carvalho (2016) salienta que o atendimento ao público em espaços não formais de educação não é recente e que o primeiro setor educativo de museus ocorreu no *Louvre*, em 1880 e no mesmo ano, o *Victoria and Albert Museum* também instituiu ações educativas.

Além do Plano Museal em que as instituições estabelecem suas ações há a concepção de sociedade com relação a visão do museu, pois Bourdieu (1998) destaca a importância da família na transmissão aos seus filhos de certo capital social.

A equipe que coordenou a visita ao Museu das Culturas Dom Bosco compôs-se de diversos profissionais: o professor de História Danilo Meira, a professora da Sala de Tecnologia - Letícia Muzzi e a Supervisora Escolar, Professora Me. Maria Christina de Lima Félix Santos com a função de ampliar os conhecimentos trabalhados em sala de aula no terceiro bimestre de 2018. Enfatizaram-se por parte destes profissionais os conteúdos acerca de sítios arqueológicos, povos pré-históricos que povoaram a região onde se encontram os estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, e Goiás, bem como o conhecimento da cultura e da arte indígena, representada pelos artefatos produzidos pelos povos originários, que já viviam nessa região e demais curiosidades respectivas a esse tema.

As visitas seguiram as orientações do Programa de Didática Museal Aplicada (PRODIMA), que tem como objetivos: a) planejar conteúdos e atividades de didática museal aplicada à capacitação de professores da rede pública e privada de ensino; b) desenvolver uma programação que ofereça suportes teóricos e práticos aos professores que buscam no acervo do MCDB apoio didático aos planos curriculares de ensino; c) aproximar técnicos do MCDB, professores e alunos, por meio de oficinas pedagógicas no MCDB.

Em um primeiro momento os alunos se reuniram no auditório do MCDB onde participaram de uma palestra em que os monitores do museu explicaram sobre o

funcionamento do museu e dividiram a turma em dois grupos para a visita guiada. Posteriormente à palestra, os alunos tiveram contato com objetos museais classificados por tipologia, alguns deles consistindo em réplicas que puderam ser manuseadas pelos mesmos. Para a visitação, propriamente dita, o grupo de alunos foi organizado em duas equipes que visitaram o MCDB, acompanhadas pelos professores da escola e monitores. Dessa forma, puderam esclarecer as dúvidas ao longo da exposição museológica (Figura 27).

Figura 27 - Alunos da Escola Municipal Oliva Enciso em visita ao MCDB



Foto: Maria Christina de Lima Félix Santos/2018.

Após a visita, foi realizada a avaliação da aula extraclasses - Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), por intermédio da integração e devolutiva dos alunos às atividades e questões pontuadas pela equipe de educação museal do MCDB, bem como pela participação nas atividades expostas no auditório do museu e durante o percurso museal. De acordo com o registro das imagens apresentadas o interesse dos educandos esteve presente do início ao fim da visita guiada ao MCDB, pois a aprendizagem não formal complementa sobremaneira a educação formal ministrada pela escola.

No dia 19 de setembro de 2019, data posterior à visita ao MCDB os alunos responderam o questionário no Laboratório de Tecnologia da Escola Municipal Professora Oliva Enciso. Ressalta-se que a pesquisadora objetivou observar a percepção de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental (Figuras 28) em uma primeira visita ao museu e, a seguir por intermédio das respostas dos questionários na sala de tecnologia da unidade escolar.

Figura 28 - Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental no Laboratório de Tecnologia



É importante analisar a avaliação de dois alunos¹⁷, com idade de 12 anos, sendo um de cada sala participante da atividade ao Museu das Culturas Dom Bosco, em que numa fala simples, porém articulada expuseram suas percepções com o olhar da criança a respeito desse momento de construção do saber. O aluno Renan E. Barbosa (Figura 29) comentou:

Eu gostei bastante da apresentação e da organização do lugar. Estava tudo bem, dentro dos conformes. A explicação dos monitores também foi muito boa. Tivemos duas áreas... (visitadas). A primeira área que a gente foi: Ciência Natural - tinha muito bicho empalhado, mutações genéticas, insetos de todos os tipos e cores; e a segunda parte foi Ciência Cultural (Antropologia) sobre Mato Grosso do Sul. A gente viu um pouco de cada tribo indígena aqui do estado, e foi muito bom o passeio.

¹⁷ A pesquisadora possui autorização dos responsáveis para uso da fala e da imagem dos dois alunos.

A escola precisa contribuir para estreitar sua relação com os museus, o que pode ser discutido na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), assim a escola tem condições de ampliar as oportunidades de acesso à cultura aos educandos e associar-se aos educadores museais, que tem conhecimentos específicos para capacitar os educadores para o uso das instituições museais.

O discurso da aluna Daniely R. Martinez (Figura 30) demonstra um olhar específico para as questões ambientais, fator importantíssimo para o desenvolvimento local, e, traço marcante na formação social, comprometida para a construção de um mundo mais equilibrado ecologicamente. Enfatizando o museu como espaço de aprendizagem e formação de hábitos socialmente corretos. “[...] O que eu mais gostei de ir no Museu das Culturas Dom Bosco foi a ala da anomalia, que é onde os animais nasceram com algo faltando ou algo a mais [...]”. A exposição fez a aluna refletir de que é preciso cuidar do mundo, do meio ambiente, pois Daniele enfatizou “a gente aprende isso na escola desde pequeninho, mas quando a gente cresce, vira adulto, a gente simplesmente não faz ou a gente fala e não faz”.

Figura 29 - Renan E. Barbosa



Foto: Maria Christina de Lima Félix Santos/2018

Figura 30 - Daniely R. Martinez



Foto: Maria Christina de Lima Félix Santos/2018

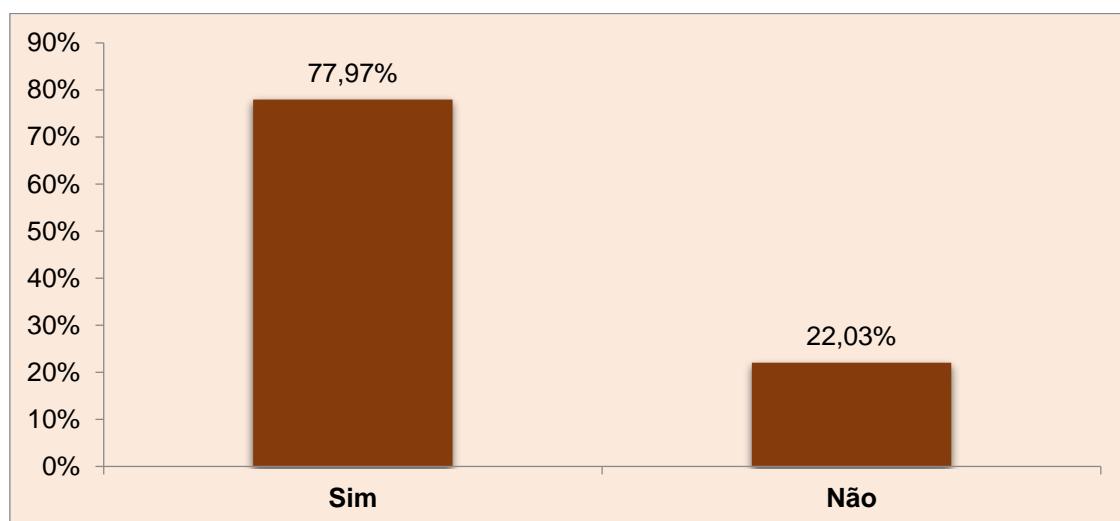
Os alunos entrevistados demonstraram em seus discursos, a reflexão das múltiplas possibilidades educativas que um museu traz em si e ressaltaram que a educação libertadora precisa transpor o ambiente escolar e se integrar com a sociedade. Na concepção de Freire (1987), uma pedagogia que transforma um ser passivo em um ser reflexivo, transforma sua realidade e a realidade de outros, faz com que um ser comprehenda sua importância para a humanidade. Momentos planejados em museus oportunizam ampliar o conhecimento formal e

levam os alunos, e também os professores a um novo olhar pedagógico. Carvalho (2016, p. 53) assevera:

O museu tem como pressuposto não pertencer ao domínio da educação escolar, portanto suas práticas educacionais não são processadas de forma seriada, sistemática e regular, situando-se no âmbito da educação extraescolar, não formal, ou seja, fora do sistema formal de ensino.

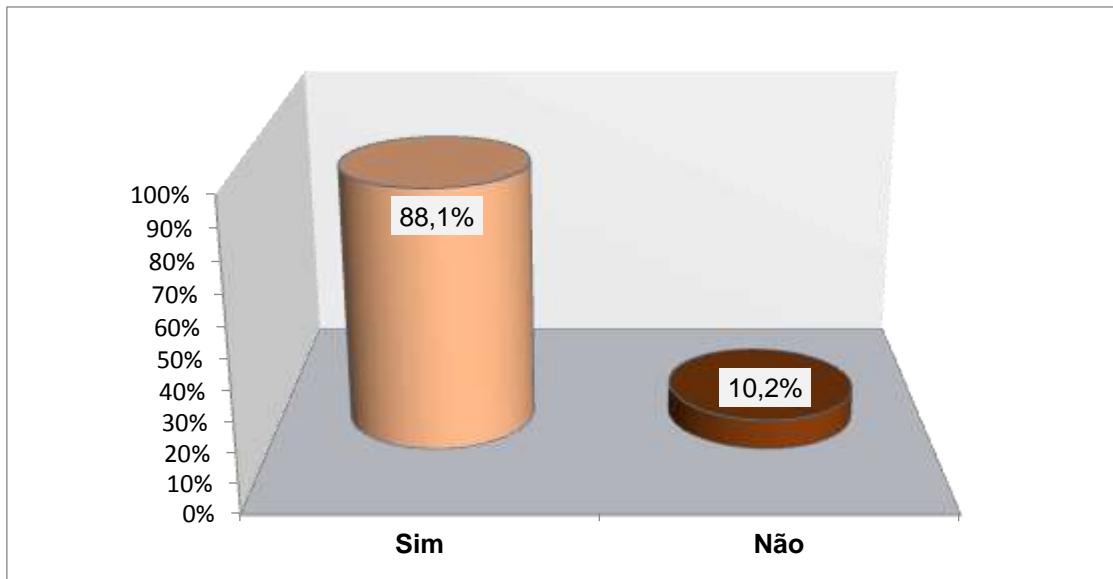
Num enfoque pedagógico interacionista, os professores organizaram alguns instrumentos de avaliação, a serem executados pelos alunos do 7º ano matutino (duas salas): a) um relatório da visita, orientados nas aulas de Língua Portuguesa; b) a tradução das placas, e dos avisos expostos no museu, em Língua Inglesa; c) a realização de um vídeo-documentário, registrando toda a aula no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), e, por final d) a aplicação de um questionário de avaliação da visita ao MCDB, na plataforma *Google*. É importante salientar que essa atividade pedagógica, atendeu ao planejamento conforme o Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino (REME) e contemplou os preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), no que tange a Pluralidade Cultural, enfocando o conceito e identificação de povos e, priorizando a interdisciplinaridade. A análise dos resultados do questionário respondido pelos alunos está demonstrada nos gráficos 11 a 15, a seguir.

Gráfico 11 - É a primeira vez que você visita o Museu



De acordo com as respostas dos alunos, verificou-se que a maioria não tinha ido ainda a um museu e poucos, já tinham tido tal experiência cultural. Talvez por ser a escola localizada numa área periférica, em que há pouca oferta de atrativos culturais.

Gráfico 12 - Satisfeito com a visita que realizou

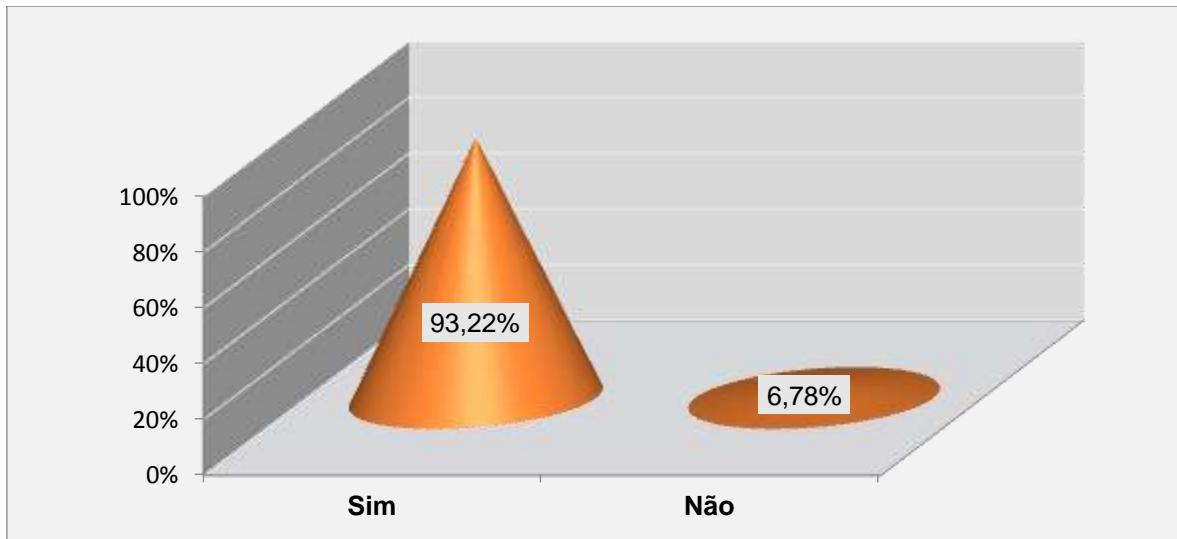


Por ser a primeira vez em que estavam tendo contato com um museu, os alunos gostaram muito da oportunidade da aprendizagem não formal (88,1%) e reforçaram que a educação deve ser composta de ações formais e não-formais. Sobre este assunto Carvalho (2016, p. 198-99) destaca que:

A aprendizagem formal, tradicionalmente identificada com o contexto escolar, tem características específicas, e seu objetivo fundamental é a aprendizagem do aluno; já a informal está ligada a contextos culturais mais amplos, tem um conteúdo estético e lúdico, visa (ou deveria) muito mais ao fruir cultural. Essas características levam ao paradoxo da eficácia do ensino não formal diante do contexto formal que tem o objetivo de aprendizagem, mas que, muitas vezes, fracassa em seu intuito.

Dessa forma, a escola tem participação crucial no papel de educar as gerações, todavia para que a educação integral que é preconizada pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), ocorra deve haver a articulação entre diferentes instituições, para a formação do conhecimento.

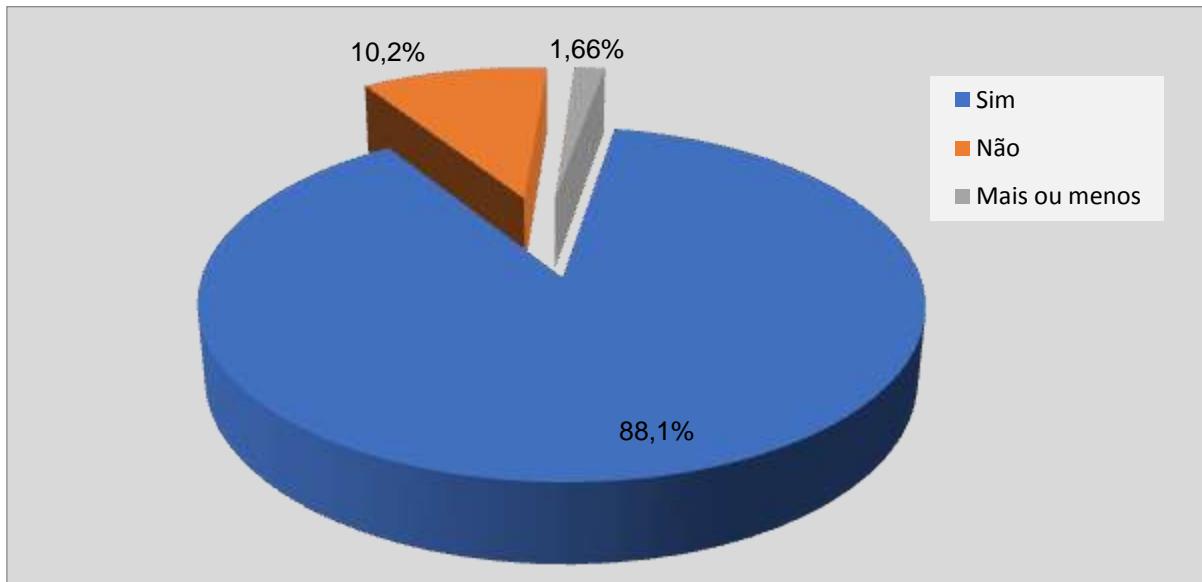
Gráfico 13 - Pretende retornar ao Museu nos próximos doze meses



No que diz respeito à intenção de visitar novamente o museu nos próximos doze meses, 93,22% dos alunos responderam que pretendem voltar ao museu ainda no mesmo ano da experiência em análise, ano de 2018.

Grispum (2000) revelou que no Brasil, muitos pais delegam à escola a função de levar as crianças para visitar os museus e os centros culturais, acumulando para a escola o compromisso com a educação formal e não-formal.

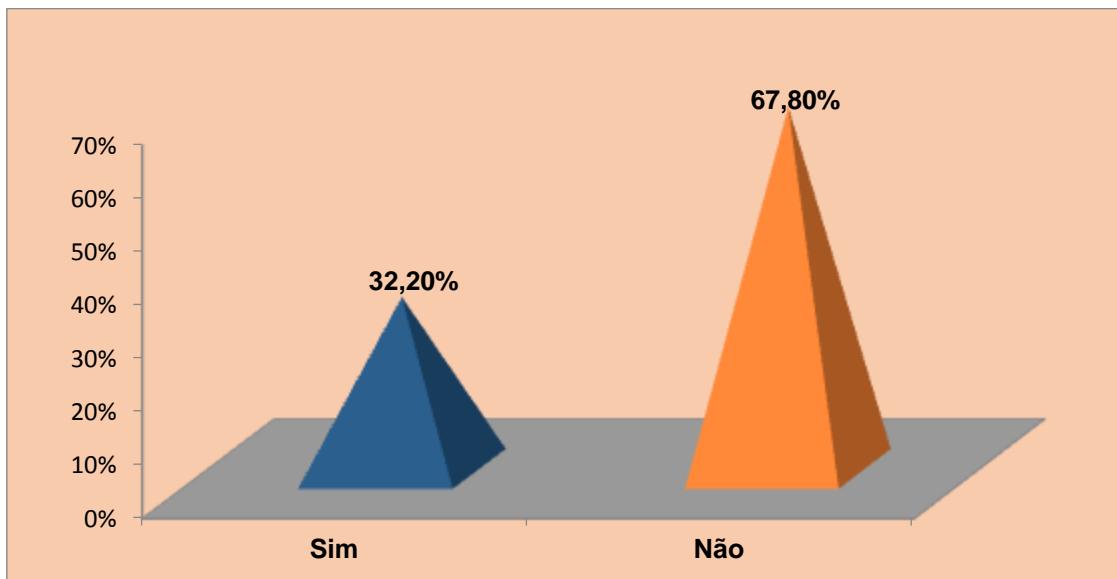
Gráfico 14 - Aprendeu algo que se relaciona ao conteúdo ministrado na escola



Com relação à integração da aprendizagem formal e a não-formal, a maioria dos alunos destaca que aprendeu e vivenciou experiências que complementam as aulas ministradas na escola (88,1%).

Em relato à pesquisadora, o aluno Renan, do 7º ano, da Escola Municipal Professora Oliva Enciso disse que viu um pouco de cada tribo indígena do estado de Mato Grosso do Sul, e que gostou muito do passeio, complementando o conhecimento adquirido na escola.

Gráfico 15 - Conhece algum outro Museu em Campo Grande ou Centro Cultural



Reafirmando as respostas anteriores, 67,80% dos alunos desconhecem os museus de Campo Grande - MS, localidade em que moram.

Para Varine (2012, p. 172), o museu é um instrumento útil eficaz de informação, de educação, de mobilização a serviço do desenvolvimento local. Um meio de administrar de modo dinâmico o patrimônio global de uma comunidade humana e de seu território.

7.3 Perspectivas e desafios dos dirigentes dos museus de Campo Grande - MS pesquisados, no contexto do desenvolvimento local

Nesta fase de pesquisa de campo, a amostragem foi proveniente das entrevistas semiestruturadas realizadas com os dirigentes dos três museus pesquisados: Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO/MS), Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/MS).

A entrevista foi semiestruturada envolvendo duas grandes questões; a primeira pergunta, diz respeito a uma macroanálise dos museus de Campo Grande-MS e a segunda questão enfocando o programa de educação patrimonial dos museus.

A primeira entrevista ocorreu em 05 de junho/2019, com Lúcia Monte Serrat Alves Bueno professora aposentada da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, com licenciatura em Desenho pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e mestrado em Educação, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e desde 2017, atua como diretora do Museu de Arte Contemporânea (MARCO/MS). Na entrevista, quanto à questão situação dos museus locais, a professora Lúcia destacou ser bem interessante a situação de integração entre os atores dos museus de Campo Grande - MS. A segunda entrevista, em 07 de junho/2019 foi concedida pelo diretor do Museu das Culturas Dom Bosco, Dirceu Mauricio Van Lonkhuijzen, professor da Universidade Católica Dom Bosco, mestre em Ensino de Ciências com linha de pesquisa em Educação Ambiental, professor na Universidade Católica Dom Bosco. A entrevista realizada no dia 1º de julho/2019, foi com a dirigente do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professora Emília Mariko Kashimoto, Livre-Docente em Arqueologia Brasileira, título obtido em concurso realizado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Possui doutorado e mestrado em Arqueologia pela USP; graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atuou como professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Chefe de Divisão do Museu de Arqueologia da mesma Universidade (MuArq) até o ano de 2019. Desempenhou a função de curadora do Museu das Culturas Dom Bosco. Na ocasião da entrevista a professora Emília Mariko Kashimoto estava se desligando do museu, por motivo de aposentadoria. Encontrava-se responsável pela direção do MuArq/UFMS a professora mestra Laura Roseli Pael Duarte, que também foi entrevistada. A professora Laura é graduada em História, especialista em Educação Ambiental em Espaços Educadores Sustentáveis e mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Os entrevistados responderam as questões destacadas pela pesquisadora, 1. Como você vê a situação dos museus em Campo Grande - MS? 2. Comente os Programas de Educação Patrimonial desenvolvidos neste museu.

A respeito da situação do patrimônio museal de Campo Grande - MS os dirigentes dos três museus pesquisados apresentaram diferentes percepções, por serem dois museus universitários e um museu de arte, ligado à Fundação de Cultura do estado de Mato Grosso do

Sul, todavia destacaram muitos aspectos convergentes, tais como: a falta de pessoal capacitado para trabalhar nos espaços museais e a destinação de verbas insuficientes para a manutenção destes espaços culturais. Um aspecto do MARCO ressaltado por Bueno (2019) é que se deve realizar uma integração entre os museus, que pode gerar a criação de uma Rede de Educadores Museais.

[...] antes a gente não se conversava né, pelo menos eu... eu estou muito pouco tempo nessa área de Museu, vai fazer três anos que estou na área de museu. Antes eu tinha uma visão, eu era professora de Arte. É uma coisa diferente, de você trabalhar no Museu, completamente diferente, eu estou tendo todo um aprendizado em relação ao museu, agora eu tenho estudado, tenho tentado me capacitar em relação ao museu e o que eu percebo assim, como aspirante, a nossa realidade, a essa realidade,... o que eu percebo é assim, que antes os museus não se conversavam praticamente, cada um desenvolvia o seu trabalho e cuidava do seu espaço, ... e hoje eu percebo que há essa disponibilidade, essa disposição de todo mundo de fazer um trabalho conjunto, e da gente se conversar e conhecer o trabalho do outro, de dividir inclusive as experiências, de ver como é que está fazendo o outro, porque apesar de cada um trabalhar numa área, de especificidades diferentes, terem muitas coisas que são muito semelhantes, e as batalhas de dinheiro, de espaço, de uma série de coisas que a gente tem que conquistar, são muitos semelhantes, e a questão política que a gente está envolvida é muito igual, então a gente está lutando junto, é bom, a gente se fortalece (BUENO, 2019).

A análise da professora Lúcia enfatiza a importância de uma rede de educadores de museus, pois em rede se objetiva incentivar e fortalecer reflexões no campo da educação não formal, e, as organizações podem atuar como importantes espaços de formação e atuação política. Nesta concepção, Castells, enfatiza que “rede é um conjunto de nós interconectados. Nós é o ponto no qual uma curva se entrecorta” (CASTELLS, 2005). Na ótica do autor, a própria contemporaneidade pode ser definida, entre outras coisas, pelo “estar em rede”, sendo esse um dos traços que caracterizam esta época, e o trabalho em cooperação tende a gerar bons resultados para as instituições museais envolvidas.

Quanto ao trabalho em rede de educadores de museus, o diretor do Museu das Culturas Dom Bosco, comenta que há necessidade de maior integração entre os museus, o que resultaria em ganho cultural e social, ressalta que na perspectiva atual dos museus de Campo Grande - MS verifica que os diretores, e, os educadores museais e os funcionários, estão motivados a cooperação, em busca de uma integração, para um trabalho profícuo (LONKHUIJZEN, 2019).

Ainda enfatizando os desafios pelos quais os dirigentes de museus passam na capital de Mato Grosso do Sul, destacam-se: a inexistência de Plano Diretor em muitos museus

locais, com exceção aos museus universitários, falta de profissionais habilitados e com experiência em Museologia¹⁸, pouco interesse de acadêmicos/estagiários em atuar em museus, orçamento deficitário destinado à cultura e até inexistência de recursos financeiros, descontinuidade nos programas educativos (política de governo e não de estado), falta de preservação de seus acervos e manutenção de suas instalações. Com relação aos desafios e perspectivas para os museus Kashimoto (2019) comenta:

Então hoje, eu vejo os museus, como se fossem castelos, eles ficam distanciados e a comunidade não se comunica, não reivindica, então a maioria dos museus não tem apoio financeiro, não tem condições de atendimento, até minimamente condições de segurança [...] Então depois dessa tragédia a nível nacional, incêndio no Museu Nacional - RJ muito se discutiu a questão da segurança em museus. Tenho uma colega que trabalhava lá, e ela dizia que o carioca não frequentava o Museu Nacional, quem visitava eram os turistas. Então mesmo sendo um dos principais do Brasil, com toda aquela visibilidade, no Rio de Janeiro, uma cidade de turismo, também não era o lugar de turistas. Era um lugar de, ocasionalmente turistas externos, não da comunidade, então ela fala assim: 'Não o pessoal quer ir para a praia, quer ir para o pagode, ninguém quer ir para o Museu' [...] entrando no enfoque dos universitários, uma burocracia, e uma série de normas que impedem que o Museu se abra totalmente para a sociedade, então no caso do Museu Nacional não podia aceitar ou não quis aceitar recursos de empresas privadas para melhoria no seu sistema de segurança. E aqui também, nós não podemos ter uma loja vendendo produtos, porque o Museu não é para isso, precisaria passar por todo um procedimento. E mesmo pra criar uma Associação de Amigos de Museus, passa por uma série de aspectos que viabilizam a existência, porque como que vai justificar legalmente, enfim, então os Museus Universitários em geral no Brasil, a grande maioria também padece dessa desconexão, inclusive com o próprio ambiente universitário. A maioria dos alunos da universidade federal não conhece o MuArq. Mas muitos falam: "Eu não sabia que existia", mas também não vem conhecer. Então todas as conexões, dos grupos mais próximo, da sociedade, não estão bem ligados com o Museu, essa questão do financiamento é algo que estrangula, porque por exemplo, o Museu do Vaticano tem filas e filas, e os ingressos, o retroalimentam o MuArq não cobra ingresso, mas também não tem como a Universidade custear, então de fato, ele está aqui há mais de 10 anos, muito em função de que o Governo do Estado cedeu o espaço e os serviços para manutenção aqui, a energia, a limpeza, a água, é tudo custeado pelo Estado. Os Museus precisam das parcerias com as empresas, com outros órgãos governamentais para estimular, porque essa convergência, essa interação, essa comunhão é que faz o Museu vivo, concluindo se você me perguntar sobre os museus de Campo Grande, eu vejo que realmente há muitas dificuldades, assim como no Brasil, em geral.

A respeito do problema da pesquisa - baixo fluxo de visitantes em museus, a diretora do MARCO/MS - Lúcia Monte Serrat Alves Bueno, destacou que está em busca de estratégias para aumentar a visitação, porque o trabalho é feito, mas há pouca visibilidade, por parte da comunidade. Ressaltou em sua fala que:

¹⁸ Em Campo Grande só há um profissional Museólogo, Sra. Sara Bernal, que atua na 18^a SR do IPHAN/MS.

[...] quando vem alguém nos visitar aqui, a gente sempre recomenda, que vá ao Museu das Culturas Dom Bosco. Às vezes, as pessoas vêm aqui e não tem nem ideia de que existe um outro Museu aqui dentro desse espaço, do Parque das Nações Indígenas, e, que é um Museu maravilhoso, que tem uma tipologia completamente diferente da do MARCO/MS. No país não há essa formação, essa cultura de visitação em Museus, no ensino formal no Brasil (BUENO, 2019).

A população ainda tem essa resistência de vir ao Museu, e ainda é muito pouco. Durante as férias há um fluxo maior de turistas, então julho é uma época de turistas, a população de Campo Grande ainda é tímida, poucos nos visitam (DUARTE, 2019).

Destacando o deslocamento das escolas, como um grande obstáculo para ampliar o fluxo de visitantes, o Museu das Culturas Dom Bosco estabeleceu que parte de sua bilheteria, proveniente das visitas das escolas particulares, que participam do Programa de Visitas - PROVIS, tem um valor diferenciado de R\$ 2,00 (dois reais), e quando chega aproximadamente a R\$ 300,00 (trezentos reais) o museu utiliza esse recurso para custear visitas/deslocamento de uma escola pública, periférica. A realidade do Museu de Arte Contemporânea, na expressão de sua dirigente não é diferente, o problema maior para ampliar a visitação das escolas é o transporte. O MARCO/MS vem buscando estratégias para adquirir um ônibus próprio, talvez até por intermédio de recursos federais (Emenda Parlamentar).

Bueno (2019) destaca algumas estratégias para aumentar o fluxo de visitantes no MARCO/MS:

1. Um ano, dois anos, não sei atrás, aquela escultura do Manoel de Barros estava aqui, eu mandei fazer um banner do Manoel de Barros, com uma frase dele, coloquei ali na entrada convidando as pessoas para virem visitar. Sabe que mesmo assim, o nosso público foi pequeno.
2. Estimular a população para que visita e descubra o museu, pois se a pessoa vem ao parque (Parque das Nações Indígenas), espaço geográfico em que o MARCO se encontra, fazer uma caminhada, essa caminhada poderia se iniciar por dentro do Museu, primeiro. Pois fora do país, as pessoas caminham também em volta dos parques, e até por dentro dos Museus, com a mesma naturalidade. São duas experiências, que podem ser associadas, a cultural e a física.
3. Oportunizar momentos de lazer cultural em parceria com a UNIMED, considerando que alguns funcionários do Hospital da Unimed, localizado em frente ao museu almoçam no nosso gramado, e não entram, e se entram é com o objetivo de usar o banheiro. Ou seja, a população menos instruída se sente excluída dos museus, por não saber como se portar nesse local.

Todos os dirigentes dos museus entrevistados ressaltam que a relação museu-escola é essencial para o patrimônio cultural, pois apesar das dificuldades de logística as escolas são o público mais incidente nos museus de Campo Grande.

No tocante aos museus de Campo Grande - MS, Duarte (2019) destaca que não conhece o trabalho de cada um dos Museus, e que todos possuem suas particularidades:

[...] eu posso falar do nosso trabalho junto com o Sistema Estadual de Museus, vejo que há um crescimento na questão da educação patrimonial. Há oferta de várias oficinas de educação patrimonial, tanto para os professores quanto para os alunos, teve um projeto recente da Prefeitura, que eles estão com essas oficinas, e a questão da educação patrimonial agora está em foco, mas ainda faltam profissionais capacitados na área, então nós aqui trabalhamos com o que a gente pode [...] não temos um pedagogo, e orientamos da melhor forma os professores.

No aspecto do planejamento, execução e avaliação das visitas ao MARCO/MS, Bueno (2019) e Lonkhuijzen (2019) expressam o interesse em favorecer as escolas carentes, mecanismos de acesso:

Porque assim, a escola a gente consegue trazer, bem ou mal. Assim nós gostaríamos de colaborar no deslocamento dos alunos de escolas públicas, porque as dificuldades das escolas, especialmente as públicas é o ônibus para trazer, é o transporte, a escola particular não tem esse problema (BUENO, 2019).

O programa de visita do MCDB tem hoje, o desafio de melhorar a qualidade. A quantidade, ela vem com isso também, a gente sabe que enquanto as visitas forem prazerosas, divertidas e educativas, o público vai continuar vindo (LONKHUIJZEN, 2019).

Os dirigentes de museus reconhecem a importância da educação na preservação do patrimônio cultural. É unanimidade entre eles que uma visita a um museu pode ser uma complementação do conteúdo que é dado na escola. Neste prisma o diretor do MCDB, destaca:

O grande desafio hoje, é fazer com que essa quantidade, que já está chegando, ao que a gente propõe como meta, de anualmente, se aproximarmos de 20 mil visitantes/ano, que não sejam 20 mil visitantes que passem apenas contemplando as Exposições, mas que essas visitas tragam uma aprendizagem, que principalmente no PROVIS, que é o programa que lida com grupos escolares, do Ensino Fundamental, Médio e Superior, que essa mediação, e aí a gente vai ter a questão da educação não formal muito forte, aconteça. E educação não formal implica em trabalhar junto com a educação formal. Esse é o grande desafio do programa de visitas, de aproximar a noosfera, a comunidade escolar, dar a oportunidade de usar o Museu, como um espaço de e para aprendizagem, e não uma visita educativa informal, aonde o lazer é o principal objetivo (LONKHUIJZEN, 2019).

No que concerne aos programas de educação patrimonial, segunda questão direcionada aos entrevistados, ficou perceptível a preocupação com a educação não-formal

desenvolvida em museus e que há um planejamento para a execução e posterior avaliação dessas ações:

Nós aqui fazemos a educação patrimonial, desde que iniciou o Museu, desde que as pessoas fundaram o Museu, nós estamos com dez anos, e a cada ano que passa a gente vê um crescimento da procura, principalmente que é o setor da educação, que são as escolas. Existe um crescimento exponencial de turmas, e assim o que nos surpreende, é a idade dos alunos, por exemplo, nós tínhamos a Arqueologia, faz parte do conteúdo do sexto ano, mas com o passar do tempo a gente foi vendo o nosso público se modificar na questão, recebemos alunos desde a educação infantil. Os professores juntamente com a equipe do museu planejam ações de educação patrimonial. E no outro grupo de alunos, se encontram os das universidades, hoje nós temos grupos diversificados como teologia, enfermagem e inglês. Inclusive esse ano o MuArq ofereceu uma capacitação de professores em inglês. A população ainda tem essa resistência de vir ao Museu, e ainda é muito pouco. Durante as férias há um fluxo maior de turistas, então julho é uma época de turistas, a população de Campo Grande ainda é tímida, poucos nos visitam (DUARTE, 2019).

Em educação patrimonial, o Museu das Culturas Dom Bosco estabeleceu parceria com as Secretarias de Educação do Estado e do Município de Campo Grande e oferece capacitação museal, semestralmente aos professores, de várias disciplinas, como História, Biologia, Filosofia, Língua Portuguesa, que de forma interdisciplinar reconhecem as possibilidades didáticas que o museu oferece para suas diferentes áreas e se sentem motivados a programar aulas na instituição museal.

Para aumentar o fluxo de visitantes e tornar o museu um espaço vivo a favor da sociedade e de seu desenvolvimento, o Museu de Arte Contemporânea - MARCO/MS realiza já há mais de cinco anos, diversas oficinas de arte, abertas à comunidade durante o ano e intensificadas nos períodos de férias escolares (julho e dezembro). A própria diretora do museu professora Lúcia Monte Serrat Alves Bueno, ministra semanalmente uma Oficina de Aquarela e aos sábados acontecem duas Oficinas de Desenho, que por serem ministradas por profissionais não ligados ao museu possuem taxa de inscrição, a preços módicos. No período de férias, é a oportunidade de o museu cativar novos admiradores das Artes Plásticas, por meio de Oficinas de *Stop Motion*, Desenho Mangá, Circo, Papel Machê, dentre outras.

[...] nas férias tem um trabalho intenso aqui. Férias é um momento assim que a gente trabalha para caramba, nas férias vai ter oficina para crianças de: *stop motion*, desenho mangá, história em quadrinhos, expressão corporal e circo, tem muitas atividades. As crianças atraem os pais (a família), outras crianças, os vizinhos. Ampliando o público consumidor de cultura, enfim é aquela pedrinha que você joga no meio da água e que vai ampliando o círculo (BUENO, 2019).

Os discursos dos dirigentes museais comprovam a necessidade de políticas públicas e privadas que incentivem a população para o reconhecimento de suas peculiaridades, da pluralidade cultural, levando à preservação e ao conhecimento do patrimônio. Exemplos de ações sociais em museus é a realização de desfiles, espetáculos, cursos, feiras, oficinas de saberes tradicionais (locais) e ações educativas em parceria com escolas. O museu também deve ser um espaço aberto à inclusão social, favorecendo oportunidades às pessoas com deficiências - PCD's e adaptação sua arquitetura e expografia a todos em geral.

Quanto à inclusão, o Museu de Arte Contemporânea oferece semanalmente oficinas de pintura, de argila, escultura e de dança com alunos da Associação Pestalozzi de Campo Grande¹⁹. Após as aulas de artes, os alunos e os professores realizam visitas mediadas as exposições, planejadas pelo programa educativo do museu.

Dentro do Programa de Educação Patrimonial do Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - MuArq/UFMS destaca-se ainda a preocupação com a inclusão, sendo assim, o museu formalizou parceria com a Associação Juliano Varela²⁰, (Figura 31).

Figura 31 - Alunos da Associação Juliano Varela em visita ao MuArq/UFMS



Foto: Laura R. Pael Duarte (arquivo do MuArq/UFMS).

Conforme relato de Duarte (2019), os alunos da instituição vieram até o museu, interagiram na forma deles, do jeito deles e adquiriram conhecimento acerca da Museologia/Arqueologia. Kashimoto (2019) detalhou essa ação:

Só complementando o projeto visava a interação de três segmentos, 1º) o grupo de escola municipal, 2º) escolas particulares e 3º) alunos PCD's, no

¹⁹ Associação Pestalozzi de Campo Grande/MS é uma instituição sem fins lucrativos, que atende crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual e/ou transtorno neuromotor.

²⁰ Associação Juliano Varela foi criada em 28 de Janeiro de 1994, com o objetivo de promover programas para o pleno desenvolvimento das pessoas com Síndrome de Down.

caso Síndrome de Down. Inicialmente a equipe do MuArq foi para a escola, tratou conceitos como arqueologia, do tempo, detalhando o que significa o tempo do dinossauro, e, o tempo do ser humano. Enfim nesse primeiro contato, motivando os estudantes para virem aqui. E aí eles vieram com visita mediada, pelos estagiários e pelos funcionários, e, com atividades - oficina de pintura com neon, atividade lúdica de escavação, e pinturas, pois fazendo pinturas, a gente trabalha, a consciência arqueológica de tempo, dos signos, pinturas, desenhos, artefatos. E depois disso a proposta era retornarmos à escola novamente para uma avaliação, novamente rever esse tema, que eles viram os vídeos também aqui no MuArq, além da exposição. Esse projeto de educação patrimonial, foi um primeiro exercício nosso de interação, bastante proveitoso.

A pesquisa de campo proporcionou um contato mais próximo com os dirigentes dos três museus de Campo Grande - MS destacados neste trabalho (MARCO/MS, MCDB e MuArq), por suas ações educativas de sucesso, mesmo com gestão, tipologias diferentes e características arquitetônicas distintas é perceptível que as dificuldades enfrentadas por estes espaços culturais são convergentes; destacando com incidência, o problema investigado na pesquisa: a falta de planejamento para desenvolvimento de ações voltadas para a gestão dos museus e o baixo fluxo de visitantes, consiste um desafio a ser transposto.

Visto que o museu não faz parte das escolhas das pessoas em seus momentos de lazer, a escola se destaca em oferecer além da educação formal, visitas aos museus, reconhecendo a importância do museu para a construção cultural. No aspecto educativo, o museu é um território interdisciplinar em que se articulam diversas áreas de conhecimento. Os agentes de desenvolvimento local necessitam priorizar a função educativa do museu para atender ao seu papel social, sendo um espaço cultural, aberto ao público e com coleção organizada, estando tempestivamente ajustado e que democratiza a sua pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou o patrimônio museal de Campo Grande - MS sob a perspectiva da educação e do desenvolvimento local, apresentando os marcos conceituais e demonstrando que a educação patrimonial tem caráter interdisciplinar e, também sob o ponto de vista de uma cultura democrática que preserva e divulga seus bens patrimoniais, visando encontrar novas possibilidades de apropriação da herança artístico-cultural, por meio dos recursos disponíveis que possam justificar um plano de educação patrimonial eficaz.

Quanto ao problema investigado, constatou-se realmente que o fluxo de visitantes nos museus da capital sul-mato-grossense é baixo e que a maioria deles não conta com uma política pública voltada aos preceitos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, evidenciando inclusive, que os museus devem contar com uma boa gestão de pessoas em seu quadro funcional.

Nesse contexto, optou-se por entender como os dirigentes de museus locais empreendem os programas de educação patrimonial em museus, mostrando que o enfoque educativo dado aos museus universitários oportunize que o ensino, a pesquisa e a extensão sejam alcançados. Nesta etapa, comprovou-se que os museus começam a voltar o seu olhar para a inclusão social, oferecendo atividades de educação patrimonial também a pessoas com deficiência, o que foi comprovado por meio de projetos desenvolvidos, destacando-se que no Museu de Arte Contemporânea (MARCO/MS), ocorrem ações educativas específicas para crianças com deficiência intelectual em parceria com a Pestalozzi. Em outro aporte, o Museu de Arqueologia (MuArq/UFMS), devolve projetos em parceria com a Instituição Juliano Varela, que atende alunos com Síndrome de Down; no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) são desenvolvidos projetos voltados para alunos surdos, com destaque para os aspectos de cidadania, presente na Constituição Brasileira de 1988, inclusive conhecida com Constituição Cidadã.

Assim, a pesquisa foi estabelecida por meio de um trabalho científico, ocasião em que se realizou uma investigação voltada para as percepções dos sujeitos, utilizando-se técnicas observacionais centradas em contagens quantitativas dos usuários dos museus e suas concepções, acerca do conhecimento, preservação e conservação do patrimônio cultural em Campo Grande-MS. Tal científicidade baseou-se em estudiosos que têm trabalhado a museologia e patrimônio, lançando-se um olhar inédito acerca da realidade do patrimônio histórico museal, com perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local.

Os desafios em relação aos museus de Campo Grande - MS são muitos, dentre os quais se podem ressaltar a falta de recursos financeiros e a invisibilidade/desvalorização, por grande parte dos dirigentes públicos. Algumas situações investigadas comprovam as dificuldades enfrentadas por essas instituições: a inexistência de acessibilidade, fato verificado em muitos destes espaços; a má conservação dos objetos museais, situação perceptível pelos visitantes, em grande parte dos museus locais; falta de identificação nas peças do acervo; iluminação insuficiente; carência de espaços educativos para atividades de educação patrimonial e, ainda, a limpeza deficitária.

Outra situação percebida nos relatos dos dirigentes dos museus durante as entrevistas refere-se à gestão dos recursos humanos, pontuando que há necessidade de ampliação do número de funcionários, bem como, capacitação para o exercício de diversas funções no espaço museal. Quanto aos desafios devem ser intensificados por meio de uma interação do conhecimento da história, com propostas de gestão formalizadas no Plano Museológico, documento inexistente em muitos dos museus da cidade morena. Verificou-se imperativo estabelecer, em parceria com o poder público e o privado, estratégias para movimentar o cenário cultural local e tirar os museus da invisibilidade em que se encontram, configurando-se que tal plano tona-se um instrumento essencial para o incremento de ações nos museus.

As perspectivas verificadas ao longo da pesquisa mostraram a importância de se criar um trabalho em rede, envolvendo os educadores de museus, e também dar suporte ao Sistema Estadual de Museus - SIEM-MS, que vem apoiando e se destacando em ações integradas junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e cumprindo dessa forma, com sua a finalidade de proporcionar aperfeiçoamento aos recursos humanos dos museus de MS. O Sistema Estadual de Museus - MS, unidade ligada a Fundação Estadual de Cultura, também tem impulsionado os museus da cidade Campo Grande - MS a participarem de eventos em esfera nacional, como a Semana Nacional de Museus, temporada cultural coordenada pelo IBRAM, que acontece todo ano em comemoração ao Dia Internacional dos Museus (18 de maio) e a Primavera de Museus que objetiva promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros, aumentar o público visitante e intensificar a relação dos museus com a sociedade. A partir da participação efetiva nestes eventos culturais, os museus, mesmo com grandes dificuldades de logística e planejamento, estão buscando ampliar o fluxo de visitante e dinamizando a economia local, pois ocorreram muitas e novas atividades culturais em museus, nestes períodos.

O museu atual pode ser interpretado pela sociedade como um caleidoscópio²¹, pois cada espaço apresenta múltiplas visões. Uma visita a um museu permite várias possibilidades, uma vez que o visitante transita do campo do lazer ao da pesquisa.

Há que se compreender os museus como meio de sensibilização da sociedade a uma cidadania democrática, pois tal espaço pode estar repleto de magia e multiplicidade variando de acordo com a potencialidade de cada museu, uma vez que cada um traz uma tipologia e pluralidade em seu acervo, que é aberto ao público, por meio de suas exposições (de longa duração e as temporárias) levando o visitante, seja este um turista ou um membro da comunidade, a formular amplas interpretações.

Considerando que contínuas transformações, combinações e encontros de formas, cores e composições das exposições, despontam nestes espaços e, se assemelham realmente ao encantamento de um caleidoscópio oportunizando a quem visita o museu, compreender a história sob a perspectiva das possibilidades, da sensibilidade, da criação, da invenção e reinvenção do mundo. Por isso, a analogia com o caleidoscópio, no formato de brinquedo, que na infância da pesquisadora a encantava, com seus efeitos visuais simétricos gerados por um conjunto de espelhos e vidros coloridos ampliava um horizonte de interpretação frente ao novo. Neste comparativo, apresenta o colorido, um olhar poético voltado aos museus. Também visto no enfoque deste instrumento, o museu oferece uma leitura social com sua expografia que conduz o visitante a justapor, manipular, inventar, e até enganar o olhar construindo uma nova interpretação do patrimônio cultural, ao longo da história. Analisando que a história do objeto construído para narrar o saber histórico, às vezes, se sobrepõe, deixando o homem em segundo plano nas interpretações expográficas museais.

Os museus precisam ser vistos sempre como espaços educativos, de pesquisa e também de lazer. Esta tese propiciou uma reflexão acerca da caracterização dos museus de Campo Grande - MS, fornecendo fatos e dados para que o leitor interprete o patrimônio cultural, por intermédio dos referenciais teóricos, motivando uma reflexão quanto ao papel dos museus e suas relações com a educação patrimonial na permanência da memória. A sociedade local, em sua grande parte, não percebe o museu com um espaço de conhecimento ou de lazer, não havendo estímulos das famílias em levar seus filhos aos museus, cabendo a escola esta missão.

²¹ Sentido etimológico formado pelos termos gregos: *kallós* (“belo”, “bonito”); *eidos* (“imagem”); e *skopeo* (“olhar para”, “observar”). Assim, o significado original da palavra, seria “ver belas imagens”. www.significados.com.br/caleidoscopio.

Na ótica do desenvolvimento, as ações devem estimular o visitante a ser um agente local para que possa oferecer à comunidade, oportunidades na aquisição de conhecimento científicos e tradicionais.

As carências a serem supridas pelos museus não se resumem apenas a verba e pessoal, discurso recorrente por parte dos dirigentes museais e em estudos de muitos teóricos; mas sim ao caráter de se enfatizar o papel social dos museus dinamizando as ações culturais. Nesse prisma, a relação dos museus com o turismo é relevante e abre uma gama de possibilidades de conhecimento e reconhecimento cultural, tendo em vista que os visitantes em passeio a um museu fazem uma imersão na cultura local, percorrendo este espaço de memória e território essenciais para a organização social.

Considera-se que esta pesquisa não esgotou a discussão sobre o tema, mas trouxe contribuições que poderão auxiliar em futuras reflexões e estudos sobre a importância da parceria museus e escolas e o reconhecimento desse espaço na construção do conhecimento.

Vislumbra-se que os resultados obtidos sejam utilizados para a elaboração de um manual de educação patrimonial em museus, voltado para a realidade local e a edição de uma cartilha de educação patrimonial em museus, objetivando aproximar os segmentos: comunidade e universidade. Essa relação é essencial no enfoque do desenvolvimento local, porque levaria a comunidade a desenvolver suas capacidades, competências e habilidades por meio de ações educativas, buscando alternativas endógenas para dinamizar os espaços museais.

REFERÊNCIAS

- ACADÊMICOS DO TUCURUVI. **Tucuruvi anuncia enredo inspirado em filme.** 13 maio 2017. Disponível em: <https://setor1.band.uol.com.br/tucuruvi-anuncia-enredo-inspirado-em-filme/>. Acesso em: 5 maio 2018.
- ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. Plano museológico - marco de regulação da gestão museal no Brasil. In: BARJA, Wagner (org.). **Seminário internacional sobre gestão museológica: questões teóricas e práticas.** Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, p. 27-32. (Série Obras em Parceria, 7)
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** São Paulo: Moderna, 1996.
- ARENKT, Hannah. A crise na Educação. In: **Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Nova Perspectiva, 2011.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Cultura de sub/desenvolvimento e desenvolvimento local.** Sobral: Edições UVA, 2006.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. **Formação educacional em desenvolvimento local:** relato de estudo em grupo e análise de conceitos. Campo Grande: UCDB, 2001.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. Pressupostos para a formação educacional em desenvolvimento local. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local.** Campo Grande, n. 1, v. 1, set. 2000, p. 63-73.
- AVILÉS, Rosa María Hervás. **Educación y Museos.** Módulo 3 - Aprender en Los Museos. Universidade de Murcia, Espanha, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CIKZlh0Hp64>. Acesso em: 10 ago. 2018.
- BARQUERO, Antônio Vazquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização.** Porto Alegre: FEE/UFRGS, 2002.
- BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada.** São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais. **Revista do Patrimônio**, n. 31, Brasília: IPHAN, p. 133-147, 2006.
- BETIM, Felipe. **Museu Nacional:** o luto de quem viu virar cinzas décadas de trabalho. 03 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/politica/1535989751_418912.html. Acesso em: 18 nov. 2018.
- BETTO, Frei. **Carnaval do sagrado ao profano.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/artigo-carnaval-do-sagrado-ao-profano>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território.** Rio de Janeiro: Geografia Cultural, EDUERJ, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte:** os museus de arte na Europa e seu público. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2.ed. São Paulo: USP, 2016.

- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- BRAND, Antonio. **A questão dos territórios**: concepções culturalmente distintas de território: transformações no território, desterritorialização sob a ótica indígena (algumas anotações para uso em sala de aula), 2009.
- BRAND, Antonio; MARINHO, Marcelo; LIMA, Vanusa Ribeiro de. História, identidade e desenvolvimento local: questões e conceitos. **Revista História & Perspectiva**, Uberlândia, v. 36/37, p. 363-388, jan. /dez., 2007.
- BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal - Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Publicado no DOU de 15.1.2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acessado em: 10 nov. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** - pluralidade cultural. Brasília: MEC, 1997.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos Gonçalves. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. **História, turismo e patrimônio cultural** - o poder simbólico do museu da inconfidência no imaginário social. Curitiba: Prismas, 2015.
- BUENO, Lúcia Monte Serrat Alves. **Museu de Arte Contemporânea - MARCO-MS**. Entrevista concedida a Maria Christina de Lima Félix Santos. Campo Grande, 5 jun. 2019.
- CAMERON, Duncan F. **O museu, um templo ou um fórum**. 1971. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2151-6952.1971.tb00416.x>. Acesso em: 21 out. 2019.
- CAMPO GRANDE (Município). **Lei complementar n. 94, de 6 de outubro de 2006**. Institui a política de desenvolvimento e o plano diretor de Campo Grande e dá outras providências. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/planurb/artigos/plano-diretor-de-campo-grande>. Acesso em: 28 nov. 2018.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 385. (Ensaios Latino-americanos, 1)
- CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**: histórias da Biblioteca de Alexandria. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANÔNICO, Marco Aurélio. **Bicentenário Museu Nacional, o mais antigo do país, tem problema de manutenção**. Folha de São Paulo. 30 maio 2018. Disponível em:

- <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/bicentenrio-museu-nacional-o-mais-antigo-do-pais-tem-problemas-de-manutencao.shtml>>. Acesso em: 18 out. 2018.
- CARVALHO, Cristina. **Quando a escola vai ao museu**. Campinas: Papirus, 2016.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTILHO, Maria Augusta de; FERREIRA, Rejane Platero. **O Museu das Culturas Dom Bosco: desenvolvimento local na educação básica**. Campo Grande: Gráfica Nacional, 2012.
- CASTILHO, Maria Augusta; ARENHARDT, Mauro Mallmann; BOURLEGAT, Cleonice Alexandre Le. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento aroeira, Chapadão do Sul. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, UCDB, v. 10, p. 159-169, 2009.
- CAVALCANTI, Carlos. **História das artes**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978.
- CHAGAS, Mário de Souza; NASCIMENTO JUNIOR, José do (Orgs.). **Subsídios para a criação de museus municipais**. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Cultura/ Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. 40p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/manual-subsidio-para-criacao-de-museu.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. Rio de Janeiro: Campus, 2010.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio** - Estação Liberdade. São Paulo: Unesp, 2001.
- CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico - Uma perspectiva dentre muitas. **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 3, 2014.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 7.ed. São Paulo: Futura, 2003.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DORSA, Arlinda Cantero. Comunidade pantaneira: crenças, cultura e diversidade. **Anais...** In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA XIII SEMANA DE HISTÓRIA UFMS/CPTL, Três Lagoas, 2010.
- DOWBOR, Ladislau. **Introdução ao planejamento municipal**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- DOWBOR, Ladislau. **Educação e desenvolvimento local**. 2006. Disponível em: www.dowbor.org/06edulcoal.doc. Acesso em: 12 mar. 2010.
- DUARTE, Laura Roseli Pael. **Museu de Arqueologia - MuArq**. Entrevista concedida a Maria Christina de Lima Félix Santos. Campo Grande, 1 jul. 2019.

FALK, John; DIERKING, Lynn. **Learning from Museums**: Visitor Experiences and the Making of Meaning. Altamira Press: New York, 2000.

FCMS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. **Marco realiza em janeiro oficinas de férias de Stop Motion, Desenho Mangá e Circo**. 20 dez. 2016. Disponível em: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/marco-realiza-em-janeiro-oficinas-de-ferias-de-stop-motion-desenho-manga-e-circo/>. Acesso em: 10 fev. 2019.

FCMS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. **Museu de Arte Contemporânea - MARCO**, 11, nov. 2014. Disponível: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/museu-de-arte-contemporanea-marco>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FCMS. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. **Plano estadual de cultura**. 2013. Disponível em: <http://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/plano-estadual-de-cultura-de-ms>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FERNANDES, Hélènemarie Dias. **A (re)territorialização do patrimônio cultural tombado do Porto Geral de Corumbá-MS no contexto do desenvolvimento Local**. Orientadora: Maria Augusta de Castilho. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

FERNANDO, Samuel. **A ilusão da teoria das múltiplas inteligências**. 2017. Disponível em: <https://universoracionalista.org/a-ilusao-da-teoria-das-multiplas-inteligencias/>. Acesso em: 18 out. 2018.

FERREIRA, Aurélio de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; REIS, Alcenir Soares (Orgs.). **Patrimônio imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2015.

FLOWER, Derek. **Biblioteca de Alexandria**: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. Tradução Otacílio Nunes e Valter Ponte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papirus, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** - uma arqueologia das ciências. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FRANÇA, T.M. Um olhar sobre o conceito de Memória de Michel Pêcheux. **Interletras**. Dourados, v. 4, Edição 22, outubro, 2015 a março, 2016. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n22/artigos/17.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FRANCO, Augusto de. **Pobreza e desenvolvimento local**. Brasília: AED, 2002.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FRISCHTAK, Cláudio. O país no espelho. **O Estado de S. Paulo.** Matéria: 23 de setembro de 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-pais-no-espelho,70002514898>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- FUKUYAMA, Francis. **A grande ruptura - a natureza humana e a reconstituição da ordem social.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, 77 p.
- G1. **Acadêmicos do Tucuruvi conseguem levar desfile sobre museus mesmo fora da disputa após incêndio.** 10 fev. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/sao-paulo/carnaval/2018/noticia/academicos-do-tucuruvi-se-esforca-para-levar-desfile-sobre-museus-mesmo-fora-da-disputa-apos-incendio.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2018.
- GARDNER, Howard. **Estruturas da mente:** a teoria das múltiplas inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** São Paulo: LTC, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A transição para a humanidade.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultural, 1996.
- GIBBS, Graham. **Análise dos dados qualitativos.** Porto Alegre: Armend, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa - Coordenada por Uwe Flick).
- GRINSPUM, Denise. **Educação para o patrimônio:** museu e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GRINSPUM, Denise; JAFFE Noemi. **Ver palavras, ler imagens - literatura e arte.** Coleção Viver, Aprender. Ação Educativa: São Paulo - Global: São Paulo, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HAUTECOEUR, Louis. **História geral da arte.** Reedição. São Paulo: EDIFEL, 1993.
- HELLWIG, A. W. **Museu, memória e identidade pomerana:** uma correlação local. Pelotas: Fundação Simon Bolívar, 2008. Disponível em: <http://www.fundacaosimonbolivasr.org.br/dowloadsslartigo5.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2009.
- HENRIQUES, Maria. As 9 musas da mitologia grega. **Revista - Educação.** São Paulo: Escola Rafael Pinheiro, n. 1, v 1, p. 10, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**: Brasil monárquico. São Paulo: DIFEL, reedição de 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Os museus**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/>. Acesso em: 5 out. 2018.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus e histórias controversas**: dizer o indizível. 15ª Semana de Museus - 2017. Brasília: IBRAM, 2017.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Museu e turismo**: estratégias de cooperação. Brasília: IBRAM, 2014.

IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Política nacional de museus**. Relatório de Gestão 2003-2010. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: Ministério da Cultura, 2010.

ICOM. Instituto Brasileiro de Museus. Janeiro, 2019. **O ICOM**. Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=4. Acesso em: 20 jan. 2019.

ICOM. Instituto Brasileiro de Museus. **Estatuto Social do Comitê do Conselho Internacional de Museus**. São Paulo: ICOM, abril, 2009. Disponível em: <http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Estatuto-ICOM-BR.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

ICOM. Instituto Brasileiro de Museus. **Código de ética**, 2006 Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=30. Acesso em: 21 out. 2006.

ICOM. Instituto Brasileiro de Museus. Conselho Internacional de Museus. **Definição**: museu 19 mar. 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>. Acesso em: 21 out. 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria Normativa nº 1, de 5 de julho de 2006**. Dispõe sobre a elaboração do Plano Museológico dos museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e dá outras providências. Brasília: D.O.U. 11/07/2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Caderno de diretrizes museológicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura; Superintendência de Museus, 2006. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf. Acesso em: 12 dez. 2016.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio cultural**. Brasília: Ministério da cultura, 1994.

IPHAN. Museus. Mário de Andrade. **Revista do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional**, n. 30, 2002.

ITAQUI, José. **Educação patrimonial**: a experiência da 4º Colônia. Santa Maria: Pallotti, 1998.

JORNAL CORREIO DO ESTADO. **Alerta dos Bombeiros:** todos os museus da Capital correm risco. Reportagem de Bruna Aquino e Aline Oliveira. 3 set. 2018. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/cidades/alerta-dos-bombeiros-museus-da-capital-estao-em-risco/335677/>. Acesso em: 11 fev. 2019.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a história do museu. In. **Caderno de diretrizes museológicas**. Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus. 2. ed. Brasília, 2006, p. 17-30.

KASHIMOTO, Emilia Mariko. **Museu de Arqueologia - MuArq**. Entrevista concedida a Maria Christina de Lima Félix Santos. Campo Grande, 1 jul. 2019.

KASHIMOTO, Emilia Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. **12.000 anos:** arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Life, 2012.

KASHIMOTO, Emilia Mariko; MARTINS, Gilson Rodolfo. **Arqueologia e paleoambiente do rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande MS: Life, 2009.

KASHIMOTO, Emilia Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEF, Ivan. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas pra regiões em desenvolvimento. **Interações - Revista Internacional do Desenvolvimento Local**. Campo Grande, v. 3, n. 4. p. 35-42, 2002.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/44296/1/memoria-e-memoria-coletiva-naperspectiva-zilda-kessel-/pagina1.html>. Acesso em: 12 dez. 2010.

KLICKSBERG, Bernardo. Os desafios éticos de um continente paradoxal. In: SEM, Amartya; KLICKSBERG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar**. A ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa científica, projeto e relatório. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LASTRES, Helena Maria Martins; CASSIOLATO, José Eduardo. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2004. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/redesist/P4/Ampli/Gloss%20rio%20RedeSist.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2010.

LATOUR, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tches**. Bauru: Edusc, 2002.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Territorialidades e dinâmicas sócio-ambientais**, Campo Grande: UUCDB, fev./jul, 2010. Notas de aulas.

LIMA, Eliane Oliveira. **Guia de museus e outras instituições culturais de Campo Grande - MS**. Campo Grande: Letra Livre, 2006.

LIMA, Maria Margareth Escobar Ribas. **Patrimônio histórico cultural do MS**. Campo Grande: FCMS, 2007.

LODY, R. Patrimônios culturais tradicionalmente não consagrados. **Anais...** SEMINÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DE MATO GROSSO DO SUL, Campo Grande: UCDB, 1998. p. 47-62.

- LONKHUIZEN, Dirceu Mauricio Van. **Musceu das Culturas Dom Bosco - MCDB**. Entrevista concedida a Maria Christina de Lima Félix Santos. Campo Grande, 7 jun. 2019.
- LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Revista Educação e Sociedade**, n. 40, p. 443-455, dez., 1991.
- LOURENÇO, Érika Lourenço; QUEDES, Maria do Carmo; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Patrimônio cultural, museus, psicologia e educação: diálogos**. Belo Horizonte: PUCMinas, 2009.
- LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. 13. ed. São Paulo: Nacional, 1981.
- MACGREGOR, A. **The Ashmolean Museum**. A brief history of the museum and its collections. London Ashmolean Museum & Jonathan Horne Publications, 2001.
- MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- MARANDINO, Martha (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008.
- MARANDINO, Martha *et al.* **A educação em museus e os materiais educativos**. São Paulo: GEENF/USP, 2016.
- MARANDINO, Martha; FERREIRA, Márcia Serra; SELLES, Sandra Escovedo. **Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos**. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARANDINO, Martha. Enfoques de Educação e comunicação nas bioexposições de museus de ciências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Bauru, v. 3, n. 1, p. 103-109, 2003.
- MARANDINO, Martha. **O conhecimento biológico nos museus de ciências**: análise do processo de construção do discurso expositivo. Orientadora: Myriam Krasilchik. 2001. 434 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MARCO. Museu de Arte Contemporânea. **Institucional**. Disponível em: <https://marcovirtual.wordpress.com/institucional/>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- MÁRQUEZ, Gabriel García Márquez. El texto de un sabio llamado Gabriel García Márquez, 20 abr. 2014. Disponível em: <https://www.portafolio.co/tendencias/texto-sabio-llamado-gabriel-garcia-marquez-47918>. Acesso em: 28 out. 2018.
- MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira e. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Revista Ciências da Informação**. Brasília, v.33, n.3, p. 41-49, 2004.
- MARTÍN, José Carpio. Desenvolvimento local para um novo desenvolvimento rural. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 2, n. 3, p. 57-66, set., 2001.
- MARTINS, Marcos Francisco. **O valor pedagógico e ético-político do conhecimento para a “filosofia da transformação” de Gramsci e sua relação com o marxismo originário**. Orientador: Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo. 2004. 304 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2004.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MATO GROSSO DO SUL, 2008. Decreto nº 12.687, de 30 de dezembro de 2008. Cria o Sistema Estadual de Museus de Mato Grosso do Sul (SIEM-MS).

MARQUES, Heitor Romero (Org.). **Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas.** Campo Grande: UCDB, 2001.

MCDB. Museu das Culturas Dom Bosco. **Memórias do Museu Dom Bosco.** Disponível em: Acesso em: <http://www.mcdb.org.br/materias.php?subcategoriaId=18&id=56&>. 21 nov. 2018.

MENDONÇA, Alba Valéria. **Carnavalesco que fez enredo sobre Museu Nacional diz que muitas coleções nunca foram expostas por falta de condições.** Matéria: 03/09/2018 12h41. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/03/carnavalesco-que-fez-enredo-sobre-museu-nacional-diz-que-muitas-colecoes-nunca-foram-expostas-por-falta-de-condicoes.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MENDONÇA, Lúcia Glicério; ROMANELLO, Jorge Luis (Orgs.). **Patrimônio Imaterial em perspectiva.** Londrina, PR: EDUEL, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS CASAS. Rio de Janeiro, 2002. **Anais ...** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, v. 2, p. 9-42, jan./dez., 1994.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia.** Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994. (Pretextos museológicos. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/221/204>. Acesso em: 5 maio 2019.

MERLO, Márcia. **Memórias e museus.** Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde.** 14.ed. São Paulo Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MITIDIERO, Marilda Batista; CASTILHO, Maria Augusta. **O Museu José Antônio Pereira:** a educação patrimonial no contexto da territorialidade urbana de Campo Grande - MS. Campo Grande - MS: Gráfica Mundial, 2011.

MONTEZ, Luiz Barros. **Johann Natterer e a situação singular de seu legado textual.** Texto avulso de uma pesquisa que contou com o apoio da Capes, CNPq e FAPERJ, 2011.

MORIN, Edgar. A escola mata a curiosidade. **Nova Escola - Entrevista**, outubro, 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/894/edgar-morin-a-escola-mata-a-curirosidade>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MORIN, Edgar. **Mundialização e cultura.** Conferência de Abertura do Seminário Internacional de Educação e Cultura, realizado no SESC Vila Mariana, São Paulo, agosto, 2002. Disponível em: http://edgarmorin.sescsp.org.br/arquivo/download/arquivos/morin_abre_por.doc. Acesso em: 12 jan. 2017.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MUARQ. Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **A criação e os objetivos do MuArq**. Disponível em: https://muarq.ufms.br/?page_id=174. Acesso em: 20 nov. 2018.

MUARQ. Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Prêmios**. Disponível em: https://muarq.ufms.br/?page_id=249. Acesso em: 10 jan. 2019.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Turismo** - um fenômeno econômico e social, outubro, 2012. Disponível em: <https://ajonu.org/2012/10/17/organizacao-mundial-do-turismo-omt>. Acesso em: 12 jan. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Discursos e museus**: da memória e do esquecimento. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 9, p. 1-18, jul., 2014. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/189.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

OSTROM, Elinor. **Cooperação é a chave do sucesso**. 04/05/2010. Disponível em: <http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1586598-17665-314,00.html>. Acesso em: 2 set. 2010.

PADILHA, Renata Cardozo; CAFÉ, Ligia; SILVA, Edna Lúcia. O papel das instituições museológicas na sociedade da informação/conhecimento. **Revista Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.2, p.68-82, abr./jun. 2014.

PALMA FILHO, João Cardoso. Educação através dos tempos. In: **Caderno de formação**: formação de professores, educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2010. p. 18-21.

PAULA, Juarez. **É possível aliar crescimento econômico com melhoria da qualidade de vida**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/customizado/desenvolvimento-territorial/integra_bia?ident_unico=12302. Acesso em: 10 jan. 2011.

PAULA, Zuleide Casagrande, MENDONÇA, Lúcia Glicério; ROMANELLO, Jorge Luis (Orgs.). **Polifonia do patrimônio**. Londrina: Eduel, 2012.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PEREIRA, Antônio. **A analítica do poder em Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIAGET, L. E. **A formação do símbolo na criança**. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monterio Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

PINTO, Tales dos Santos. História do carnaval e suas origens. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval.htm>. Acesso em: 14 mar. 2018.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

PUTNAM Robert D. **Bowling Alone**: The Collapse and Revival of American Community. New York: Simon & Schuster; 2000.

PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos, 2004.
- RIEDEL-DORN, C. H. **Johann Natterer und die Österreichische Brasilienexpedition**. Petrópolis: s.e., 2000.
- RIO DE JANEIRO. **O maior carnaval do mundo**. <http://www.carnaxe.com.br/history/anos/carnaval2.htm>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime Ian. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 15-27.
- RODRIGUES, Cahê. **Imperatriz Leopoldinense** - Caraval 2018. Disponível em: <http://www.apoteose.com/carnaval-2018/imperatriz-leopoldinense/sinopse/>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- ROMANO, Jorge O. **Empoderamento**: enfrentaremos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza. International Workshop Empowerment and Rights Based Approach in Fighting Poverty Together. Rio de Janeiro, Brazil, 4th to 6th September 2002.
- ROSENDALH, Zeny. Território e territorialidade: uma pesquisa geográfica para o estudo da religião. **Anais...** 10º ENCONTRO GEOGRÁFICO DA AMÉRICA LATINA, São Paulo, Universidade de São Paulo, 20 a 26 março, 2005. Disponível em: www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx. Acesso: 20 jan. 2016.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.), **Território**. Globalização e Fragmentação. São Paulo, Hucitec-ANPUR, 1994. p. 15-20.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Daniel Neves. História do Museu Nacional. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/historia-museu-nacional.htm>. Acesso em: 14 out. 2018.
- SOARES, Maria do Carmo Silva. **Redação de trabalhos científicos**. São Paulo: Cabral, 1995.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. O carnaval na Antiguidade. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/o-carnaval-na-antiguidade.htm>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- SUANO, Marlene. **O que é Museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. A trajetória do ensino da museologia no Brasil. **Museologia e interdisciplinaridade**, v. 2, n. 3, p. 76-88, 2013.
- TEJERA, Pilar. **Viajeras de leyenda** - aventuras asombrosas de trotamundos victorianas. Espanha: Proyectos Editoriales Casiopea, 2010.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem** - indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.
- TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional; EDUSP, 1973.
- TUAN, Yi-Fu. **Geografia humanística**. Anais da Associação Americana de Geógrafos, v. 66, n. 2, junho 1976.
- TYLOR, Edward. **Cultura primitiva**. Londres: John Mursay & Co, 1871.
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO, setembro, 2003.
- VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: O patrimônio a serviço do Desenvolvimento Local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello **Turismo e museus**. São Paulo: Aleph, 2006.
- VERGER, Jacques. **A Idade Média**. Tradução de Carlota Boto. Bauru: Edusc, 1999.
- VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues. **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: UNICAMP, 2000.
- WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.
- WEINGARTNER, Alisolete Antônia dos Santos. **Movimento Divisionista no Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Est Edições, 2002.
- YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário direcionado à comunidade local via *Google Forms*

1. Idade

15-30 anos 31-50 anos Acima de 51 anos

2. Qual o seu grau de escolaridade?

Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Ensino Superior

3. Profissão ou atividade que desempenha atualmente:

4. Qual a zona da cidade de Campo Grande - MS em que você habita?

Na zona rural
 Na zona urbana/central
 Na zona urbana/ periférica

5. Quais locais você frequenta, em momentos de lazer? Pode assinalar mais de uma opção:

<input type="checkbox"/> Shopping	<input type="checkbox"/> Cinema	<input type="checkbox"/> Parques e Praças
<input type="checkbox"/> Teatro	<input type="checkbox"/> Museus	<input type="checkbox"/> Centros Culturais
<input type="checkbox"/> Livrarias	<input type="checkbox"/> Cafeterias	

6. Você conhece algum museu em Campo Grande - MS?

Sim Não

7. Em caso afirmativo a visita que você fez teve qual objetivo?

Lazer Atividade escolar Pesquisa/estudo

8. Você já visitou algum dos museus relacionados a seguir?

Museu de Arte Contemporânea - MARCO



Sim
 Não

Museu José Antônio Pereira - MJAP



Sim
 Não

Museu de História da Medicina - MHM



Sim
 Não

Museu das Culturas Dom Bosco - MCDB



Sim
 Não

9. Você sabia que nesta edificação de Campo Grande - MS existem dois museus?



- Sim
 Não

10. Em caso positivo. Marque quais são eles:

- Museu de Arqueologia da Universidade Federal
 Museu de História da Medicina
 Museu de Arte Contemporânea de MS
 Museu de Imagem e do Som de MS
 Museu de Cera

11. Você acha importante levar uma criança para conhecer um museu?

- Sim
 Não

Em caso afirmativo. Justifique: _____

APÊNDICE B

Questionário aplicado aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Oliva Enciso - turno matutino

1- É a primeira vez que você visita este Museu?

2- Você ficou satisfeito com a visita que acabou de realizar?

3- Você pretende retornar a esse Museu nos próximos doze meses?

4- Você aprendeu algo que se relaciona ao conteúdo aprendido na escola?

5- Você conhece algum outro Museu em Campo Grande ou Centro Cultural?

APÊNDICE C**Roteiro de entrevista semiestrutura direcionada aos dirigentes dos museus pesquisados**

Questões:

1. Como você vê a situação dos museus em Campo Grande - MS?
2. Comente os Programas de Educação Patrimonial desenvolvidos neste museu.